

ROBIN HOBB

# A CORTE DOS TRAIDORES

A Saga do Assassino  
VOLUME III

*Tradução de Jorge Candeias*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina



Planícies Glaciais

COSTAS GELADAS

Ilha Branco

MAR BRANCO

Ilha Roque

Terra de

Angra dos Peixes

Baía Fria

Barca

COSTAS GELADAS

VIGAS

CERVO

REINO DA MONTANHA

LAVRA

Lago Bode

Rio Vim

Rio Cervo

Jhaampe

VARA

Torre do Cervo

Lago Azul

RASGÃO

Orla d'Areia

ERMOs CHUVOSOS

Rio das Gemas

ESTADOS DE CALCEDE

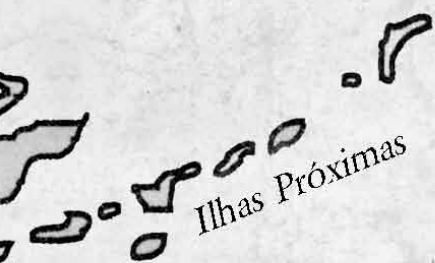
RAZOS

Mercadores de Vilamonte

Rio da Chuva

Baía Falsa

Baía dos Mercadores



Ilhas Próximas

Alcatrazes

e Gelo



# Os Seis Ducados

Ilha Gancho  
Baía das Focas

Ilha Beche  
Fundos-Altos

Ilha da Armação

Ilha do Linho

Ilha da Garra

Baía Limpa Baixios

Ilha de Vigia

Ilha do Ovo



-  Torres
-  Fronteira
-  Plataformas de Gelo



## *Interlúdios*

*De pedra eram os seus ossos feitos, da pedra cintilante e jaspeada das Montanhas. A sua carne era feita dos reluzentes sais da terra. Mas os seus corações eram feitos dos corações de homens sábios.*

*Vieram de longe, esses homens, uma viagem longa e árdua. Não hesitaram em pousar as vidas que se tinham tornado para eles uma fadiga. Terminaram os seus dias e deram início a eternidades, puseram de lado a carne e envergaram a pedra, deixaram cair as armas e ergueram-se em novas asas. Os Antigos.*

\*\*\*

Quando o rei finalmente me chamou, apresentei-me a ele. Fiel à promessa que fizera a mim próprio, não fora voluntariamente aos seus aposentos desde aquela tarde. A amargura ainda me roía por causa dos arranjos feitos com o Duque Fortes a respeito de mim e Celeridade. Mas uma convocatória do nosso rei não era algo que pudesse ser ignorado, independentemente da ira que ainda se agitasse em mim.

Mandou-me chamar numa manhã de Outono. Tinham-se passado pelo menos dois meses desde a última vez que eu estivera perante o Rei Sagaz. Ignorara os olhares magoados que o Bobo me atirava quando o encontrava, e evitava a questão ocasional de Ve-

racidade quanto ao motivo por que não demandara o aposento de Sagaz. Era bastante fácil. Coparede ainda defendia a sua porta como uma serpente na lareira, e a fraca saúde do Rei não era segredo para ninguém. Já ninguém era admitido nas suas salas antes do meio-dia. Por isso, disse a mim próprio que a convocatória daquela manhã augurava algo de importante.

Julgara que a manhã me pertenceria. Uma tempestade de Outono incomumente prematura e poderosa assolava-nos havia dois dias. O enérgico vento não mostrava misericórdia, enquanto uma chuva torrencial garantia que qualquer um que navegasse numa embarcação aberta ficaria totalmente ocupado a baldear água. Passara a noite anterior na taberna, com o resto da tripulação do *Rurisk*, fazendo brindes à tempestade e desejando que os Navios Vermelhos fossem plenamente beijados por ela. Voltara à torre para tomar embrutecido na cama, certo de que poderia dormir tanto quanto quisesse na manhã seguinte. Mas um pajem determinado não me largara a porta até que o sono me abandonara, após o que me entregara a convocatória formal do rei.

Lavei-me, barbeei-me, alisei o cabelo para trás e fiz um rabo-de-cavalo, e vesti roupa limpa. Fortaleci-me para nada trair do ressentimento que me consumia. Quando fiquei confiante de estar no controlo de mim próprio, saí dos meus aposentos e apresentei-me à porta do rei. Estava convencido de que Coparede iria fazer um sorriso escarninho e me mandaria embora. Mas naquela manhã abriu prontamente a porta após a minha batida. O olhar era ainda de desaprovação, mas levou-me rapidamente à presença do rei.

Sagaz encontrava-se sentado numa cadeira almofadada à frente da lareira. Apesar de tudo, o coração afundou-se-me ao ver quão enfraquecido ele estava. A pele mostrava-se fina e translúcida como pergaminho, os dedos tinham-se reduzido a ossos. A cara descaía, com a pele a pender onde em tempos a carne a mantivera firme. Os seus olhos escuros estavam afundados no rosto. Apertava as mãos no regaço num gesto que eu conhecia bem. Era assim que eu segurava as minhas para esconder o tremor que ainda me subjugava ocasionalmente. Uma pequena mesa junto ao seu cotovelo suportava um incensório, e dele erguia-se Fumo. Os fumos já tinham acumulado uma névoa azulada em volta das vigas. O Bobo encontrava-se esparramado desconsoladamente a seus pés.

“FitzCavalaria está aqui, Majestade,” anunciou Coparede.

O rei sobressaltou-se como se tivesse sido beliscado, após o que fez cair o olhar sobre mim. Parei na sua frente.

“FitzCavalaria,” reconheceu-me o rei.

Não havia força atrás das suas palavras, não havia qualquer presença. A minha amargura ainda se mantinha forte, mas não fui capaz de afogar a dor que senti por o ver assim. Ele ainda era o meu rei.

“Meu rei, vim conforme ordenastes,” disse eu com formalidade. Tentei agarrar-me à minha frieza.

Ele olhou-me com ar fatigado. Virou a cabeça para o lado, tossiu uma vez para o ombro. “Vejo que sim. Ótimo.” Fitou-me por um momento. Inspirou profundamente, fazendo o ar sussurrar nos pulmões. “Na noite passada chegou um mensageiro do Duque Fortes de Vigas. Trouxe os relatórios das colheitas e esse tipo de coisas, a maior parte destinadas a Majestoso. Mas a filha de Fortes, Celeridade, também mandou este pergaminho. É para ti.”

Estendeu-mo. Era um pequeno rolo, atado com uma fita amarela e selado com uma gota de cera verde. Relutantemente, dei um passo em frente para o receber.

“O mensageiro de Fortes irá regressar esta tarde a Vigas. Estou certo de que por essa altura já terás criado uma resposta apropriada.” O seu tom não fazia daquilo um pedido. Voltou a tossir. O torvelinho de emoções conflitantes que senti por ele azedou-me no estômago.

“Se mo permitirdes,” pedi, e quando o rei não levantou objecções, quebrei o selo e desatei a fita. Desenrolei o rolo para descobrir um segundo pergaminho aninhado lá dentro. Passei os olhos pelo primeiro. Celeridade escrevia com uma letra firme e clara. Desenrolei o segundo e examinei-o brevemente. Ergui os olhos para encontrar os de Sagaz postos em mim. Enfrentei-os sem emoção. “Ela escreve para desejar que tudo esteja bem comigo, e para me enviar uma cópia de um pergaminho que encontrou nas bibliotecas de Torre Crespa. Ou, mais propriamente, uma cópia daquilo que ainda estava legível. Pelo invólucro, julga que pertenceu aos Antigos. Notou o meu interesse por eles durante a minha visita a Torre Crespa. Parece-me que o texto era na verdade filosofia, ou talvez poesia.”

Devolvi os pergaminhos a Sagaz. Após um momento, ele pegou-lhes. Desenrolou o primeiro e segurou-o à distância de um braço. Franziu a testa, fitou-o brevemente, e então pousou-o sobre as pernas. “Os meus olhos, às vezes, estão enevoados de manhã,” disse.

Voltou a enrolar os dois pergaminhos em conjunto, com cuidado, como se fosse uma tarefa difícil. “Vais escrever-lhe uma nota apropriada de agradecimento.”

“Sim, meu rei.” Tinha a voz cuidadosamente formal. Voltei a receber os pergaminhos que ele me ofertava. Depois de ficar em pé na sua frente mais alguns momentos enquanto ele me trespassava com os olhos, aventurei-me a dizer: “Estou dispensado, meu rei?”

“Não.” Ele voltou a tossir, com mais força. De novo encheu os pulmões de ar, de uma forma longa e suspirada. “Não estás dispensado. Se eu te tivesse dispensado, tê-lo-ia feito há anos. Ter-te-ia deixado crescer numa aldeola num qualquer fim de mundo. Ou tratado de que não crescesses de todo. Não, FitzCavalaria, não te *dispensei*.” Algo da sua antiga presença voltou-lhe à voz. “Há alguns anos fiz um acordo contigo. Cumpriste a tua parte. E cumpriste-a bem. Eu sei como sou servido por ti, mesmo quando não achas por bem vires prestar-me contas pessoalmente. Sei como me serves, mesmo quando ardes de fúria para comigo. Não podia pedir muito mais do que me deste.” Voltou subitamente a tossir, uma tosse seca e violenta. Quando conseguiu falar, não o fez para mim.

“Bobo, um cálice de vinho aquecido, por favor. E pede ao Coparede as... as ervas aromáticas para o temperar.” O Bobo ergueu-se imediatamente, mas não vi vontade no seu rosto. Em vez disso, quando passou por trás da cadeira do rei deitou-me um olhar que poderia ter feito correr sangue. O rei indicou-me que esperasse com um pequeno gesto. Esfregou os olhos, e então voltou a aquietar as mãos no regaço. “Eu tento apenas cumprir a minha parte do acordo,” prosseguiu. “Prometi prover às tuas necessidades. Quero fazer mais do que isso. Quero ver-te casado com uma senhora de qualidade. Quero ver-te... ah. Obrigado.”

O Bobo voltara com o vinho. Reparei no modo como ele não encheu o cálice mais do que meio, e como o rei lhe pegou com as duas mãos. Senti um leve cheiro a ervas pouco familiares misturadas no odor volátil do vinho. A borda do cálice castanholou por duas vezes contra os dentes de Sagaz antes de ele o imobilizar com a boca. Bebeu um longo e profundo trago. Engoliu, após o que ficou imóvel por um momento, de olhos fechados, como que à escuta. Quando os abriu para me olhar uma vez mais, pareceu ter um momento de confusão. Passado esse momento, recuperou o controlo. “Quero ver-te com um título, e terras para administrar.” Ergueu o cálice e voltou a



beber. Ficou imóvel a segurá-lo, aquecendo as mãos magras em volta dele enquanto me examinava. “Gostaria de te fazer lembrar que não é coisa pouca que Fortes te ache um par adequado para a filha. Ele não hesita por causa do teu nascimento. Celeridade virá para ti com um título e propriedades suas. A tua união dá-me a oportunidade de me assegurar de que também os tenhas. Só quero o que é melhor para ti. Será assim tão difícil compreender isto?”

A pergunta deixou-me livre para falar. Inspirei fundo e tentei alcançá-lo. “Meu rei, eu sei que desejas o meu bem. Estou bem consciente da honra que o Duque Fortes me concede. A Dama Celeridade é uma mulher tão bela como qualquer homem poderia desejar. Mas a dama não é da minha escolha.”

O olhar dele ensombrou-se. “É aí que soas como Veracidade,” disse em tom de zanga. “Ou como o teu pai. Acho que eles mamarão teimosia dos seios da mãe.” Ergueu o cálice e esvaziou-o. Recostou-se na cadeira e abanou a cabeça. “Bobo. Mais vinho, por favor.”

“Eu ouvi os rumores,” prosseguiu pesadamente depois de o Bobo levar o cálice. “Majestoso traz-mos e murmura-os como uma ajudante de cozinha. Como se fossem importantes. Galinhas a cacarejar. Cães a ladrar. A importância é igual.” Observei o Bobo a voltar obedientemente a encher o cálice, com a relutância evidente em cada músculo do seu corpo esguio. Coparede surgiu como que chamado por magia. Empilhou mais Fumo no incensório, soprou uma minúscula brasa com lábios cuidadosamente franzidos até a pilha entrar em combustão, e então pairou para longe. Sagaz debruçou-se cuidadosamente, de modo a fazer os fumos passar em turbilhão pelo seu rosto. Inspirou, tossiu uma vez, e inalou mais Fumo. Recostou-se na cadeira. Um Bobo silencioso estava em pé com o seu vinho na mão.

“Majestoso afirma que estás enamorado de uma criada. Que andas atrás dela sem descanso. Bem, todos os homens são um dia novos. Tal como todas as criadas.” Aceitou o cálice e voltou a beber. E eu fiquei na sua frente, mordendo a parte de dentro da bochecha, mantendo à força de vontade os olhos em pedra. As minhas mãos traiçoeiras entregaram-se aos tremores que a exaustão física já não lhes provocava. Desejei cruzar os braços sobre o peito para as aquietar, mas mantive as mãos ao longo dos flancos. Concentrei-me em não esmagar o pequeno pergaminho que agarrava.

O Rei Sagaz baixou o cálice. Pousou-o na mesa a seu lado e

soltou um pesado suspiro. Permitiu que as mãos frouxas se lhe abrissem sobre as pernas enquanto encostava a cabeça às almofadas da cadeira. “FitzCavalaria,” disse.

Mantive-me em pé, atordoado, na sua frente, e esperei. Observei as suas pálpebras a baixar e então a fecharem-se. Depois a voltarem a abrir uma fenda. A cabeça oscilou-lhe ligeiramente enquanto falava. “Tens a boca zangada de Constância,” disse. Os seus olhos voltaram a cair. “Gostaria de te tratar bem,” murmurou. Passado um momento, um ressono zumbiu na sua boca descaída. E eu permaneci na sua frente, fitando-o. O meu rei.

Quando por fim soltei os olhos dele, vi a única coisa que me poderia ter atirado para um turbilhão mais forte. O Bobo, aninhado desconsoladamente aos pés de Sagaz, com os joelhos encostados ao peito. Fitava-me furioso, com a boca transformada numa linha horizontal. Lágrimas cristalinas transbordavam dos seus olhos sem cor.

Fugi.

No meu quarto, passei por um bocado em frente à lareira. Os sentimentos que tinha em mim crestavam-me. Forcei-me à calma, sentei-me e peguei numa pena e em papel. Escrevi uma breve e correcta nota de agradecimento à filha do Duque Fortes, enrolei-a cuidadosamente e selei-a com cera. Levantei-me, endireitei a camisa, alisei o cabelo para trás, e então atirei o rolo para a lareira.

Depois voltei a sentar-me com os instrumentos de escrita. Escrevi uma carta a Celeridade, a rapariga tímida que namoriscara comigo à mesa e estivera comigo nas falésias, ao vento, à espera de um repto que nunca chegara. Agradei-lhe o pergaminho. E então descrevi-lhe o meu Verão. Falei-lhe de manejar um remo no *Rurisk* dia após dia. Da minha falta de jeito com uma espada, que transformara o machado na minha arma. Descrevi-lhe a nossa primeira batalha, em implacável detalhe, e informei-a de como me sentira nauseado depois. Falei-lhe de estar sentado ao remo, congelado de terror, enquanto um Navio Vermelho nos atacava. Não fiz menção ao navio branco que vira. Terminei confidenciando que ainda era ocasionalmente incomodado por tremores, como sequela da longa doença que tivera nas Montanhas. Reli cuidadosamente a carta. Certo de me ter descrito como um remador comum, um idiota, um cobarde e um inválido, enrolei a carta e atei-a com a mesma fita amarela que ela usara. Não a selei. Não me importava com quem a lesse. Tinha a esperança secreta de que o Duque Fortes pudesse examinar aquela

carta dirigida à filha e depois a proibisse de sequer voltar a mencionar o meu nome.

Quando voltei a bater à porta do Rei Sagaz, Coparede veio abrir com o seu desagrado sombrio habitual. Recebeu o rolo que lhe entreguei como se estivesse sujo com alguma coisa, e fechou-me firmemente a porta na cara. Ao regressar ao meu quarto, pensei em quais os três venenos que usaria nele, caso me fosse dada a oportunidade. Era menos complicado do que pensar no meu rei.

De volta ao quarto, atirei-me para cima da cama. Desejei que fosse noite e fosse seguro eu ir ter com Moli. Então pensei nos meus segredos, e mesmo essa agradável antecipação desapareceu. Saltei da cama e escancarei as portadas da janela à tempestade. Mas até o tempo me desapontou.

O azul rompera o manto de nuvens, para deixar passar um pouco de luz aquática do sol. Um banco de nuvens negras que fervilhavam e se acumulavam sobre o mar prometia que aquela pausa não duraria muito. Mas, por agora, o vento e a chuva tinham cessado. Até havia uma sugestão de calor no ar.

Olhos-de-Noite veio à minha mente imediatamente.

*Está demasiada humidade para caçar. A água agarra-se a cada folha de erva. Além disso, é dia claro. Só os homens são suficientemente estúpidos para caçar quando é dia claro.*

*Cão preguiçoso, censurei-o. Sabia que estava enrolado sobre si próprio na toca, com o focinho apoiado na cauda. Senti a tépida saciação da sua barriga cheia.*

Afastei-me dele, e peguei no manto. Os meus sentimentos não se prestavam a passar o dia dentro de muros. Saí da Torre e dirigi-me à Cidade da Torre do Cervo. A fúria pela decisão que Sagaz tomara a meu respeito guerreava com a consternação com o quanto ele enfraquecera. Caminhei vivamente, tentando fugir às mãos trementes do rei, ao seu sono drogado. Maldito fosse o Coparede! Roubara-me o meu rei. O meu rei roubara a minha vida. Recusei-me a continuar a pensar.

Pingos de água e folhas de bordas amarelas caíam das árvores por que passava. As aves cantavam com limpidez e alegria perante o alívio inesperado da chuva intensa. O Sol ficou mais forte, fazendo tudo cintilar de humidade, fazendo evolar-se ricos odores da terra. Apesar da minha perturbação, a beleza do dia tocou-me.

As recentes chuvadas tinham lavado a Cidade de Torre do

Cervo. Dei por mim no mercado, no meio de uma multidão ávida. Por todo o lado as pessoas se apressavam a fazer compras e a levá-las para casa antes que a tempestade voltasse a ensopar-nos. O negoçoio amigável e a tagarelice amistosa não se coadunavam com a minha disposição amarga e eu passei olhos furiosos pelo mercado até que um manto e capuz de um vivo escarlata me captaram o olhar. O coração virou-se-me no peito. Moli podia usar o azul dos criados na Torre, mas quando vinha ao mercado ainda usava o seu antigo manto vermelho. Não havia dúvida de que Paciência a mandara fazer recados durante aquela pausa na chuva. Observei-a, sem ser notado, enquanto ela regateava obstinadamente pacotes de chá temperado de Calcede. Amei a projecção do seu queixo enquanto abanava a cabeça ao mercador. Uma súbita inspiração elevou-me o coração.

Tinha moedas nos bolsos, o meu pagamento de remador. Com elas comprei quatro maçãs doces, dois pães-de-leite com passas, uma garrafa de vinho e um pouco de carne com pimenta. Também comprei um saco de rede para levar a comida e uma grossa manta de lã. Vermelha. Precisei de cada bocadinho de todas as habilidades que Breu me ensinara para fazer as minhas compras e continuar a manter Moli debaixo de vista sem me deixar ver. Ainda mais árduo foi segui-la discretamente enquanto ela ia ao chapeleiro comprar fita de seda e depois caminhar no seu encalço quando iniciou a subida em direcção a Torre do Cervo.

Numa certa curva no caminho, sob a sombra das árvores, apanhei-a. Ela prendeu a respiração quando me aproximei sem ruído por trás e a ergui e a fiz subitamente balouçar nos braços. Pu-la no chão e beijei-a profundamente. Não sei explicar por que motivo me parecia tão diferente beijá-la fora de portas e sob o brilho do sol. Sei apenas que todas as minhas preocupações me saíram subitamente de cima.

Fiz-lhe uma larga vénia. “A senhora não quererá juntar-se-me para um breve repasto?”

“Oh, não podemos,” respondeu ela, mas os seus olhos cintilavam. “Seremos vistos.”

Dei um grande espectáculo a olhar em volta, e então peguei-lhe no braço e afastei-a da estrada. Sob as árvores não havia muita vegetação rasteira. Apressei-a a atravessar o arvoredo que pingava, a saltar sobre um tronco caído, e a passar por uma mancha de arbustos que se agarravam, húmidos, às nossas pernas. Quando chegámos à

borda da falésia sobre os estrondos e murmúrios do oceano, des-cemos como crianças pelas chaminés de pedra para chegar a uma pequena praia de areia.

Madeira trazida pelas ondas empilhava-se ao acaso naquele recanto da baía. Uma reentrância das falésias mantivera uma pequena extensão de areia e argila quase seca, mas não bloqueava os raios de sol. Este brilhava agora com uma tepidez surpreendente. Moli tirou-me a comida e a manta, e ordenou-me que juntasse lenha. Foi, no entanto, ela quem finalmente conseguiu pôr a madeira húmida a arder. O sal fazia-a arder com verdes e azuis, e dava calor suficiente para que ambos puséssemos de parte os mantos e os capuzes. Era tão bom sentar-me com ela e olhá-la sob o céu aberto, com o brilho do sol a pôr em evidência reflexos no seu cabelo e o vento a rosar-lhe as bochechas. Era tão bom rir alto, misturar as nossas vozes com os gritos das gaivotas sem medo de acordarmos alguém. Bebemos o vinho da garrafa, e comemos com os dedos, e depois dirigimo-nos à beira das ondas para lavar a gordura das mãos.

Durante um tempo breve, andámos de um lado para o outro sobre as rochas e a madeira trazida pelo mar, em busca de tesouros atirados para terra pela tempestade. Senti-me mais eu próprio do que me sentira desde que regressara das Montanhas, e Moli mostrou-se muito como a maria-rapaz selvagem da minha infância. O seu cabelo destrançara-se e era soprado em volta do seu rosto. Ela escorregou quando a persegui, e caiu a uma lagoa de maré. Regressá-mos para a manta, onde ela descalçou os sapatos e as meias para que secassem ao calor da fogueira. Deitou-se na manta e espreguiçou-se.

Despir coisas pareceu de repente uma ótima ideia.

Moli não tinha tanta certeza disso como eu. “Por baixo desta manta há tantas pedras como areia. Não tenho qualquer desejo de regressar com nódoas negras nas costas.”

Eu debrucei-me para a beijar. “Será que eu não valho umas nódoas negras?” perguntei num tom persuasivo.

“Tu? Claro que não!” Deu-me um súbito empurrão que me fez estatelar-me de costas. Então atirou-se ousadamente para cima de mim. “Mas eu valho.”

A cintilação selvagem nos seus olhos quando os baixou para mim deixou-me sem fôlego. Depois de me ter reclamado sem piedade, descobri que tivera razão, quer quanto às pedras, quer quanto a valer bem as nódoas negras. Nunca vira nada tão espectacular como

o céu azul vislumbrado por entre a cascata do seu cabelo sobre a minha cara.

Quando terminámos, ela deitou-se mais de meio em cima de mim e dormitámos ao ar frio e doce. Passado algum tempo, sentou-se, tremendo, para se voltar a envolver na roupa. Com relutância, observei-a a voltar a atar a blusa. A escuridão e a luz das velas tinham sempre escondido demasiado de mim. Ela baixou o olhar para a minha expressão perplexa, deitou-me a língua de fora, e fez uma pausa. O meu cabelo tinha-se soltado do seu rabo-de-cavalo. Ela puxou-o para a frente, para me enquadrar o rosto, e então pôs-me uma dobra do seu manto vermelho sobre a testa. Abanou a cabeça. “Terias dado uma rapariga particularmente sem graça.”

Soltei uma fungadela. “E não sou muito melhor como homem.”

Ela pareceu ofendida. “Não és mal apessoado.” Percorreu com um dedo especulativo a musculatura do meu peito. “No outro dia, no pátio das lavagens, algumas moças estavam a dizer que tu foste a melhor coisa a sair dos estábulos desde Castro. Acho que é do teu cabelo. Não é nem de perto tão áspero como o da maioria dos homens de Cervo.” E enrolou fios desse cabelo entre os seus dedos.

“Castro!” disse eu com uma fungadela. “Não me podes querer dizer que ele tem o favor das mulheres!”

Ela torceu-me uma sobranceira. “E porque não? É um homem muito bem feito, e além disso é limpo e tem boas maneiras. Tem bons dentes e uns olhos!... Os seus maus humores são assustadores, mas não são poucas as que gostariam de experimentar aligeirá-los. As lavadeiras concordaram nesse dia que se ele aparecesse entre os seus lençóis não se apressariam a correr com ele.”

“Mas isso não é provável que aconteça,” fiz notar.

“Pois não,” concordou ela, pensativa. “Essa foi outra coisa em que elas concordaram. Só uma afirmou tê-lo tido, e admitiu que ele estava muito bêbado. Acho que ela falou na Festa da Primavera.” Moli olhou-me de relance, e então riu alto perante a expressão incrédula no meu rosto. “Ela disse,” prosseguiu, brincalhona, “ ‘Ele usou bem o tempo passado entre os garanhões para aprender os seus costumes. Andei com a marca dos seus dentes no ombro durante uma semana.’ ”

“Isso não pode ser,” declarei. Ardiam-me as orelhas por Castro. “Ele não maltrataria uma mulher, por mais bêbado que estivesse.”

“Rapazinho pateta!” Moli abanou a cabeça por cima de mim,

enquanto os seus dedos hábeis se punham a entrançar de novo o cabelo. “Ninguém disse que ela foi maltratada.” Deitou-me um relance afectado. “Ou que não gostou.”

“Continuo a não acreditar,” declarei. Castro? E a mulher tinha gostado?

“Ele tem mesmo uma pequena cicatriz, aqui, com a forma de um crescente?” Ela pousou a mão na parte de cima da minha coxa e olhou-me de sob as pestanas.

Abri a boca, voltei a fechá-la. “Não posso acreditar que as mulheres tagarelem sobre essas coisas,” disse por fim.

“No pátio das lavagens falam de pouco mais,” divulgou calmamente Moli.

Mordi a língua até que a curiosidade me dominou. “O que é que dizem do Mãos?” Quando trabalhávamos juntos nos estábulos, as suas histórias de mulheres sempre me tinham espantado.

“Que tem uns olhos e pestanas bonitos, mas que tudo o resto nele precisa de ser lavado. Várias vezes.”

Ri-me alegremente, e guardei aquelas palavras para a próxima vez que ele se gabasse comigo. “E Majestoso?,” encorajei-a.

“Majestoso. Hmm.” Sorrii-me com uma expressão sonhadora, e então riu-se da minha expressão carrancuda. “Nós não falamos dos príncipes, meu querido. Mantém-se algum decoro.”

Puxei-a para baixo, para o meu lado, e beijei-a. Ela ajustou o corpo ao meu e ficámos imóveis sob a arcada azul do céu. A paz que me fugira durante tanto tempo preenchia-me agora. Sabia que nada poderia separar-nos, nem os planos de reis nem os caprichos do destino. Pareceu, finalmente, ser o momento certo para lhe contar os meus problemas com Sagaz e Celeridade. Ela permaneceu tepidamente encostada a mim a escutar em silêncio enquanto eu despejava a tolice do plano do rei e a minha amargura perante a posição incómoda em que ele me deixara. Não me ocorreu que era um idiota até sentir uma lágrima quente a cair-me na garganta e depois a escorrer pela parte lateral do pescoço.

“Moli?,” perguntei, surpreendido, enquanto me sentava para a olhar. “O que se passa?”

“O que se passa?” A sua voz foi-se tornando aguda ao avançar pelas palavras. Respirou fundo, trémula. “Tu deitas-te a meu lado e dizes-me que estás prometido a outra. E depois perguntas-me o que se passa?”

“A única mulher a quem estou prometido és tu,” disse eu com firmeza.

“Não é assim tão simples, FitzCavalaria.” Os seus olhos estavam muito abertos e sérios. “O que farás quando o rei te disser que tens de a cortejar?”

“Deixo de tomar banho?” perguntei.

Esperara que ela se risse. Mas em vez disso afastou-se de mim. Olhou-me com um mundo de amargura nos olhos. “Não temos hipótese. Nem esperança.”

Como que para provar a verdade das suas palavras, o céu escureceu de súbito por cima de nós, e os ventos de borrasca levantaram-se. Moli pôs-se em pé de um salto, pegando no manto e sacudindo dele a areia. “Vou ficar ensopada. Devia estar de volta a Torre do Cervo há horas.” Falava num tom monótono, como se aquelas duas coisas fossem as únicas preocupações que tinha.

“Moli, eles teriam de me matar para me afastarem de ti,” disse eu furiosamente.

Ela reuniu aquilo que comprara no mercado. “Fitz, falas como uma criança,” disse em voz baixa. “Uma criança tola e teimosa.” Batendo no chão como pedrinhas atiradas por alguém, as primeiras gotas de chuva começaram a cair. Criavam covinhas na areia e corriam pela chuva em cortinas. As palavras dela tinham-me deixado sem fala. Não conseguia imaginar coisa pior que me pudesse dizer.

Peguei na manta vermelha, sacudi dela a areia. Ela aconche-gou-se bem ao manto para se proteger do vento que o fazia chicotear. “É melhor que não regressemos juntos,” observou. Aproximou-se de mim, pôs-se em bicos dos pés para me beijar a base do maxilar. Não conseguia decidir com quem estava mais zangado: com o Rei Sagaz por criar aquela confusão, ou com Moli por acreditar nela. Não lhe respondi ao beijo. Ela não fez qualquer comentário, limitou-se a ir-se embora apressadamente, trepando com ligeireza a chaminé de rocha e desaparecendo da minha vista.

Toda a alegria sumira-se da minha tarde. O que fora perfeito como uma concha cintilante era agora bocadinhos esmagados sob os meus pés. Caminhei desconsoladamente para casa através de rajadas de vento e de uma grande chuvada. Não tinha voltado a prender o cabelo, e ele chicoteava-me a cara em madeixas corredias. A manta molhada fedia como só a lã é capaz, e sangrava tinta vermelha sobre as minhas mãos. Subi ao meu quarto e sequei-me, e então diverti-me



a preparar cuidadosamente o veneno perfeito para Coparede. Um veneno que lhe torturasse as entranhas antes de o matar. Quando o pó ficou finamente misturado e enfiado num papel torcido, pousei-o e olhei-o. Durante algum tempo pensei em tomá-lo. Mas em vez disso, peguei numa agulha e em fio para congeminar uma bolsa dentro da manga onde o pudesse transportar. Perguntei a mim próprio se alguma vez o usaria. Essa interrogação fez-me sentir mais covarde do que nunca.

Não desci para jantar. Não subi para ir ter com Moli. Abri as portadas e deixei a tempestade despejar chuva no chão do meu quarto. Deixei que a lareira se apagasse e recusei-me a acender qualquer vela. Parecia a altura certa para gestos como esses. Quando Breu me abriu a sua passagem, ignorei-a. Sentei-me aos pés da cama, de olhos fitos na chuva.

Passado algum tempo, ouvi passos hesitantes a descer a escada. Breu apareceu no meu quarto escurecido como um espectro. Fitou-me, furioso, e então atravessou o quarto até às portadas e fechou-as com estrondo. Enquanto as trancava, perguntou-me irritado, “Fazes alguma ideia do tipo de corrente de ar que isso gera nos meus aposentos?” Quando não respondi, ele ergueu a cabeça e pôs-se a farejar, tal e qual um lobo. “Estiveste a trabalhar aqui com folha-de-morte?” perguntou de súbito. Veio pôr-se na minha frente. “Fitz, não fizeste nenhuma estupidez, pois não?”

“Estupidez? Eu?” Engasguei-me com uma gargalhada.

Breu debruçou-se para espreitar o meu rosto. “Sobe ao meu quarto,” disse, numa voz quase amável. Pegou-me no braço e eu fui com ele.

O quarto alegre, o fogo a crepitar, a fruta de Outono madura numa tigela; tudo aquilo colidiu de tal maneira com o que eu sentia que me deu vontade de esmagar coisas. Em vez disso, perguntei a Breu: “Há alguma coisa que nos faça sentir pior do que estarmos zangados com as pessoas que amamos?”

Passado um bocado, ele falou. “Ver alguém que amamos morrer. E estar zangado, mas não saber contra o quê dirigir a ira. Acho que isso é pior.”

Atirei-me para uma cadeira, estendi os pés à minha frente. “Sagaz adoptou os hábitos de Majestoso. Fumo. Erva-de-riso. Só El sabe o que mais põe no vinho. Esta manhã, sem as drogas, começou a tremer, e então bebeu-as misturadas com o vinho, encheu o

peito de Fumo, e adormeceu-me na cara. Depois de me dizer, outra vez, que tenho de cortejar e casar com Celeridade, para meu próprio bem.” As palavras jorraram de mim. Não tinha dúvidas de que Breu já sabia de tudo o que lhe estava a contar.

Prendi os olhos em Breu. “Amo Moli,” disse-lhe sem rodeios. “Disse a Sagaz que amo outra mulher. E no entanto, ele insiste que eu serei unido a Celeridade. Pergunta-me como é possível que eu não entenda que ele quer o melhor para mim. Como é possível que ele não entenda que eu quero casar com quem amo?”

Breu fez um ar pensativo. “Discussiste isto com Veracidade?”

“De que serviria? Ele nem a si consegui salvar de ser casado com uma mulher que não desejava.” Senti-me desleal para com Kettricken enquanto dizia aquilo. Mas sabia que era verdade.

“Queres vinho?” perguntou-me Breu brandamente. “Podia acalmar-te.”

“Não.”

Ele ergueu as sobrancelhas para mim.

“Não. Obrigado. Depois de ver Sagaz a ‘acalmar-se’ com vinho hoje de manhã...” Deixei a queixa suspensa no ar. “Aquele homem nunca foi novo?”

“Em tempos, foi muito novo.” Breu permitiu-se um pequeno sorriso. “Talvez se lembre de que Constância foi uma mulher escolhida para ele pelos pais. Não a cortejou por querer, nem a desposou de boa vontade. Precisou da morte dela para ficar a saber o quão profundamente acabara por amá-la. Desejo, por outro lado, foi ele a escolher, numa paixão que o deixou febril.” Fez uma pausa. “Não falarei mal dos mortos.”

“Isto é diferente,” disse eu.

“Como?”

“Eu não vou ser rei. Com quem caso não afecta ninguém além de mim.”

“Gostaria que fosse tão simples,” disse Breu em voz baixa. “Serás capaz de acreditar que podes recusar a corte de Celeridade sem ofender Fortes? Numa altura em que os Seis Ducados precisam de todos os laços de unidade?”

“Estou convencido de que posso levá-la a decidir que não me quer.”

“Como? Sendo um cretino? E envergonhando Sagaz?”

Senti-me engaiolado. Tentei pensar em soluções, mas só en-

contrei em mim uma resposta. “Não casarei com ninguém a não ser Moli.” Senti-me melhor simplesmente por dizê-lo em voz alta. Enfrentei os olhos de Breu.

Ele abanou a cabeça. “Então não casarás com ninguém,” fez notar.

“Talvez não,” concordei. “Talvez nunca nos casemos em nome. Mas teremos uma vida juntos...”

“E pequenos bastardos vossos.”

Pus-me convulsivamente em pé, com os punhos a cerrar-se de moto próprio. “Não digas isso,” avisei Breu. Virei-lhe as costas e fitei furioso o fogo.

“Não o diria. Mas todos os outros dirão.” Suspirou. “Fitz, Fitz, Fitz.” Aproximou-se de mim por trás e pousou as mãos nos meus ombros. Muito, muito suavemente, disse: “Talvez fosse melhor deixá-la.”

O toque e a suavidade tinham-me desarmado da ira. Ergui as mãos para cobrir o rosto. “Não posso,” disse através dos dedos. “Preciso dela.”

“De que precisa a Moli?”

De uma pequena velaria com colmeias nas traseiras. De filhos. De um marido legítimo. “Estás a fazer isto por Sagaz. Para me levares a fazer o que ele deseja,” acusei-o.

Ele ergueu as mãos dos meus ombros. Ouvi-o afastar-se, ouvi vinho a ser despejado numa única taça. Trouxe o vinho consigo para a sua cadeira e sentou-se à frente da lareira.

“Lamento.”

Ele olhou para mim. “Um dia, FitzCavalaria,” preveniu-me, “essa palavra não será suficiente. Por vezes é mais fácil tirar uma faca de dentro de um homem do que pedir-lhe para esquecer palavras que se proferiu. Até palavras proferidas em fúria.”

“Lamento,” repeti.

“Eu também,” disse ele bruscamente.

Passado algum tempo perguntei em tom humilde: “Porque me querias ver hoje?”

Ele suspirou. “Forjados. A sudoeste de Torre do Cervo.”

Senti-me doente. “Pensava que não teria de voltar a fazer isso,” disse em voz baixa. “Quando Veracidade me pôs num navio para usar com ele o Talento, disse que talvez...”

“Isto não vem de Veracidade. Foi relatado a Sagaz, e ele quer o

assunto resolvido. Veracidade já está... demasiado sobrecarregado. Não queremos incomodá-lo com mais nada neste momento.”

Voltei a encostar a cabeça às mãos. “Não há mais ninguém que possa fazer isso?”, supliquei-lhe.

“Só tu e eu estamos treinados para isto.”

“Não me referia a ti,” disse eu num tom de cansaço. “Não espero que continues a fazer esse tipo de trabalho.”

“Ah não?” Ergui os olhos e fui encontrar a ira de regresso aos seus olhos. “Seu cachorrinho arrogante! Quem julgas tu que os manteve afastados de Torre do Cervo o Verão inteiro, Fitz, enquanto tu andavas no *Rurisk*? Achas que lá porque desejaste evitar uma tarefa, a necessidade desse trabalho cessou?”

Fiquei então tão envergonhado como alguma vez tinha estado. Afastei o olhar da sua ira. “Oh, Breu. Lamento.”

“Lamentas ter evitado o trabalho? Ou lamentas teres-me julgado incapaz de o continuar a fazer?”

“As duas coisas. Tudo.” Concedi tudo de súbito. “Por favor, Breu, se mais alguma pessoa de quem eu gosto ficar zangada comigo, não me parece que o consiga suportar.” Ergui a cabeça e olhei-o firmemente até que ele foi forçado a enfrentar-me o olhar.

Ergueu uma mão para coçar a barba. “Foi um longo Verão para ambos. Ora a El por tempestades que afastem os Navios Vermelhos para sempre.”

Ficámos durante algum tempo sentados em silêncio.

“Às vezes,” observou Breu, “seria muito mais fácil morrer pelo nosso rei do que lhe darmos a vida.”

Inclinei a cabeça num assentimento. Passámos o resto da noite a preparar os venenos de que necessitaria para recomeçar a matar pelo meu rei.

## *Antigos*

*O* Outono do terceiro ano da Guerra dos Navios Vermelhos foi amargo para o Rei Expectante Veracidade. Os navios de guerra tinham sido o seu sonho. Fundara neles todas as suas esperanças. Acreditara que conseguiria livrar as suas costas de Salteadores, e ser nisso tão bem sucedido que poderia enviar atacantes contra as hostis costas das Ilhas Externas mesmo durante as piores tempestades de Inverno. Apesar das vitórias iniciais, os navios nunca alcançaram o domínio da costa que ele esperara. O princípio do Inverno foi encontrá-lo com uma frota de cinco navios, dois dos quais tinham sofrido recentemente severos danos. Um dos intactos era o Navio Vermelho capturado, que fora renovado e enviado para o mar, a fim de ajudar nas patrulhas e na escolta de navios mercantes. Quando os ventos do Outono finalmente chegaram, só um dos capitães dos seus navios expressou suficiente confiança nas capacidades da sua tripulação e embarcação para estar disposto a empreender um assalto contra as costas das Ilhas Externas. Os outros capitães argumentaram em favor de, pelo menos, um Inverno de treino no mar ao longo da nossa dura costa, e outro Verão de prática táctica, antes de empreender um objectivo tão ambicioso.

Veracidade não quis enviar homens contrariados, mas não escondeu o seu desapontamento. Expressou-o bem quando equipou o único navio que se voluntariara, pois o Vingança, como o navio foi rebaptizado, foi abundantemente aprovisionado. A tripulação, escolhida

*a dedo pelo capitão, também foi equipada com qualquer armadura que os homens escolhessem, e foram-lhes dadas novas armas do melhor fabrico que estivesse disponível. Houve uma bela cerimónia quando o navio zarpou, na qual até o Rei Sagaz esteve presente, apesar da sua saúde debilitada. A rainha, em pessoa, pendurou no mastro as penas de gaivota que se diz trazerem um navio rapidamente e em segurança de volta ao seu porto de origem. Ergueu-se uma grande aclamação quando o Vingança se fez ao mar, e nessa noite muitas foram as vezes que se bebeu à saúde do capitão e da sua tripulação.*

*Um mês mais tarde, para desgosto de Veracidade, recebemos a notícia de que uma embarcação que condizia com a descrição do Vingança andava a piratear nas águas mais calmas a sul dos Seis Ducados, trazendo muita miséria aos mercadores de Vilamonte e dos Estados de Calcede. Essas foram todas as notícias sobre capitão, tripulação e navio que chegaram a Torre do Cervo. Alguns atribuíram as culpas aos Ilhéus da tripulação, mas havia a bordo tantas boas mãos dos Seis Ducados como oriundas das Ilhas, e o capitão fora criado mesmo ali, na Cidade de Torre do Cervo. Foi um golpe esmagador para o orgulho de Veracidade e para a sua liderança. Alguns crêem que foi então que ele decidiu sacrificar-se na esperança de encontrar uma solução definitiva.*

\*\*\*

Penso que foi o Bobo que a convenceu. Ele de facto passara muitas horas no jardim do topo da torre com Kettricken, e a sua admiração por aquilo que ela ali realizara não era fingida. Muita é a boa vontade que pode ser conquistada com um elogio sincero. Nos finais do Verão, não só ela se ria dos seus gracejos quando ele ia entretê-la e às suas senhoras, como a convencera a visitar frequentemente os aposentos do rei. Na condição de rainha expectante, era imune aos humores de Coparede. A própria Kettricken se dedicou a misturar os tónicos fortalecedores do Rei Sagaz, e durante algum tempo o rei pareceu realmente restabelecer-se sob os seus cuidados e atenções. Julgo que o Bobo decidira que conseguiria através dela o que fora incapaz de levar, com as suas censuras, Veracidade e eu a fazermos.

Foi numa noite invernosa de Outono que ela abordou pela primeira vez o assunto comigo. Eu estava no topo da torre com ela, ajudando-a a atar feixes de palha em volta das mais tenras das plantas que aí cresciam, a fim de que conseguissem aguentar melhor

as neves de Inverno. Aquilo era algo que Paciência decretara que tinha de ser feito, e ela e Renda encontravam-se a desempenhar a mesma tarefa num canteiro de trepadeiras, atrás de mim. Paciência tornara-se conselheira da Rainha Kettricken no que dizia respeito a coisas em crescimento, e a sua companhia era frequente embora muito tímida. Eu tinha ao lado a pequena Rosamaria, que me ia entregando guita à medida das nossas necessidades. Duas ou três das outras damas de Kettricken, bem entrouxadas, tinham ficado, mas encontravam-se na outra ponta do jardim, a conversar em voz baixa. As outras tinham sido mandadas pela rainha de volta às suas lareiras quando as vira a tremer e a soprar calor para os dedos. Eu tinha as mãos nuas quase entorpecidas, bem como as orelhas, mas Kettricken parecia perfeitamente confortável. Veracidade também o estava, aconchegado algures dentro do meu crânio. Ele insistira para eu recomençar a levá-lo comigo quando descobrira que andava de novo a sair sozinho em busca de Forjados. Já quase não notava a sua presença no fundo da minha mente. Mas creio que o senti sobressaltar-se quando Kettricken me perguntou, enquanto atava um cordel em volta de uma planta enfaixada em que eu segurava, o que eu sabia sobre os Antigos.

“Bastante pouco, senhora minha rainha,” respondi eu com honestidade, e uma vez mais prometi a mim próprio examinar os manuscritos e pergaminhos há muito negligenciados.

“E porquê?”, quis ela saber.

“Bem, foi pouco o que foi realmente escrito sobre eles. Creio que numa certa altura o conhecimento acerca deles era tão comum que não era necessário assentá-lo por escrito. E os bocados que foram escritos estão espalhados por aqui e por ali, e não reunidos num só lugar. Precisaríamos de um erudito para identificar todos os restos...”

“Um erudito como o Bobo?” perguntou ela num tom mordaz. “Ele parece saber mais sobre os Antigos do que qualquer outra pessoa a quem eu tenha perguntado.”

“Bom. Sabeis que ele gosta de ler, e...”

“Basta de falar do Bobo. Quero falar contigo sobre os Antigos,” disse ela abruptamente.

Eu sobressaltei-me com o seu tom de voz, mas quando a olhei vi-a de novo, de olhos cinzentos, a fitar o mar. Não pretendia nem censurar-me, nem ser rude. Estava simplesmente absorta no seu ob-

jectivo. Reflecti que durante os meses que eu passara afastado ela se tornara mais segura de si. Mais régia.”

“Eu sei algumas coisas,” disse-lhe hesitantemente.

“Tal como eu. Vejamos se aquilo que cada um de nós sabe coincide. Começo eu.”

“Às vossas ordens, minha rainha.”

Ela pigarreou. “Há muito tempo, o Rei Sabedoria estava duramente sitiado por atacantes vindos do mar. Quando tudo o mais lhe falhou, e ele temeu que o Verão seguinte de bom tempo viesse a trazer o fim dos Seis Ducados e da Dinastia Visionário, decidiu passar o Inverno em busca de um povo lendário, os Antigos. Até agora concordamos?”

“Na maior parte. Segundo a história que eu ouvi contar, as lendas não diziam que eles eram um povo, mas quase deuses. E o povo dos Seis Ducados sempre julgou que Sabedoria era algo como um fanático religioso, quase um louco no que dizia respeito a essas coisas.”

“Os homens de paixão e visão são frequentemente vistos como loucos,” informou-me ela calmamente. “Vou continuar. Ele deixou o seu castelo num certo Outono, sem mais informação do que a que afirmava que os Antigos viviam nos Ermos Chuvosos, para lá das mais altas montanhas do Reino da Montanha. Sem que se saiba como, ele encontrou-os, e conquistou a sua aliança. Regressou a Torre do Cervo, e juntos afastaram os atacantes e invasores das costas dos Seis Ducados. A paz e o comércio foram restabelecidos. E os Antigos juraram-lhe que se alguma vez voltassem a ser necessários, regressariam. Ainda concordamos?”

“Tal como antes, na maior parte. Eu ouvi muitos menestréis dizer que esse é o fim costumeiro em histórias de heróis e demandas. Prometem sempre que se alguma vez voltarem a ser necessários, regressarão. Alguns até prometem regressar do além-túmulo, se for necessário.”

“Na verdade,” observou de súbito Paciência, balançando para trás sobre os calcanhares, “o próprio Sabedoria nunca regressou a Torre do Cervo. Os Antigos vieram ter com a sua filha, a Princesa Atenta, e foi a ela que ofereceram aliança.”

“Onde obtiveste esse conhecimento?” perguntou Ketricken.

Paciência encolheu os ombros. “Um velho menestrel que o meu pai tinha cantava sempre a história assim.” Despreocupada, voltou ao atar de guita em volta de uma planta enfaixada em palha.



Kettricken reflectiu por um momento. O vento soltou-lhe uma longa madeixa de cabelo e soprou-lha para a cara como se fosse uma rede. Olhou-me através das malhas claras. “O que as lendas dizem sobre o seu regresso não importa. Se um rei os procurou uma vez, e eles prestaram auxílio, não achas que podem voltar a fazê-lo, se um rei voltar a ir suplicá-lo? Ou uma rainha?”

“Talvez,” disse eu de má vontade. Em privado, perguntei a mim próprio se a rainha sentiria saudades da pátria e inventaria qualquer desculpa para a ir visitar. As pessoas começavam a falar da sua ausência de gravidez. Embora agora muitas damas lhe fizessem companhia, ela na verdade não tinha favoritas que fossem genuinamente suas amigas. Suspeitava que se sentisse só. “Penso que...” comecei suavemente, fazendo uma pausa para pensar em como enquadrar uma resposta desencorajadora.

*Diz-lhe que ela devia vir ter comigo e conversar sobre o assunto. Quero saber mais sobre aquilo que coligiu.* O pensamento de Veracidade estremecia de excitação. Aquilo perturbou-me.

“Penso que devíeis levar a vossa ideia ao Rei Expectante e discuti-la com ele,” sugeri-lhe obedientemente.

Ela ficou em silêncio durante muito tempo. Quando falou, a voz saiu muito grave, apenas para os meus ouvidos. “Penso que não. Ele encarará isto como mais uma das minhas tolices. Escutará por um bocadinho, e depois começará a olhar para os mapas pendurados das paredes, ou a mover coisas de um sítio para o outro na mesa enquanto espera que eu termine para poder sorrir, fazer um aceno com a cabeça e mandar-me à minha vida. Outra vez.” A voz enrouqueceu na última palavra. Afastou o cabelo da cara, e então voltou a passar as mãos pelos olhos. Virou o rosto para o lado, para voltar a olhar o mar, distante como Veracidade quando usava o Talento.

*Ela está a chorar?*

Não consegui esconder de Veracidade o aborrecimento que senti por aquilo o surpreender.

*Trá-la até mim. Já, imediatamente!*

“Minha rainha?”

“Um momento.” Kettricken virou mais a cabeça. Olhando para longe de mim, fingiu coçar o nariz. Eu soube que estava a limpar lágrimas.

“Kettricken?” Arrisquei a familiaridade como não fazia havia

meses. “Vamos ter com ele com esta ideia. Imediatamente. Eu vou convosco.”

Ela falou hesitantemente, sem se virar para me olhar. “Não achas que é uma tolice?”

Não vou mentir, lembrei eu a mim próprio. “Acho que, da forma que as coisas estão, temos de levar em conta quaisquer possíveis fontes de auxílio.” Enquanto proferia as palavras, descobri que acreditava nelas. Não teriam Breu e o Bobo sugerido, não, pugnado precisamente por esta ideia? Talvez os míopes fôssemos Veracidade e eu.

Ela inspirou, trémula. “Então, iremos. Mas... tens de esperar por mim à porta dos meus aposentos. Quero ir buscar alguns pergaminhos para lhe mostrar. Será pouco tempo.” Virou-se para Paciência, falou mais alto. “Dama Paciência, posso pedir-vos para terminardes também estas plantas por mim? Tenho outro assunto de que desejo tratar.”

“Claro, minha rainha. O prazer será meu.”

Abandonámos o jardim, e eu segui-a até aos seus aposentos. Esperei por mais do que pouco tempo. Quando ela saiu, trazia a pequena aia Rosamaria atrás, insistindo em levar-lhe os rolos. Ketricken lavara a terra das mãos. E trocara de vestido, acrescentara um perfume, arranjara o cabelo e trazia as jóias que Veracidade lhe enviara quando lhe fora prometida. Sorriu-me com cautela quando a olhei. “Senhora minha rainha, estou deslumbrado,” aventurei-me a dizer.

“Lisonjeias-me tão exageradamente como Majestoso,” proclamou, e apressou-se a avançar corredor fora, mas um rubor aqueceu-lhe as bochechas.

*Ela veste-se assim só para vir falar comigo?*

*Ela veste-se assim para... vos atrair.* Como poderia um homem tão astuto na leitura dos homens ser tão ignorante acerca das mulheres?

*Talvez tenha tido pouco tempo para aprender grande coisa acerca dos seus costumes.*

Tranquei a mente em torno dos meus pensamentos e apressei-me a seguir a minha rainha. Chegámos ao estúdio de Veracidade mesmo a tempo de ver Carimo a sair. Levava os braços cheios de roupa suja. Aquilo pareceu estranho até sermos mandados entrar. Veracidade estava a usar uma suave camisa de linho azul-claro, e os

odores misturados da lavanda e do cedro emprestavam vivacidade ao ar. Fez-me lembrar uma arca de roupa. O seu cabelo e barba tinham acabado de ser alisados; bem sabia eu que o cabelo nunca lhe ficava assim por mais do que alguns minutos. Enquanto Kettricken avançava timidamente para fazer uma vénia ao seu senhor, vi Veracidade como não via há meses. O Verão de uso do Talento voltara a devastá-lo. A bela camisa envolvia-lhe os ombros como uma campânula, e o seu cabelo alisado tinha agora tanto de cinzento como de negro. Também havia rugas, em volta dos olhos e da boca, em que eu nunca antes reparara.

*Tenho então um aspecto assim tão mau?*

*Para ela, não, fiz-lhe lembrar.*

Quando Veracidade lhe pegou na mão e a puxou para se sentar ao lado dele, num banco perto da lareira, Kettricken olhou-o com uma fome tão profunda como a necessidade de Talento que sentia. Os dedos dela apertaram-lhe a mão, e eu afastei o olhar quando ele lhe ergueu a mão para a beijar. Talvez Veracidade tivesse razão relativamente à sensibilidade do Talento. O que Kettricken sentiu caiu sobre mim com a rudeza da fúria da minha tripulação durante uma batalha.

Senti um alvoroço de espanto vindo de Veracidade. E então: *Escuda-te*, ordenou-me bruscamente, e eu fiquei de súbito só no interior do meu crânio. Permaneci imóvel por um momento, entontecido pela forma abrupta com que ele partira. *Ele realmente não fazia ideia*, dei por mim a pensar, e senti-me contente por o pensamento permanecer privado.

“Senhor, vim pedir um momento ou dois do vosso tempo para... uma ideia que tenho.” Os olhos de Kettricken perscrutaram o rosto dele enquanto falava em voz baixa.

“Com certeza,” concordou Veracidade. Deitou-me um relance. “FitzCavalaria, queres juntar-te a nós?”

“Se for essa a vossa vontade, senhor.” Sentei-me num banco do outro lado da lareira. Rosamaria veio pôr-se ao meu lado com os seus braços cheios de rolos. Provavelmente surripiados do meu quarto pelo Bobo, suspeitei. Mas quando Kettricken começou a falar com Veracidade, pegou nos rolos um por um, e em todos os casos a fim de ilustrar um argumento. Sem excepção, eram pergaminhos que se debruçavam, não sobre os Antigos, mas sobre o Reino da Montanha. “O Rei Sabedoria, talvez vos lembreis, foi o primeiro nobre dos Seis

Ducados a vir à nossa terra... à terra do Reino da Montanha, para algo mais do que fazer-nos guerra. Por isso ele é bem recordado nas nossas histórias. Estes pergaminhos, copiados dos que foram feitos no seu tempo, debruçam-se sobre aquilo que fez e as suas viagens no Reino da Montanha. E assim, indirectamente, sobre os Antigos.” Desenrolou o último rolo. Tanto Veracidade como eu nos inclinámos para a frente, espantados. Um mapa. Desbotado com o tempo, provavelmente mal copiado, mas um mapa. Do Reino da Montanha, com passagens e caminhos nele marcados. E algumas linhas errantes que se dirigiam às terras para lá do reino.

“Um destes caminhos, aqui marcados, deve levar aos Antigos. Pois eu conheço os trilhos das Montanhas, e estas não são rotas comerciais, e tampouco se dirigem a nenhuma aldeia que eu conheça. E também não se articulam com os caminhos tal como os conheço agora. Isto são estradas e trilhos mais antigos. E para que estariam aqui marcados, salvo por irem até onde o Rei Sabedoria foi?”

“Poderá ser assim tão simples?” Veracidade ergueu-se rapidamente, regressando com um castiçal para iluminar melhor o mapa. Alisou afectuosamente o velo com as mãos e debruçou-se sobre ele.

“Estão marcados vários caminhos que se dirigem aos Ermos Chuvosos. Se é que é isso o que todo este verde representa. Nenhum parece ter nada marcado no fim. Como saberíamos qual deles é o certo?” objectei.

“Talvez levem todos aos Antigos,” aventou Kettricken. “Porque haveriam eles de residir num sítio só?”

“Não!” Veracidade endireitou-se. “Pelo menos dois têm qualquer coisa marcada no fim. Ou tinham. A maldita tinta desbotou. Mas havia ali qualquer coisa. Tenciono descobrir o quê.”

Até Kettricken pareceu espantada com o entusiasmo na voz dele. Eu fiquei chocado. Esperara que ele a ouvisse educadamente, não que lhe sancionasse o plano de todo o coração.

Ergueu-se subitamente, deu uma volta rápida à sala. A energia do Talento irradiava dele como calor de uma lareira. “Temos agora sobre a costa toda a força do Inverno. Ou teremos, a qualquer momento. Se eu partir rapidamente, nos próximos dias, poderei chegar ao Reino da Montanha enquanto os passos de altitude ainda podem ser usados. Posso forçar passagem até... o que quer que exista ali. E regressar por altura da Primavera. Talvez com a ajuda de que precisamos.”

Eu estava sem fala. Kettricken piorou as coisas.

“Senhor, eu não pretendia que fôsseis. Vós devíeis ficar aqui. Tenho de ir eu. Conheço as Montanhas; nasci nos seus costumes. Vós podereis não sobreviver lá. Nisto, eu devia ser Sacrifício.”

Foi um alívio ver Veracidade tão pasmado como eu. Talvez que, tendo ouvido o plano dito por ela, compreendesse agora como era impossível. Ele abanou lentamente a cabeça. Tomou ambas as mãos dela nas suas e olhou-a com solenidade. “Minha rainha expectante.” Suspirou. “Tenho de ser eu a fazer isto. Eu. Falhei aos Seis Ducados em tantas outras coisas. E a vós. Quando chegastes cá para serdes rainha, não tive paciência para a vossa conversa sobre Sacrifício. Tomei-a por uma ideia idealista de rapariga. Mas não é. Nós aqui não lhe chamamos assim, mas é assim que o sentimos. Foi isso que eu aprendi dos meus pais. A pôr sempre os Seis Ducados primeiro e só depois a mim. Tentei fazê-lo. Mas agora vejo que sempre enviei outros no meu lugar. Sentei-me e usei o Talento, é certo, e vós tendes uma ideia daquilo que me custou. Mas foram marinheiros e soldados quem mandei abdicar das vidas em prol dos Seis Ducados. Até o meu próprio sobrinho desempenhou por mim um serviço brutal e sangrento. E apesar daqueles que eu enviei para serem sacrificados, a nossa costa continua a não ser segura. Agora tudo se resume a esta última hipótese, a esta coisa difícil. Deverei mandar a minha rainha fazê-la por mim?”

“Talvez...” A voz de Kettricken tornara-se rouca de incerteza. Baixou os olhos para o fogo enquanto sugeria: “Talvez possamos fazê-lo juntos?”

Veracidade pesou a ideia. Pesou-a mesmo, com sinceridade, e eu vi Kettricken compreender que ele levava o seu pedido a sério. Começou a sorrir, mas o sorriso desbotou quando ele abanou lentamente a cabeça. “Não me atrevo,” disse em voz baixa. “Alguém tem de permanecer aqui. Alguém em quem eu confie. O Rei Sagaz não... o meu pai não está bem. Temo por ele. Pela sua saúde. Comigo longe, e o meu pai doente, tem de haver alguém a ficar no meu lugar.”

Ela afastou o olhar. “Eu preferiria ir convosco,” disse, com ferocidade.

Eu desviei os olhos quando ele estendeu a mão, lhe envolveu o queixo nos dedos e lhe ergueu o rosto para lhe poder ver os olhos. “Eu sei,” disse numa voz calma. “É esse o sacrifício que tenho de pedir que façais. Ficar aqui, quando preferíeis partir. Ficar só, mais uma vez. Para bem dos Seis Ducados.”

Algo se sumiu dentro dela. Os seus ombros penderam quando dobrou a cabeça à vontade dele. Quando Veracidade a puxou para si, ergui-me em silêncio. Levei Rosamaria comigo e deixei-os sós.

Estava no meu quarto, tardiamente absorto pelos rolos e tabuinhas que aí tinha, quando o pajem surgiu à minha porta nessa tarde. “Sois convocado aos aposentos do rei, na hora após o jantar,” foi a única mensagem que ele me entregou. A consternação submergiu-me. Tinham-se passado duas semanas desde a minha última visita aos seus aposentos. Não desejava voltar a confrontar o rei. Se ele me estava a convocar para dizer que esperava que eu começasse a cortejar Celeridade, não sabia o que faria ou diria. Temi poder perder o auto-controlo. Resolutamente, desenrolei um dos rolos sobre os Antigos e tentei estudá-lo. Era inútil. Via apenas Moli.

Nas breves noites que tínhamos partilhado desde o dia passado na praia, Moli recusara-se a discutir mais comigo sobre Celeridade. Sob certos aspectos, era um alívio. Mas ela também parara de me provocar com tudo aquilo que exigiria de mim quando fosse verdadeiramente seu marido e com todos os filhos futuros que teríamos. Abrira silenciosamente mão da esperança de que alguma vez chegássemos a casar-nos. Se parasse para pensar, o desgosto levar-me-ia à beira da loucura. Ela não me censurava por causa daquilo, pois sabia que a escolha não era minha. Nem sequer perguntava o que seria de nós. Tal como Olhos-de-Noite, parecia agora viver apenas no presente. Todas as noites de proximidade que partilhávamos eram por ela aceites como coisa completa, e não questionava se haveria mais uma. O que eu sentia nela não era desespero, mas sim contenção: uma feroz determinação a não deixar que perdêssemos o que tínhamos agora por causa do que poderíamos não ter amanhã. Eu não merecia a devoção de um coração tão fiel.

Quando dormitava ao lado dela na sua cama, em segurança e quente entre os perfumes do seu corpo e das suas ervas, era a força dela que nos protegia. Ela não usava o Talento, não possuía Manha. A sua magia era de um tipo mais forte, e desencadeava-a apenas com a vontade. Quando fechava e trancava a porta nas minhas costas, noite adentro, criava no interior do seu quarto um mundo e um tempo que nos pertenciam. Se tivesse colocado cegamente a vida e a felicidade nas minhas mãos, isso teria sido intolerável. Mas assim era ainda pior. Ela acreditava que um dia haveria um terrível preço a pagar pela sua devoção por mim. Mas mesmo assim recusava-se a

abandonar-me. E eu não era suficientemente homem para me afastar dela e pedir-lhe que procurasse uma vida mais feliz. Nas minhas horas mais solitárias, quando percorria a cavalo os trilhos em volta de Torre do Cervo com os alforjes cheios de pão envenenado, sabia ser um covarde, e pior que um ladrão. Um dia dissera a Veracidade que não seria capaz de extrair a força a um homem para alimentar a minha, que não o faria. E no entanto era isso que eu fazia todos os dias a Moli. O pergaminho sobre os Antigos caiu dos meus dedos lassos. Senti-me de súbito sufocar no meu quarto. Pus de parte as tabuinhas e rolos que tinha estado a tentar estudar. Na hora antes do jantar, procurei os aposentos de Paciência.

Tinha-se passado algum tempo desde a última vez que a visitara. Mas a sua sala de estar nunca parecia mudar, excepto na camada superior de desordem que reflectia a sua paixão do momento. Aquele dia não era excepção. Ervas de Outono, em molhos para secar, estavam suspensas por todo o lado, enchendo a sala com os seus odores. Senti-me a caminhar por um prado invertido enquanto me baixava para evitar a folhagem pendente.

“Pendurastes isto um pouco baixo,” protestei quando Paciência entrou.

“Não. Tu é que arranjaste maneira de te tornares um pouco alto demais. Endireita-te e deixa-me olhar para ti.”

Obedeci, embora isso me deixasse com um molho de néveda pousado na cabeça.

“Bom. Pelo menos remar por aí a matar gente o Verão inteiro deixou-te de boa saúde. Muito melhor do que o rapaz adoentado que voltou cá para casa no Inverno passado. Eu disse-te que aqueles tónicos resultariam. E visto que ficaste tão alto, já agora podes ajudar-me a pendurar aqui isto.”

Sem mais demoras, fui posto a trabalhar, esticando cordas de arandelas até postes da cama, e daí a qualquer outra coisa a que uma corda pudesse ser atada, e depois atando-lhes molhos de ervas. Tinha-me encurralado, em cima de uma cadeira a atar molhos de balsamina, quando exigiu saber: “Porque é que já não vens choramingar comigo com as saudades que sentes de Moli?”

“Isso serviria de alguma coisa?” perguntei-lhe em voz baixa um momento mais tarde. Fiz o melhor que pude para soar resignado.

“Não.” Ela fez uma pausa momentânea como se estivesse a pensar. Entregou-me outro ramalhete de folhas. “Isso,” informou-me

enquanto eu o atava, “é folha-pontilhada. Muito amarga. Há quem diga que é capaz de evitar que uma mulher conceba. Não evita. Pelo menos, não de forma segura. Mas se uma mulher comer folha-pontilhada durante demasiado tempo, pode adoecer por causa dela.” Fez uma pausa como se reflectisse. “Se uma mulher estiver doente talvez não conceba tão facilmente. Mas não recomendaria esta planta a ninguém, muito menos a alguém de quem gostasse.”

Encontrei a língua, procurei um ar casual. “Então porque a secas?”

“Uma infusão destas folhas, gargarejada, ajuda a acalmar dores de garganta. Foi o que Moli Veleira me disse, quando a encontrei a apanhá-las no jardim das mulheres.”

“Estou a ver.” Atei as folhas à corda, deixando-as pender como um corpo de uma forca. Até o seu odor era amargo. Teria eu perguntado a mim próprio, horas antes, como podia Veracidade estar tão inconsciente daquilo que estava mesmo à sua frente? Porque nunca teria eu pensado naquilo? Como seria para ela temer aquilo por que uma mulher legitimamente casada ansiaria? Aquilo por que Paciência ansiara em vão?”

“... algas, FitzCavalaria?”

Sobressaltei-me. “Perdão?”

“Eu disse: quando tiveres uma tarde livre não queres ir apanhar algas para mim? Das pretas e enrugadas. Têm mais sabor nesta época do ano.”

“Tentarei,” respondi de um modo ausente. Durante quantos anos teria Moli de se preocupar? Quanta amargura engoliria?

“Para onde estás tu a olhar?” quis saber Paciência.

“Para sítio nenhum. Porquê?”

“Porque te pedi por duas vezes para desceres para podermos deslocar a cadeira. Temos todos aqueles molhos para pendurar, sabes?”

“Perdão. Não dormi muito na noite passada; fiquei com a cabeça lenta.”

“Concordo. Devias passar a dormir mais durante a noite.” Aquelas palavras foram proferidas com um pouco de peso. “E agora desce daí e desloca a cadeira para pendurarmos estes molhos de menta.”

Não comi muito ao jantar. Majestoso estava só no estrado, com um ar carrancudo. O seu habitual círculo de bajuladores aglo-



merava-se numa mesa logo abaixo dele. Não compreendi porque escolheria ele jantar separado dos outros. Certamente que tinha estatuto para tal, mas porquê escolher aquele isolamento? Chamou um dos mais lisonjeadores menestréis que importara recentemente para Torre do Cervo. A maior parte era originária de Vara. Todos usavam a entoação nasalada dessa região e favoreciam o estilo longo e entoadado dos épicos. Aquele cantou uma longa história sobre uma aventura qualquer do avô materno de Majestoso. Escutei o mínimo que consegui; aquilo parecia ter a ver com montar um cavalo até à morte para se ser o primeiro a abater um grande veado que lograra escapar a uma geração de caçadores. A canção elogiava interminavelmente o cavalo de grande coração que se atirara para a morte a pedido do dono. Nada dizia sobre a estupidez do dono em esgotar tal animal, para ganhar alguma carne rija e uma armação de veado.

“Pareces meio doente,” observou Castro quando parou a meu lado. Ergui-me para abandonar a mesa e atravessei o salão com ele.

“Tenho demasiadas coisas em mente. O pensamento vai em demasiadas direcções ao mesmo tempo. Por vezes sinto que se tivesse tempo para focar a mente num problema só, poderia resolvê-lo. E depois iria resolver os outros.”

“Todos os homens acreditam nisso. Não é assim. Dá cabo dos que puderes quando eles te aparecerem à mão, e passado algum tempo acostumar-te-ás àqueles sobre os quais nada podes fazer.”

“Tais como?”

Ele encolheu os ombros e dirigiu um gesto para baixo. “Tais como ter uma perna aleijada. Ou ser um bastardo. Todos nos acostumamos a coisas com as quais jurávamos que nunca seríamos capazes de viver. Mas o que te rói o fígado desta vez?”

“Nada que te possa dizer por enquanto. Não aqui, pelo menos.”

“Oh. Mais disso, hm.” Abanou a cabeça. “Não te invejo, Fitz. Por vezes, tudo o que faz falta a um homem é resmungar com outro acerca dos seus problemas. A ti até isso negaram. Mas anima-te. Tenho fé de que conseguirás lidar com eles, mesmo que aches que não consegues.”

Deu-me uma palmada nos ombros, e então saiu numa rajada de vento frio pelas portas exteriores. Veracidade tinha razão. Se o vento daquela noite indicava alguma coisa, as tempestades de Inverno aproximavam-se. Tinha já subido metade das escadas quando me apercebi de que Castro me falava agora de igual para igual. Fi-

nalmente acreditava que eu era um homem feito. Bem, talvez fosse melhor que eu próprio acreditasse nisso. Endireitei os ombros e subi ao meu quarto.

Dediquei mais esforço a vestir-me do que dedicava há muito. Enquanto o fazia, pensei em Veracidade a mudar de camisa à pressa por Kettricken. Como conseguira ele ser tão cego perante ela? E eu para com Moli? Que outras coisas teria Moli feito por nós sem que eu me tivesse apercebido? A infelicidade regressou, mais forte do que nunca. Esta noite. Esta noite, depois de Sagaz me dispensar. Não permitiria que ela prosseguisse os seus sacrifícios. Por agora, nada podia fazer, à excepção de afastar o problema da cabeça. Puxei o cabelo para trás, atando-o no rabo-de-cavalo de guerreiro que sentia ter agora ganho por inteiro, e alisei a parte da frente do meu justilho azul. Estava um pouco apertado nos ombros, mas o mesmo acontecia nos últimos tempos com toda a minha roupa. Saí do quarto.

No corredor que levava aos aposentos do Rei Sagaz, encontrei Veracidade de braço dado com Kettricken. Nunca os tinha visto como se apresentavam agora. Ali, de súbito, estava o Rei Expectante e a sua rainha. Veracidade estava vestido com uma longa túnica formal de um profundo verde-floresta. Uma faixa bordada de cervos estilizados ornamentava as mangas e a bainha. Na testa, usava o aro de prata com a pedra preciosa azul que era o símbolo do Rei Expectante. Havia já algum tempo que não o via a usá-lo. Kettricken trazia o púrpura e branco que era tão frequente escolher. O seu vestido púrpura era muito simples, com as mangas cortadas curtas e largas para revelar por baixo mangas brancas, mais apertadas e mais longas. Usava as jóias com que Veracidade a presenteara, e o seu longo cabelo louro fora preso num intrincado penteado com uma rede de prata com ametistas nos pontos de junção. Estaquei ao vê-los. Tinham os rostos graves. Só podiam ir visitar o Rei Sagaz.

Apresentei-me de forma formal, e informei cautelosamente Veracidade de que o Rei Sagaz me convocara.

“Não,” disse-me ele com suavidade. “Eu é que te convoquei a apresentares-te ao Rei Sagaz. Comigo e com Kettricken. Desejo que testemunhes isto.”

O alívio inundou-me. Então aquilo não era a propósito de Celeridade. “Testemunhar o quê, meu príncipe?”, consegui perguntar.

Ele olhou-me como se eu fosse obtuso. “Vou pedir ao rei au-

torização para partir numa demanda. Para procurar os Antigos e trazer a ajuda de que tão desesperadamente necessitamos.”

“Oh.” Devia ter reparado no silencioso pajem, todo de negro, que trazia os braços cheios de rolos e tabuinhas. A cara do rapaz estava branca e hirta. Estava capaz de apostar que ele nunca fizera por Veracidade nada mais formal do que engraxar-lhe as botas. Rosamaria, lavada de fresco e vestida com as cores de Kettricken, fazia-me lembrar um nabo púrpura, branco e esfregado. Dirigi um sorriso à criança gorducha, mas ela devolveu-me gravemente o olhar.

Sem preâmbulo, Veracidade bateu uma vez na porta do Rei Sagaz. “Um momento!”, gritou uma voz. A de Coparede. Abriu uma fenda da porta, olhou furioso para fora, então apercebeu-se de que era a Veracidade que estava a impedir a entrada. Passou por um momento de uma hesitação demasiado óbvia antes de escancarar a porta.

“Senhor,” trilou. “Não vos esperava. Isto é, não fui informado de que o rei iria...”

“Não és necessário para isto. Podes ir-te agora embora.” Veracidade, normalmente, nem um pajem dispensava com tanta frieza.

“Mas... o rei pode precisar de mim...” Os olhos do homem não paravam quietos um momento. Ele temia qualquer coisa.

Os de Veracidade estreitaram-se. “Se precisar, tratarei de te mandar chamar. Na verdade, podes esperar. Junto à porta, do lado de fora. Que estejas lá se eu te chamar.”

Após um instante de pausa, Coparede saiu e parou ao lado da porta. Nós entrámos nos aposentos do rei. O próprio Veracidade levou a mão à porta e fechou-a. “Não gosto daquele homem,” observou, com uma voz mais do que suficientemente forte para ser ouvida através da porta. “É importunamente subserviente e untuosamente obsequioso. Uma combinação muito má.”

O rei não se encontrava na sua sala de estar. Quando Veracidade a atravessou, o Bobo apareceu de súbito à porta do quarto de Sagaz. Arregalou os olhos para nós, sorriu num súbito ataque de alegria, e então fez-nos a todos uma vénia a roçar o chão. “Senhor! Acordai! É como eu predisse, os menestréis chegaram!”

“Bobo,” rosnou Veracidade, mas de bom humor. Passou por ele, afastando as tentativas trocistas que o bobo fez para lhe beijar a bainha da túnica. Kettricken ergueu uma mão para abafar um sorriso e seguiu Veracidade. O Bobo por pouco não conseguia fazer-me

tropeçar num pé subitamente estendido. Eu evitei-o, mas fiz uma entrada desastrada no quarto do rei, quase colidindo com Kettricken. O Bobo dirigiu-me um sorriso e um requebro, e então cabriolou para junto da cama de Sagaz. Ergueu a mão do velho, deu-lhe palmadinhas com uma gentileza verdadeira. “Majestade? Majestade? Tendes visitas.”

Na cama, Sagaz agitou-se e inspirou de súbito profundamente. “Que é isto? Quem está aí? Veracidade? Abre as cortinas, Bobo, quase não vejo quem ali está. Rainha Kettricken? O que é tudo isto? O Fitz! Que se passa?” A sua voz não era forte, e havia nela uma nota quezilenta, mas apesar de tudo estava melhor do que eu esperara. Quando o Bobo abriu os cortinados da cama e lhe empilhou almofadas atrás das costas, dei por mim a encarar um homem que parecia mais velho do que Breu. A semelhança entre os dois parecia tornar-se mais marcada à medida que Sagaz envelhecia. A carne da cara do rei descaíra, para revelar as mesmas sobranceiras e malares do seu irmão bastardo. Os olhos por baixo dessas sobranceiras estavam alerta, mas fatigados. Ele parecia melhor do que da última vez que o vira. Ergueu-se mais para nos enfrentar. “Bem, de que se trata?” quis saber, sondando o nosso círculo com os olhos.

Veracidade fez uma vénia profunda e formal, e Kettricken imitou-o. Eu fiz aquilo que sabia que se exigia de mim: caí sobre um joelho e fiquei aí, de cabeça baixa. Ainda consegui espreitar para cima quando Veracidade falou. “Rei Sagaz. Meu pai. Vim pedir-vos autorização para um empreendimento.”

“Que é?...” perguntou o rei de mau humor.

Veracidade ergueu os olhos para os prender nos do pai. “Desejo sair de Torre do Cervo com um grupo escolhido de homens, para tentar seguir o mesmo caminho seguido há tanto tempo pelo Rei Sabedoria. Desejo viajar este Inverno até aos Ermos Chuvosos, para lá do Reino da Montanha, a fim de encontrar os Antigos e pedir-lhes que cumpram a promessa que fizeram ao nosso antepassado.”

Uma expressão incrédula passou brevemente pela cara de Sagaz. Endireitou-se na cama, rodou as magras pernas para o lado. “Bobo. Traz vinho. Fitz, levanta-te e ajuda-o. Kettricken, querida, o vosso braço, por favor, para me ajudar a chegar àquela cadeira ao lado da lareira. Veracidade, vai buscar a mesa pequena que está junto à janela. Por favor.”

Com esta mão-cheia de pedidos, Sagaz rebentou a bolha de

formalidade. Kettricken ajudou-o com uma familiaridade que me mostrou que possuía uma ligação genuína com o velho. O Bobo cabriolou até ao aparador da sala de estar, em busca de copos para vinho, deixando comigo a selecção de uma garrafa de entre o pequeno conjunto que Sagaz guardava nos seus aposentos. As garrafas estavam cobertas de poeira, como se ele há muito não provasse aqueles vinhos. Perguntei a mim próprio, desconfiado, qual seria a origem daquilo que Coparede lhe dava. Pelo menos notei que o resto da sala se apresentava em boa ordem. Muito melhor do que estivera antes da Festa de Inverno. Os incensórios de Fumo que tanto me haviam perturbado encontravam-se, frios, a um canto. E naquela noite o rei parecia ainda ter o entendimento intacto.

O Bobo ajudou o rei a vestir um espesso roupão de lã e ajoelhou-se para lhe enfiar chinelos nos pés. Sagaz instalou-se na sua cadeira junto à lareira e pousou o copo de vinho na mesa a seu lado. Mais velho. Muito mais velho. Mas o rei a quem eu tão frequentemente prestara relatórios em jovem estava de novo em reunião na minha frente. De súbito desejei poder ser eu quem com ele falava naquela noite. Aquele velho de olhos penetrantes poderia escutar mesmo os meus motivos para desejar casar com Moli. Senti um reavivar de fúria contra Coparede pelos hábitos a que levara o meu rei.

Mas aquele não era o meu tempo. Apesar da informalidade do rei, Veracidade e Kettricken estavam tensos como cordas de arco. O Bobo e eu trouxemos cadeiras para que se pudessem sentar de ambos os lados de Sagaz. Eu fui pôr-me atrás de Veracidade e esperei.

“Conta a história simplesmente,” pediu Sagaz a Veracidade, e foi o que este fez. Os rolos de Kettricken foram desenrolados um de cada vez, e Veracidade leu em voz alta as passagens pertinentes. O velho mapa foi estudado demoradamente. Sagaz a princípio nada fez além de perguntas, sem comentários ou julgamentos até ter a certeza de ter obtido deles todas as migalhas de informação. O Bobo estava em pé a seu lado, alternando fitar-me com ar radiante com fazer terríveis caretas ao pajem de Veracidade, numa tentativa de levar o aterrorizado rapaz pelo menos a sorrir. Eu acho que era mais provável que ele assustasse o moço. Rosamaria esqueceu-se por inteiro de onde estava e pôs-se a brincar com as borlas das cortinas da cama.

Depois de Veracidade acabar de falar, o rei recostou-se na cadeira. Ingeriu o resto de vinho que tinha no copo, após o que o estendeu para que o Bobo o voltasse a encher. Bebeu um golinho, sus-

pirou, e então sacudiu a cabeça. “Não. Há nisto demasiados bicuendes e histórias de embalar para que empreendas a viagem agora, Veracidade. Mostraste-me o suficiente para me lebares a crer que vale a pena enviarmos lá um emissário. Um homem escolhido por ti, com uma comitiva adequada, presentes e cartas tuas e minhas para confirmar que está lá em nosso nome. Mas tu, o Rei Expectante? Não. Não temos neste momento recursos disponíveis para tal. Majestoso caiu sobre mim há bocado, falando sem parar sobre os custos dos novos navios que estão a ser construídos, e das fortificações das torres na Ilha da Armação. O dinheiro começa a escassear. E ver-te a sair da cidade pode não fazer com que o povo se sinta em segurança.”

“Mas eu não fujo, parto numa demanda. Uma demanda com o benefício deles como objectivo. E deixo aqui a minha rainha expectante, para me representar junto deles enquanto andar por longe. Não tinha em mente uma caravana com menestréis, cozinheiros e tendas bordadas, senhor. Iremos viajar por estradas cobertas de neve, na direcção do coração do próprio Inverno. Quero levar um contingente militar, e viajar como os soldados viajam. Como sempre fiz.”

“E achas que isso impressionará os Antigos? Se os encontrares? Se eles existirem?”

“Segundo a lenda, o Rei Sabedoria foi sozinho. Eu creio que os Antigos existiam, e que ele os encontrou. Se falhar, regressarei, para voltar ao Talento e aos navios de guerra. O que teremos perdido? Se for bem sucedido, trarei comigo um aliado poderoso.”

“E se morreres durante a busca?” perguntou pesadamente Sagaz.

Veracidade abriu a boca para responder. Mas antes de conseguir falar, a porta da sala de estar foi aberta com violência e Majestoso irrompeu pela sala dentro. Tinha o rosto enrubescido. “O que se passa aqui? Porque motivo não fui informado deste conselho?” Atirou-me um olhar venenoso. Atrás dele, Coparede espreitava da porta.

Veracidade permitiu-se um pequeno sorriso. “Se não foste informado pelos teus espíões, porque estás aqui agora? Censura-os a eles por não teres sabido mais cedo, não a mim.” A cabeça de Coparede sumiu-se de vista.

“Pai, exijo saber o que se passa aqui!” Majestoso estava quase a bater os pés. Por trás de Sagaz, o Bobo imitava a expressão facial de Majestoso. Ao ver isto, o pajem de Veracidade finalmente sorriu, mas então esbaldou os olhos e compôs a cara.

O Rei Sagaz, em vez de responder, dirigiu-se a Veracidade. “Há algum motivo para queres excluir o Príncipe Majestoso desta discussão?”

“Não vejo que lhe diga respeito.” Fez uma pausa. “E queria ter a certeza de que a decisão a que chegássemos fosse inteiramente vossa.” Veracidade, fiel ao seu nome.

Majestoso encrespou-se, com as narinas retesadas até ficarem brancas, mas Sagaz ergueu uma mão para o acalmar. De novo, falou apenas para Veracidade. “Não lhe diz respeito? Mas em quem cairá o manto da autoridade enquanto andares por longe?”

Os olhos de Veracidade gelaram. “A minha rainha expectante representará o meu reinado, claro. Vós ainda usais o manto da autoridade, meu rei.”

“Mas se não regressares?...”

“Estou certo de que o meu irmão se poderia adaptar a essa situação num instante.” Veracidade nem procurou mascarar a aversão na voz. Eu conhecia o profundo efeito que nele tinha tido o veneno das atitudes traiçoeiras de Majestoso. Qualquer que tivesse sido a ligação que eles tinham partilhado enquanto irmãos, fora corroída por esse veneno. Agora eram apenas rivais. Sagaz também a ouvira, sem dúvida. Perguntei a mim próprio se ele se sentiria surpreendido com ela. Se sentia, escondia-o bem.

Quanto a Majestoso, as orelhas tinham-se-lhe erguido à menção da partida de Veracidade. Agora estava tão avaramente alerta como um cão a pedinchar à mesa. Falou apenas um momento cedo demais para ter alguma ressonância de sinceridade na voz. “Se alguém me quiser explicar para onde vai Veracidade, talvez possa falar por mim próprio quanto ao que posso estar pronto a assumir.”

Veracidade controlou a língua. De testa lisa e silencioso, olhou para o pai.

“O teu irmão” — a frase soou um pouco pesada aos meus ouvidos — “deseja que eu lhe dê licença para uma demanda. Deseja partir, e em breve, para os Ermos Chuvosos, para lá do Reino da Montanha. Para procurar os Antigos e obter deles a ajuda que um dia nos foi prometida.”

Majestoso fez olhos de coruja. Não sei se não conseguia acreditar na ideia de existirem Antigos, se não conseguia acreditar na quantidade de boa sorte que lhe tinha sido entregue de repente. Lambeu os lábios.

“Eu, claro, proibi-o.” Sagaz observava Majestoso enquanto falava.

“Mas porquê?” quis saber Majestoso. “Certamente que todos os rumos devem ser tidos em conta...”

“A despesa é proibitiva. Não me vieste dizer, há pouco tempo, que a construção dos navios de guerra, tripulá-los e aprovisioná-los tinham praticamente esgotado as nossas reservas?”

Os olhos de Majestoso pestanejaram com a rapidez de uma língua de serpente. “Mas desde então recebi o resto dos relatórios das colheitas, pai. Não sabia que seriam tão bons. Podem ser encontrados fundos. Desde que ele esteja disposto a viajar com simplicidade.”

Veracidade expirou pelo nariz. “Obrigado pela tua consideração, Majestoso. Não me tinha apercebido de que essas decisões te competiam.”

“Eu limito-me a aconselhar o rei, tal como tu,” apressou-se a fazer notar Majestoso.

“Não te parece que enviar um emissário seria mais sensato?” sondou Sagaz. “O que pensaria o povo se visse o seu rei expectante a abandonar Torre do Cervo numa altura destas, e numa demanda destas?”

“Um emissário?” Majestoso aparentou pesar a ideia. “Penso que não. Com tudo o que temos de pedir, não. Não dizem as lendas que o Rei Sabedoria foi em pessoa? Que sabemos nós desses Antigos? Atrevemo-nos a correr o risco de enviar um subordinado para os ofender? Nisto, não, creio é necessário, pelo menos, o filho do rei. E quanto a ele abandonar Torre do Cervo... bem, o rei sois vós, e vós permaneceréis cá. Tal como a esposa dele.”

“A minha rainha,” rosou Veracidade, mas Majestoso continuou a falar.

“E eu. Torre do Cervo ficará longe de abandonada. E a demanda em si? Pode capturar a imaginação das pessoas. Ou, se preferirdes, o motivo da partida dele pode ser mantido em segredo. Podia ser vista como uma simples visita aos nossos aliados da Montanha. Especialmente se a esposa o acompanhasse.”

“A minha rainha fica cá.” Veracidade usou o título dela com intenção. “Para representar o meu reinado. E para proteger os meus interesses.”

“Não confias no teu pai para isso?” perguntou Majestoso, numa voz suave.



Veracidade dominou a língua, e olhou o velho, sentado na sua cadeira junto da lareira. A questão no seu olhar era clara para qualquer um com olhos na cara. Posso confiar em vós?, perguntava-lhe. Mas Sagaz, fiel ao seu nome, respondeu só com uma pergunta sua.

“Ouviste as ideias do Príncipe Majestoso sobre este empreendimento. E as minhas. Conheces as tuas. Dados esses conselhos, o que queres fazer agora?”

Nesse momento, adorei Veracidade, pois ele virou-se e olhou apenas para Kettricken. Nenhum aceno, nenhum sussurro passou entre os dois. Mas ele voltou a virar-se para o pai com o acordo selado. “Desejo viajar até aos Ermos Chuvosos para lá do Reino da Montanha. E desejo partir tão depressa quanto possível.”

Enquanto o Rei Sagaz anuíá lentamente, o coração caiu-me no poço da barriga. Mas, por trás da cadeira dele, o Bobo pôs-se às cambalhotas pelo quarto fora, e depois rodopiou de volta, para se imobilizar em pé atrás dele como se nunca se tivesse movido. Majestoso ficou perturbado por aquilo. Mas quando Veracidade se ajoelhou para beijar a mão do Rei Sagaz e agradecer-lhe a permissão dada, o sorriso que se espalhou pela cara de Majestoso foi suficientemente largo para engolir um tubarão.

Pouco mais houve no conselho. Veracidade quis partir dentro de sete dias. Sagaz aceitou. Quis escolher o seu séquito. Sagaz aceitou, embora Majestoso tivesse feito uma expressão pensativa. Não fiquei contente, quando o rei finalmente nos mandou a todos embora, ao ver como Majestoso se deixou ficar para trás para conversar com Coparede na sala de estar enquanto nós enfileirávamos pela porta fora. Dei por mim com curiosidade de saber se Breu me autorizaria a matar Coparede. Já me proibira de dar uma solução a Majestoso dessa forma, e depois disso eu prometera ao meu rei que não o faria. Mas Coparede não possuía tal imunidade.

No corredor, Veracidade agradeceu-me rapidamente. Atrevi-me a perguntar-lhe por que motivo quisera que eu estivesse presente.

“Para testemunhares,” disse ele com voz pesada. “Testemunhar um acontecimento é muito mais do que ouvir falar dele mais tarde. Para guardares na memória todas as palavras que foram ditas... para que não sejam esquecidas.”

Soube então que devia esperar uma convocatória de Breu naquela noite.

Mas não consegui resistir a ir ter com Moli. Ver o rei de novo como rei atizara as esperanças que se me apagavam. Prometi a mim próprio que a visita seria breve, só para falar com ela, para lhe dizer que estava grato por tudo o que ela fazia. Estaria nos meus aposentos antes das horas tardias que Breu preferia para as nossas conversas.

Bati-lhe à porta de um modo furtivo; ela deixou-me rapidamente entrar. Deve ter visto como eu estava motivado, pois veio imediatamente aos meus braços, sem perguntas nem dúvidas. Afa-guei-lhe o cabelo reluzente, olhei-a nos olhos. A paixão que me submergiu de súbito foi como uma inundação de Primavera que rebenta de súbito por um ribeiro abaixo, afastando do seu caminho todos os detritos do Inverno. As minhas intenções de conversar calmamente com ela foram varridas. Moli arquejou quando a apertei ferozmente a mim, e então rendeu-se-me.

Foi como se se tivessem passado meses, e não dias, desde a última vez que tínhamos estado juntos. Quando ela me beijou, faminta, senti-me de súbito embaraçado, incerto do motivo que a levaria a desejar-me. Era tão jovem e bela. Parecia vaidade crer que pudesse desejar alguém tão desgastado como eu. Ela não me deixou guardar as dúvidas, e puxou-me para cima de si sem hesitação. No âmago daquela partilha, finalmente reconheci a realidade do amor nos seus olhos azuis. Exultei com o modo apaixonado como ela me puxou para si e me apertou nos seus braços fortes e brancos. Mais tarde recordaria vislumbres de cabelo dourado espalhado sobre uma almofada, os odores de cedro mel e chá-de-montanha na sua pele, e até o modo como ela atirou a cabeça para trás e deu uma voz suave ao seu fervor.

Depois de terminar, Moli sussurrou, espantada, que a minha intensidade me fazia parecer um homem diferente. Tinha a cabeça apoiada no meu peito. Eu guardei silêncio, e afaguei o cabelo escuro que cheirava sempre às suas ervas. Timo e lavanda. Fechei os olhos. Sabia que tinha protegido bem os meus pensamentos. Isso tornara-se há muito um hábito quando estava com Moli.

O que significava que Veracidade não os protegera.

Não quisera que aquilo acontecesse. Duvidava de que alguém tivesse querido. Talvez, esperava eu, tivesse sido o único a senti-lo por inteiro. Assim poderia não haver nenhum verdadeiro mal, desde que eu nunca falasse no assunto. Desde que pudesse remover para sempre da minha mente a doçura da boca de Kettricken, e a suavidade da sua pele tão, tão branca.

## Mensagens

*O Rei Expectante Veracidade partiu de Torre do Cervo no começo do terceiro Inverno da Guerra dos Navios Vermelhos. Levou consigo um pequeno grupo de seguidores escolhidos a dedo, que o acompanhariam na sua demanda, bem como a sua guarda pessoal, que iria viajar com ele até ao Reino da Montanha e aí permaneceria à espera do seu regresso. O raciocínio era que uma expedição mais pequena precisava de menos bagagem, e viajar pelas Montanhas no Inverno exigia que levasse consigo todas as provisões. Também decidira que não desejava apresentar um aspecto marcial aos Antigos. A sua verdadeira missão foi revelada a poucos além dos companheiros. Ostensivamente, dirigia-se ao Reino da Montanha para negociar com o pai da sua rainha, o Rei Eyod, a possibilidade de obter apoio militar contra os Navios Vermelhos.*

*Entre aqueles a quem pediu que o acompanhassem, havia vários dignos de nota. Hode, mestre de armas de Torre do Cervo, foi uma das primeiras a ser seleccionada. O seu domínio da táctica não era excedido por ninguém no reino, e a sua perícia com as armas ainda era notável, apesar da idade. Carimo, o criado pessoal de Veracidade, estava com ele há tanto tempo e acompanhara-o em tantas campanhas que era impensável para ambos deixá-lo para trás. Castanheiro, castanho como o seu nome, era membro da guarda militar de Veracidade há mais de uma década. Faltava-lhe um olho e a maior parte de*

*uma orelha, mas apesar disso parecia duas vezes mais alerta do que qualquer outro homem. Quife e Quefe, nascidos gémeos, e, tal como Castanheiro, membros da guarda de honra de Veracidade há anos, também foram. Houve outro, Castro, o mestre dos estábulos de Torre do Cervo, que se juntou ao grupo por sua própria iniciativa. Quando se ouviram protestos relativamente à sua partida de Torre do Cervo, ele fez notar que deixava um homem capaz a cargo dos estábulos de Torre do Cervo, e que o grupo precisaria de um homem conhecedor dos animais a fim de lograr mantê-los vivos durante a travessia das Montanhas a meio do Inverno. As suas habilidades como curandeiro e a sua experiência como Homem do Rei do Príncipe Cavalaria eram também qualificações que ele fez notar, mas esta última era conhecida por poucos.*

\*\*\*

Na noite anterior à partida de Veracidade, ele chamou-me ao seu estúdio. “Não aprovas isto, pois não? Achas que é um projecto condenado à partida,” disse ele em jeito de saudação.

Tive de sorrir. Inadvertidamente, ele declarara precisamente aquilo que eu pensava. “Temo bem que tenha sérias dúvidas,” concordei com cautela.

“Tal como eu. Mas que mais me resta? Isto, pelo menos, é uma hipótese que tenho para fazer alguma coisa. Além de ficar sentado naquela maldita torre a matar-me com o Talento.”

Ele passara os últimos dias a copiar meticulosamente o mapa de Kettricken. Enquanto eu o observava, enrolou-o com cuidado e enfiou-o num estojo de couro. A diferença que a última semana tinha feito no homem espantou-me. Ainda estava grisalho, o seu corpo continuava a mostrar-se gasto e tristemente emurchecido, de ter passado muitos meses sentado. Mas deslocava-se com energia, e tanto ele como Kettricken tinham agraciado o Grande Salão com a sua presença todas as noites desde que a decisão fora tomada. Fora um prazer vê-lo comer com apetite, e voltar a demorar-se com um copo de vinho enquanto Doce ou outro dos menestréis nos entretinham a todos. O renovado calor entre ele e Kettricken era outro apetite que recuperara. Os olhos dela raramente deixavam o semblante do seu senhor quando se encontravam à mesa. Enquanto os menestréis actuavam, os dedos dela estavam sempre pousados no seu braço. Ela

brilhava na presença dele como uma vela a arder. Por mais que me escudasse, estava demasiado consciente do gosto que ambos tinham nas suas noites. Tentara esconder-me das suas paixões submergindo-me em Moli. Acabei sentindo-me culpado por Moli estar tão satisfeita com o meu ardor renovado. Como se sentiria ela se soubesse que os meus apetites não eram inteiramente meus?

O Talento. Fora avisado dos seus poderes e ciladas, de como podia chamar um homem e drená-lo de tudo, excepto de uma fome por usá-lo. Aquela era uma armadilha acerca da qual nunca fora avisado. Em certa medida, estava desejoso da partida de Veracidade para poder voltar a chamar minha à minha alma.

“O que fazeis nessa torre não é uma tarefa menor. Se o povo ao menos pudesse compreender o modo como vos queimais por ele...”

“E tu compreendes bem demais. Tornámo-nos chegados durante este Verão, rapaz. Mais chegados do que eu alguma vez julguei ser possível. Mais chegados do que algum homem esteve de mim desde a morte do teu pai.”

Mais chegados até do que suspeitais, meu príncipe. Mas não proferi aquelas palavras. “É verdade.”

“Tenho um favor a pedir-te. Na verdade são dois.”

“Sabeis que não vos direi que não.”

“Nunca digas isso com tanta facilidade. O primeiro é que cuidas da minha senhora. Ela tornou-se mais sabedora dos costumes de Torre do Cervo, mas ainda confia nas pessoas muito mais do que devia. Mantém-na a salvo até ao meu regresso.”

“Isso é sempre vosso sem que mo peça, meu príncipe.”

“E o outro.” Inspirou, suspirou. “Quero tentar ficar também aqui. Na tua mente. Durante quanto tempo quanto for capaz.”

“Meu príncipe.” Hesitei. Ele tivera razão. Aquilo não era algo que eu quisesse conceder-lhe. Mas já dissera que o faria. Sabia que, a bem do reino, era uma coisa sensata a fazer. Mas para mim? Já antes sentira os limites do meu eu em erosão perante a forte presença de Veracidade. Não estávamos agora a falar de um contacto de horas, ou de dias, mas de semanas e provavelmente meses. Perguntei a mim próprio se seria aquilo que acontecia aos membros dos círculos, se acabavam por deixar de ter vidas separadas. “E o vosso círculo?” perguntei em voz baixa.

“Que há com eles?”, retorquiu. “Deixo-os em posição, por agora nas torres de vigia e nos meus navios. Quaisquer mensagens que

tenham de enviar, podem enviá-las a Serena. Na minha ausência, ela levá-las-á a Sagaz. Se houver algo que sintam que eu deva saber, podem contactar-me pelo Talento.” Fez uma pausa. “Haverá outros tipos de informação que eu procurarei através de ti. Coisas que preferiria manter em privado.”

Notícias sobre a sua rainha, pensei de mim para mim. Sobre como Majestoso empregaria os seus poderes na ausência do irmão. Mexericos e intrigas. De certa forma, coisas triviais. De outra, o detalhe que assegurava a posição de Veracidade. Desejei pela milésima vez poder usar o Talento de forma fiável e por minha própria iniciativa. Se possuísse essa capacidade, Veracidade não teria tido necessidade de me pedir isto. Eu teria sido capaz de o alcançar a qualquer altura. Mas sendo as coisas como eram, o vínculo de Talento imposto pelo toque que tínhamos usado durante o Verão era o nosso único recurso. Através dele, Veracidade podia estar consciente sempre que quisesse do que se passava em Torre do Cervo, e eu podia receber as suas instruções. Hesitava, mas já sabia que concordaria. Por lealdade para com ele e para com os Seis Ducados, disse eu a mim próprio. Não por ter em mim qualquer fome de Talento. Ergui os olhos para ele. “Fá-lo-ei.”

“Sabendo bem que é assim que começa,” disse ele. Não era uma pergunta. Era já com aquela precisão que nos conseguíamos ler um ao outro. Ele não esperou pela minha resposta. “Serei o mais discreto possível,” prometeu. Dirigi-me para ele. E ele ergueu uma mão e tocou-me no ombro. Veracidade estava de novo comigo, como já não estava conscientemente desde aquele dia, no seu estúdio, em que me pedira para erguer as minhas barreiras.

O dia da partida foi bom, com um frio de quebrar ossos mas os céus de um azul limpo. Veracidade, fiel à palavra dada, mantivera a expedição num mínimo. Tinham sido despachados batedores na manhã seguinte ao conselho para o preceder no caminho e arranjar provisões e alojamento nas vilas por onde passaria. Isto iria permitir-lhe viajar com rapidez e com pouco peso através da maior parte dos Seis Ducados.

Quando a sua expedição partiu naquela manhã fria, eu fui o único da multidão que não me despedi de Veracidade. Ele aninhava-se no interior da minha mente, pequeno e silencioso como uma semente à espera da Primavera. Quase tão despercebido como Olhos-de-Noite. Kettricken decidira assistir à partida nas ameias co-

bertas de gelo do Jardim da Rainha. Despedira-se dele mais cedo, e escolhera aquele local para que, se chorasse, ninguém o achasse impróprio. Eu fiquei a seu lado e supor-tei a ressonância daquilo que ela e Veracidade tinham partilhado na última semana. Sentia-me ao mesmo tempo contente por ela e condoído por aquilo que encontrara tão recentemente ter de lhe ser tirado tão depressa. Cavalos e homens, bestas de carga e estandartes finalmente passaram sobre o cume de umas colinas e desapareceram de vista. Então senti algo que me arrepiou a espinha. Ela sondou-o através da Manha. Muito tenuemente, é certo, mas foi o suficiente para que, algures no meu coração, Olhos-de-Noite se tenha sentado, com os olhos em chamas, e perguntado, *O que é isto?*

*Nada. Nada que tenha a ver connosco, pelo menos. E acrescentei: Caçaremos juntos em breve, irmão, como não caçamos há demasiado tempo.*

Durante alguns dias após a partida da coluna quase tive a minha vida de volta. Temera a partida de Castro com Veracidade. Compreendia o que o levava a seguir o seu rei expectante, mas senti-me desconfortavelmente exposto com ambos longe. Isso disse-me sobre mim próprio muitas coisas que na verdade não queria saber. Mas o outro lado dessa moeda era que com Castro longe e a presença de Veracidade bem enrolada dentro de mim, Olhos-de-Noite e eu fomos finalmente livres para usar a Manha tão abertamente quanto desejassemos. Quase todas as madrugadas encontrava-me com ele, a milhas da Torre. Nos dias em que procurávamos Forjados, eu montava Fuligem, mas ela nunca se sentia completamente confortável com o lobo por perto. Após algum tempo pareceu ter passado a haver muito menos Forjados, e ter parado o afluxo de mais à zona. Começámos a conseguir caçar animais para nós. Para isso, eu seguia a pé, pois dessa forma caçávamos com maior companheirismo. Olhos-de-Noite aprovava as minhas melhorias físicas estivais. Nesse Inverno, pela primeira vez desde que Majestoso me envenenara, senti que tinha de novo o completo usufruto do meu corpo e das suas forças. As vigorosas manhãs de caça e as horas profundas da noite com Moli teriam sido vida suficiente para qualquer homem. Há algo de completamente satisfatório em coisas simples como essas.

Suponho que queria que a minha vida fosse sempre assim tão simples e completa. Tentei ignorar coisas que sabia serem perigosas. O prolongar do bom tempo, disse a mim próprio, asseguraria a

Veracidade um bom começo na viagem. Afastei da mente a questão sobre se haveria ataques de fim de estação por parte dos Navios Vermelhos enquanto estávamos assim tão desprotegidos. Também evitei Majestoso e a súbita série de ocasiões sociais que encheram Torre do Cervo com os seus seguidores e mantiveram os archotes a arder até tarde todas as noites no Grande Salão. Serena e Justino também andavam em muito maior evidência por Torre do Cervo. Nunca entrava numa sala em que eles se encontrassem sem sentir as setas da sua antipatia. Comecei a evitar, à noite, as salas comuns onde pudessem encontrá-los ou aos convidados de Majestoso que tinham vindo ampliar a nossa corte de Inverno.

Veracidade não tinha partido há mais de dois dias quando eu ouvi rumores de que o verdadeiro propósito da sua demanda era procurar os Antigos. Não podia culpar Majestoso pelos boatos. Aqueles que Veracidade escolhera tinham sabido da sua verdadeira missão. Castro conseguira descobri-la sozinho. Se ele o fizera, outros conseguiriam fazer o mesmo, e espalhar a informação por aí. Mas quando eu ouvi dois copeiros a rir-se “da loucura do Rei Sabedoria e do mito do Príncipe Veracidade,” suspeitei que o ridículo fosse obra de Majestoso. O uso do Talento por Veracidade transformara-o em grande medida num recluso. As pessoas interrogavam-se quanto ao que ele faria durante tanto tempo sozinho naquela torre. Isto é, sabiam que ele usava o Talento, mas isso era um tema demasiado maçador para mexericos. O seu olhar preocupado, as horas estranhas para se alimentar ou descansar, o seu deambular silencioso e fantasmagórico pelo castelo quando as outras pessoas estavam na cama eram cereais para esse moinho. Teria perdido a razão, e partido numa missão de louco? A especulação começou a crescer, e Majestoso fornecia-lhe terreno fértil. Arranjou desculpas e motivos para todos os tipos de banquetes e reuniões dos seus nobres. O Rei Sagaz raramente estava em condições de estar presente, e Kettricken não apreciava a companhia dos espirituosos patifes que Majestoso apreciava. Eu tinha suficiente juízo para me manter afastado. Só podia resmungar comigo e com Breu acerca do custo daquelas festas, quando Majestoso insistira que quase não havia fundos para a expedição de Veracidade. Breu limitava-se a abanar a cabeça.

O velho tornara-se mais amigo de poucas palavras nos últimos tempos, até comigo. Tive a sensação desconfortável de que Breu guardava um segredo de mim. Segredos em si mesmos não



eram nada de novo. O velho assassino estava a transbordar de segredos. Mas eu não conseguia livrar-me da sensação de que aquele segredo me tocava directamente. Não lhe podia perguntar com franqueza, mas observei-o. A sua mesa de trabalho mostrava sinais de muito uso quando não me encontrava presente. Ainda mais estranho era que toda a desarrumação relacionada com esse trabalho era meticulosamente limpa sempre que ele me chamava. Isso era bizarro. Durante anos, eu limpava o que ele e a sua “cozinha” sujavam. Vê-lo agora a fazer limpezas sozinho parecia ou uma forte reprimenda dirigida a mim, ou uma forma de esconder o que quer que andasse a fazer.

Incapaz de resistir, observei-o sempre que tive oportunidade. Nada fiquei a saber do seu segredo, mas vi muitas coisas que me tinham antes escapado. Breu estava a envelhecer. A prisão de movimentos que o tempo frio trazia às suas articulações já não cedia às noites confortáveis passadas em frente da lareira. Ele era o meio-irmão mais velho de Sagaz, bastardo como eu, e apesar de perro ainda parecia o mais novo dos dois. Mas quando agora lia segurava os pergaminhos mais longe do nariz, e evitava erguer a mão para pegar em algo que estivesse acima da sua cabeça. Ver aquelas mudanças nele era tão doloroso como saber que ele guardava um segredo de mim.

Vinte e três dias após a partida de Veracidade, regressei de uma caçada com Olhos-de-Noite para ir encontrar a Torre numa grande animação. Era como um formigueiro incomodado, mas sem nenhuma da intencionalidade de um formigueiro. Fui ter directamente com a Cozinheira Sara e perguntei-lhe o que acontecera. A cozinha de qualquer castelo é o coração do moinho dos boatos, perdendo apenas para a casa dos guardas. Em Torre do Cervo, os mexericos da cozinha estavam geralmente mais próximos da verdade.

“Chegou um cavaleiro, com o cavalo quase morto. Disse que houve um ataque em Barca. Desapareceu a cidade quase toda com os incêndios que eles atearam. Setenta pessoas forçadas. Ainda não se sabe quantos mortos. E mais morrerão, deixados sem tecto com este frio. Três navios cheios de Salteadores, disse o moço. Foi ter direitinho com o Príncipe Majestoso, o moço, e entregou-lhe o relatório. O Príncipe Majestoso mandou-o para cá para ser alimentado; está agora na casa dos guardas, a dormir.” Baixou a voz. “Aquele moço veio o caminho todo sozinho. Arranjou cavalos frescos nas vilas por onde passou, pela estrada costeira, mas não quis deixar que mais ninguém

trouxesse a mensagem por ele. Disse-me que a cada etapa esperava encontrar ajuda a caminho, ouvir alguém dizer que já sabiam e que tinham zarpado navios. Mas não havia nada.”

“De Barca? Então passaram-se pelo menos cinco dias desde o ataque. Por que não foram acendidas as fogueiras das torres?” quis eu saber. “Ou porque não foram os pássaros correio enviados para Alcatrazes e Baía das Focas? O Rei Expectante Veracidade deixou um navio patrulha nessa zona. O navio patrulha devia ter conseguido ver a luz vinda de Alcatrazes ou Barca. E há um membro do círculo, Vontade, na Torre Vermelha. Ele deve ter visto os fogos sinaleiros. Devia ter mandado a notícia para cá, para Serena. Como pode ser que não tenha sido recebida aqui nem uma palavra; como podemos nós não saber nada de tudo isto?”

A Cozinheira baixou ainda mais a voz, deu à massa que estava a amassar um soco eloquente. “O moço disse que os fogos sinaleiros foram acendidos, em Barca e na Vila de Gelo. Diz que os pássaros foram enviados para Alcatrazes. O navio não apareceu.”

“Então porque foi que não soubemos?” Enchi, a tremer, os pulmões de ar, e pus de parte a minha inútil fúria. Dentro de mim, senti um ténue agitar de preocupação, vindo de Veracidade. Demasiado ténue. O vínculo de Talento estava a desvanecer-se, precisamente na altura em que o queria forte. “Bem, suponho que não vale a pena fazer essa pergunta neste momento. O que fez Majestoso? Mandou zarpar o *Rurisk*? Gostaria de ter estado aqui para ir com eles.”

A Cozinheira soltou uma fungadela e fez uma pausa para esganar um pouco a massa. “Então vai lá, que não vais tarde. Nada foi feito, que eu tivesse sabido ninguém foi enviado.” Ninguém fora enviado, ninguém estava a ser enviado. Ninguém.

“Sabes que não tenho língua para mexericos, Fitz, mas o que se murmura é que o Príncipe Majestoso sabia. Quando o moço chegou, oh, o príncipe foi tão gentil, tão cheio de simpatia que quase fez derreter os corações das damas. Uma refeição, um casaco novo, uma pequena bolsa pelo incómodo. Mas disse ao rapaz que agora era tarde demais. Os Salteadores deviam ter desaparecido há muito. Não fazia sentido mandar agora zarpar um navio, nem enviar soldados.”

“É tarde demais para combater Salteadores, talvez. Mas e os que ficaram sem tecto em Barca? Um contingente de trabalhadores para ajudar a reparar casas, alguns carros de comida...”

“Diz que não há dinheiro para isso.” Sara cortou com os dentes

cada palavra. Pôs-se a partir a massa em rolos e a batê-los para os fazer crescer. “Diz que o tesouro foi esgotado para construir navios e tripulá-los. Disse que Veracidade gastou o pouco que restava com aquela expedição para procurar Antigos.” Um mundo de desdém naquela última palavra. A cozinheira fez uma pausa para limpar as mãos ao avental. “Depois disse que lamentava imenso. Que lamentava mesmo imenso.”

Uma fúria fria desenrolou-se dentro de mim. Dei uma palmadinha no ombro de Sara e assegurei-lhe que tudo ficaria bem. Como que aturdido, saí da cozinha e dirigi-me ao estúdio de Veracidade. À porta fiz uma pausa, tateando o que ali fazia. Um claro vislumbre das intenções de Veracidade. No fundo de uma gaveta, encontraria um antigo colar de esmeraldas, com as pedras incrustadas em ouro. Pertencera à mãe da sua mãe. Seria o suficiente para contratar homens, e comprar cereais para enviar com eles. Abri a porta do estúdio, e parei.

Veracidade era um homem desarrumado, e fizera as malas à pressa. Carimo acompanhara-o; não estivera ali para limpar após a sua partida. Mas aquilo não era acto de nenhum dos dois. Aos olhos de outro homem, provavelmente teriam parecido poucas as coisas fora do lugar. Mas eu via a sala tanto com os meus olhos como com os de Veracidade. Fora revistada. Quem o fizera ou não se importava com a hipótese de ser detectado, ou não conhecera bem Veracidade. Todas as gavetas estavam bem fechadas, todos os aparadores se encontravam cerrados. A cadeira estava empurrada para junto da mesa. Estava tudo demasiado ordenado. Sem grande esperança, dirigi-me à gaveta e abri-a. Abri-a por completo e espreitei para o canto de trás. Talvez a desarrumação de Veracidade o tivesse salvo. Eu não teria procurado um colar de esmeraldas por baixo de uma confusão que incluísse uma velha espora, uma fivela partida e um bocado de outra parcialmente transformado no cabo de uma faca. Mas estava lá, enrolado num bocado de tecido grosseiro. Havia vários outros objectos pequenos mas valiosos a serem removidos da sala. Enquanto os reunia senti-me confuso. Se aquilo não tinha sido levado, qual teria sido o objectivo da busca? Se não era para obter pequenas coisas de valor, seria para quê?

Metodicamente, recolhi uma dúzia de mapas de velo, e então comecei a tirar vários outros da parede. Enquanto enrolava um deles com cuidado, Kettricken entrou silenciosamente. A minha Manha deixara-me consciente dela antes mesmo de tocar na porta, de

modo que foi sem surpresa que ergui os olhos para fitar os seus. Mantive-me firme perante a inundação de emoção proveniente de Veracidade que me submergiu. Vê-la pareceu fortalecê-lo no meu interior. Ela estava encantadora, pálida e esguia numa túnica de suave lâ azul. Prendi a respiração e afastei o olhar. Ela olhou-me com uma expressão de interrogação.

“Veracidade quis que isto fosse guardado enquanto ele andasse por longe. A humidade pode danificá-los, e esta sala raramente é aquecida quando ele não está cá.” Expliquei, enquanto acabava de enrolar o mapa.

Ela anuiu com a cabeça. “Isto aqui parece tão frio e vazio sem ele. Não é só a lareira fria. Não existe o cheiro dele, nenhuma da sua desarrumação...”

“Então fostes vós que limpastes a sala?” Tentei fazer a pergunta de forma casual.

“Não!” Ela soltou uma gargalhada. “As minhas arrumações só destroem a pouca ordem que ele aqui tem. Não, eu deixarei a sala como ele a deixou, até que regresse. Quero que volte para casa e encontre as suas coisas nos seus lugares.” O rosto tornou-se-lhe grave. “Mas esta sala é o menos. Mandei um pajem à tua procura hoje de manhã, mas não estavas cá. Ouviste as notícias sobre Barca?”

“Só os mexericos,” respondi.

“Então ouviste tanto como eu. Não fui convocada,” disse ela friamente. Então virou-se para mim, e havia dor nos seus olhos. “Ouvi a maior parte da boca da Dama Modéstia, que ouviu o criado de Majestoso a conversar com a sua aia. Os guardas foram ter com Majestoso, para lhe falar da chegada do mensageiro. Certamente que me deviam ter chamado, não? Será que não pensam em mim como uma rainha?”

“Senhora minha rainha,” fiz-lhe gentilmente lembrar. “Pelo direito, a mensagem devia ter sido levada directamente ao Rei Sagaz. Suspeito que foi, e que os homens de Majestoso, que vigiam a porta do rei, o mandaram buscar a ele e não a vós.”

A cabeça dela ergueu-se. “Nesse caso, eis algo que tem de ser remediado. Esse jogo pateta pode ser jogado por duas pessoas.”

“Pergunto a mim próprio se outras mensagens se terão extraído de uma forma semelhante,” especulei em voz alta.

Os seus olhos azuis tornaram-se cinzentos de gelo. “Que queres dizer?”

“As aves mensageiras, os fogos sinaleiros. Uma mensagem enviada pelo Talento, de Vontade, na Torre Vermelha, a Serena. Certamente que pelo menos uma dessas coisas nos deveria ter trazido a notícia de que Barca foi atacada. Uma podia extraviar-se, mas as três?”

O rosto dela empalideceu, e a sua mente deu o salto lógico. “O Duque de Vigas acreditará que não se prestou atenção ao seu pedido de ajuda.” Ergueu uma mão para cobrir a boca. Sussurrou através dela: “Isto é traição para difamar Veracidade!” Os seus olhos puseram-se subitamente muito redondos e ela silvou-me: “Isto não será tolerado!”

Virou-se e correu para a porta, com ira em cada movimento. Quase não conseguiu pôr-me no seu caminho com um salto. Encostei as costas à porta, mantive-a fechada. “Senhora, senhora minha rainha, suplico-vos, esperai! Esperai e reflecti!”

“Reflectir em quê? Como melhor revelar a profundidade da sua perfídia?”

“Não estamos nisto na posição mais poderosa. Por favor, esperai. Pensai comigo. Vós pensais, tal como eu, que Majestoso deve ter sabido algo sobre isto e guardado silêncio. Mas não temos provas. Absolutamente nenhuma. E talvez nos enganemos. Temos de avançar um passo de cada vez, para não semearmos discórdia quando menos a desejamos. A primeira pessoa com quem falar tem de ser o Rei Sagaz. Para ver se ele esteve consciente disto, para ver se autorizou Majestoso a falar em seu nome.”

“Ele não o faria!”, declarou ela em tom zangado.

“É frequente ele não estar em si,” fiz-lhe lembrar. “Mas é ele, e não vós, quem tem de repreender Majestoso publicamente, se a repreensão tiver de ser pública. Se vos pronunciardes contra ele, e o rei depois o apoiar, os nobres verão os Visionários como uma casa dividida. Já demasiada dúvida e discórdia foi semeada entre eles. Esta não é a altura de colocar os Ducados Interiores contra os Costeiros, com Veracidade longe daqui.”

Ela parou. Podia vê-la ainda a tremer de fúria, mas pelo menos estava a escutar-me. Encheu os pulmões de ar. Senti-a a acalmar-se.

“Foi para isto que te deixou cá, Fitz. Para ver estas coisas por mim.”

“O quê?” Foi a minha vez de ser sobressaltado.

“Pensava que sabias. Deves ter perguntado a ti próprio por que

motivo ele não te pediu para o acompanhares. Foi porque eu lhe perguntei em quem confiar, como conselheiro. Ele disse para me apoiar em ti.”

Ter-se-ia ele esquecido da existência de Breu?, perguntei a mim próprio, e então apercebi-me de que Kettricken nada sabia de Breu. Ele deve ter sabido que eu funcionaria como intermediário. Dentro de mim, senti que Veracidade concordava. Breu. Nas sombras, como sempre.

“Pensa de novo comigo,” pediu-me ela. “O que acontecerá em seguida?”

Ela tinha razão. Aquilo não era um acontecimento isolado.

“Teremos visitantes. O Duque de Vigas e os nobres seus subordinados. O Duque Fortes não é homem para enviar emissários numa missão como esta. Virá em pessoa e exigirá respostas. E todos os Duques Costeiros estarão à escuta do que lhe é dito. A sua costa é a mais exposta de todas, à excepção da do próprio Cervo.”

“Então devemos ter respostas que valha a pena ouvir,” declarou Kettricken. Fechou os olhos. Levou as mãos à testa por um momento, então apertou com elas o rosto. Apercebi-me de quão grande era o controlo que ela exercia sobre si própria. Dignidade, estava ela a dizer a si própria, calma e racionalidade. Inspirou e voltou a olhar para mim. “Vou visitar o Rei Sagaz,” anunciou. “Far-lhe-ei perguntas sobre tudo. Sobre toda esta situação. Perguntar-lhe-ei o que tenciona fazer. O rei é ele. A sua posição deve ser-lhe asseverada.”

“Julgo que essa é uma decisão sensata,” disse-lhe.

“Tenho de ir sozinha. Se fores comigo, se estiveres sempre a meu lado, isso far-me-á parecer fraca. Pode dar origem a rumores sobre um cisma no reinado. Compreendes isto?”

“Compreendo.” Embora ansiasse por ouvir pessoalmente o que Sagaz poderia dizer-lhe.

Ela indicou com um gesto os mapas e objectos que eu reunira sobre uma mesa. “Tens lugar seguro para aquilo?”

Os aposentos de Breu. “Tenho.”

“Ótimo.” Fez um gesto com a mão e eu apercebi-me de que continuava a bloquear-lhe a porta. Afastei-me para o lado. Quando ela passou por mim, o cheiro a chá-de-montanha submergiu-me por um momento. Perdi a força nos joelhos, e amaldiçoei o destino que punha esmeraldas a construir casas quando deviam ter cingido aquela graciosa garganta. Mas também soube, com um orgulho fe-

roz, que se as pusesse nas suas mãos naquele momento ela insistiria para que fossem gastas em prol de Barca. Enfiei-as num bolso. Talvez Kettricken conseguisse despertar a fúria do Rei Sagaz, e ele sacudisse os bolsos de Majestoso para arranjar dinheiro. Talvez, quando eu regressasse, aquelas esmeraldas ainda pudessem abraçar aquela pele tépida.

Se Kettricken tivesse olhado para trás, teria visto o Fitz a corar com os pensamentos do seu marido.

Desci aos estábulos. Sempre fora um sítio calmante para mim, e com Castro longe sentia uma certa obrigação de o visitar de tempos a tempos. Não que Mãos tivesse mostrado qualquer sinal de precisar da minha ajuda. Mas daquela vez, quando me aproximei das portas do estábulo, vi um nó de homens do lado de fora, e vozes erguidas em ira. Um jovem moço de estrebaria estava pendurado do cabeção de um imenso cavalo de carga. Um rapaz mais velho puxava por uma trela presa ao cabresto do cavalo, tentando tirar o animal ao moço, enquanto um homem vestido com as cores de Lavra observava. O animal, geralmente plácido, estava a ficar aflito com os puxões. Um momento mais, e alguém iria magoar-se.

Meti-me arrojadamente no meio daquilo, arrancando a trela da mão do sobressaltado rapaz ao mesmo tempo que sondava de forma calmante na direcção do cavalo. Ele não me conhecia tão bem como conhecera em tempos, mas acalmou-se com o toque. “Que se passa aqui?”, perguntei ao moço de estrebaria.

“Eles chegaram e tiraram Penhasco da sua cocheira. Sem sequer pedir. É o cavalo de que eu cuido todos os dias. Mas nem sequer me disseram o que estavam a fazer.”

“Tenho ordens...” começou o homem que estivera a ver a acção.

“Estou a falar com uma pessoa,” informei-o, e voltei a virar-me para o rapaz. “Mãos deixou contigo ordens a respeito deste cavalo?”

“Só as do costume.” O rapaz estivera prestes a chorar quando eu chegara à luta. Agora que tinha um aliado potencial, a sua voz tornava-se mais firme. Endireitou-se e fitou-me nos olhos.

“Então é simples. Levamos o cavalo de volta para a cocheira até que Mãos nos dê outras ordens. Nenhum cavalo sai dos estábulos de Torre do Cervo sem o conhecimento do mestre dos estábulos interino.” O rapaz nunca chegara a largar o cabeção de Penhasco. Agora pus-lhe a trela nas mãos.

“Precisamente o que eu pensava, senhor,” pipilou ele. Rodou

nos calcanhares. “Obrigado, senhor. Vem daí, Penhasquito.” O rapaz afastou-se com o grande cavalo a segui-lo pesada e placidamente.

“Tenho ordens para levar aquele animal. O Duque Áries de Lavra quer que seja enviado imediatamente rio acima.” O homem com as cores de Lavra estava a respirar pelo nariz na minha frente.

“Ah ele quer isso? E resolveu o assunto com o nosso mestre dos estábulos?” Estava certo de que não o fizera.

“Que se passa aqui?” Isto era Mãos que chegava a correr, muito rosado nas orelhas e bochechas. Noutro homem, isso poderia ter parecido engraçado. Eu sabia que significava que ele estava zangado.

O homem de Lavra endireitou-se. “Este homem, e um dos teus moços de estrebaria, interferiram quando eu vim tirar o nosso gado dos estábulos!” declarou com altivez.

“O Penhasco não é gado de Lavra. Foi parido aqui mesmo em Torre do Cervo. Há seis anos. Eu estava cá nessa altura,” fiz eu notar.

O homem deitou-me um olhar condescendente. “Não estava a falar contigo. Estava a falar com ele.” E apontou para Mãos com o polegar.

“Eu tenho um nome, *senhor*,” fez notar friamente Mãos. “Mãos. Desempenho as funções de mestre dos estábulos enquanto Castro estiver de viagem com o rei expectante Veracidade. Ele também tem um nome. FitzCavalaria. Ajuda-me de vez em quando. O lugar dele é no meu estábulo. Tal como o do meu moço de estrebaria e o do meu cavalo. Quanto a vós, se tendes um nome ele não me foi dito. Não conheço nenhuma razão para que estejais no meu estábulo.”

Castro ensinara bem Mãos. Trocámos um relance. De mútuo acordo, virámos costas ao homem e começámos a dirigir-nos de volta aos estábulos.

“Chamo-me Lança e sou cavaliço do Duque Áries. Esse cavalo foi vendido ao meu duque. E não foi só ele. Duas águas malhadas e um castrado também. Tenho aqui os papéis.”

Enquanto nos virávamos lentamente para ele, o homem de Lavra estendeu um rolo. O meu coração vacilou ao ver uma gota de cera vermelha com o símbolo do cervo nela gravado. Parecia verdadeiro. Mãos pegou-lhe lentamente. Deitou-me um relance de soslaio, e eu fui pôr-me atrás dele. Conhecia algumas letras, mas ler era geralmente coisa demorada para ele. Castro andara a trabalhar nisso com ele, mas as letras não lhe eram fáceis. Olhei por sobre o seu ombro enquanto ele desenrolava o rolo e se punha a estudá-lo.



“É bastante claro,” disse o homem de Lavra. Estendeu a mão para o rolo. “Quereis que vos leia o que diz?”

“Não te incomodes,” disse-lhe enquanto Mãos voltava a enrolar o rolo. “O que aqui está escrito é tão claro como o que não está. O Príncipe Majestoso assinou isto. Mas Penhasco não lhe pertence. Ele, e as éguas e o castrado, são cavalos de Torre do Cervo. Só o rei os pode vender.”

“O Rei Expectante Veracidade está em viagem. O Príncipe Majestoso está agora no seu lugar.”

Pousei uma mão comedido no ombro de Mãos. “O Rei Expectante Veracidade está realmente em viagem. Mas o Rei Sagaz não está. E a Rainha Expectante Kettricken também não. Um deles tem de assinar para vender um cavalo do estábulo de Torre do Cervo.”

Lança voltou a pegar no seu rolo, examinou ele mesmo a assinatura. “Bem, o cunho do Príncipe Majestoso devia bastar-vos, com Veracidade longe daqui. Afinal, toda a gente sabe que o velho rei não está bem da cabeça durante a maior parte do tempo. E Kettricken é, bem... não pertence à família. Realmente. Portanto, com Veracidade longe, Majestoso é...”

“Príncipe.” Pronunciei a palavra contundentemente. “Dizer menos dele seria traição. Tal como seria dizer que ele é rei. Ou rainha. Quando não é.”

Deixei que a ameaça implícita lhe assentasse na mente. Não o acusaria directamente de traição, pois ele então teria de morrer por isso. Nem mesmo um burro pomposo como Lança merecia morrer só por papaguear o que o seu dono teria sem dúvida dito em voz alta. Vi os seus olhos esbugalhar-se.

“Eu não quis dizer nada...”

“E nenhum mal está feito,” completei. “Desde que te lembres que não podes comprar um cavalo a um homem que não é seu dono. E que estes cavalos são de Torre do Cervo, pertença do rei.”

“Claro,” estremeceu Lança. “Este talvez seja o papel errado. Tenho a certeza de que há um erro qualquer. Vou ter com o meu amo.”

“Uma escolha sensata.” Mãos falou suavemente a meu lado, recuperando a autoridade.

“Bem, nesse caso vem daí,” disse Lança ao seu moço, e deu-lhe um empurrão. O rapaz fuzilou-nos com o olhar enquanto seguia o amo. Não o censurei por isso. Lança era o tipo de homem que tinha de descarregar algures o mau humor.

“Achas que eles voltam?” perguntou-me Mãos em voz baixa.

“Ou voltam, ou Majestoso tem de devolver o dinheiro a Áries.”

Reflectimos em silêncio sobre o quão provável isso era.

“Bom. O que deverei fazer quando eles voltarem?”

“Se for só a assinatura de Majestoso, nada. Se o papel trazer a do rei ou da rainha expectante, então tens de lhes dar os cavalos.”

“Uma dessas éguas está prenha!”, protestou Mãos. “Castro tem grandes planos para o potro. O que me dirá ele se não encontrar aqueles cavalos quando voltar?”

“Sempre tivemos de nos lembrar que estes cavalos pertencem ao rei. Ele não te culpará por obedeceres a uma ordem dada como deve ser.”

“Não gosto disto.” Ergueu olhos ansiosos para mim. “Não me parece que isto acontecesse se Castro ainda cá estivesse.”

“Acho que aconteceria, Mãos. Não te culpes. Duvido que isto seja o pior que veremos até ao fim do Inverno. Mas manda-me dizer se eles voltarem.”

Ele acenou gravemente e eu fui-me embora, com a visita aos estábulos azedada. Não quis percorrer as filas de cocheiras perguntando a mim próprio quantos cavalos restariam no fim do Inverno.

Atravessei lentamente o pátio e foi lentamente que entrei e subi as escadas que levavam ao meu quarto. Fiz uma pausa no patamar. *Veracidade?* Nada. Conseguia sentir a sua presença dentro de mim, e ele conseguia transmitir-me a sua vontade e por vezes até os pensamentos. Mas, apesar disso, sempre que eu tentava alcançá-lo não obtinha resposta. Aquilo frustrava-me. Se ao menos fosse capaz de usar o Talento de forma fiável, nada daquilo estaria a acontecer. Fiz uma pausa para amaldiçoar cuidadosamente Galeno e tudo o que ele me fizera. Eu tivera Talento, e ele queimara-mo, deixando-me com aquela imprevisível mutação.

Mas e Serena? Ou Justino, ou qualquer outro dos membros do círculo? Porque não estaria Veracidade a usá-los para se manter em contacto com o que estava a acontecer e para fazer conhecer a sua vontade?

Um sinistro terror encheu-me. Os pássaros mensageiros de Vigas. As luzes sinaleiras, os Talentosos nas torres. Todas as linhas de comunicação dentro do reino e com o rei pareciam não estar a funcionar lá muito bem. Eram elas que uniam os Seis Ducados num só e nos transformavam num reino e não numa aliança de duques.

Agora, naqueles tempos conturbados, precisávamos delas mais do que nunca. Porque estavam a falhar?

Guardei a pergunta para a fazer a Breu, e rezei para que ele me chamasse em breve. Andava a chamar-me com menos frequência do que dantes, e eu sentia-me menos ao corrente dos seus conselhos do que costumava estar. Bem, e não o teria eu também excluído de muita da minha vida? O que eu sentia talvez fosse apenas um reflexo de todos os segredos que guardava dele. Talvez fosse a distância natural que crescia entre assassinos.

Cheguei à porta do meu quarto no preciso momento em que Rosamaria desistia de bater.

“Precisas de mim?” perguntei-lhe.

Ela fez uma vénia grave. “A nossa senhora, a Rainha Expectante Kettricken, deseja que a visiteis assim que vos seja conveniente.”

“E isso é agora mesmo, não é?” Tentei arrancar-lhe um sorriso.

“Não.” Ela franziu-me o sobrolho. “Eu disse ‘assim que vos seja conveniente, senhor.’ Não está certo?”

“Está perfeito. Com quem tens praticado as boas maneiras tão assiduamente?”

Ela soltou um grande suspiro. “Penacariço.”

“Penacariço já voltou das suas viagens estivais?”

“Já voltou há duas semanas, senhor!”

“Bem, é para veres o pouco que sei! Não me esquecerei de lhe dizer como falaste bem da próxima vez que o vir.”

“Obrigada, senhor.” Esquecendo o seu cuidadoso decoro, já saltitava ao chegar ao cimo das escadas e ouvi os seus passos ligeiros descendo-as em cascata como uma avalanche de pedrinhas. Criança prometedora. Não duvidava de que Penacariço a estivesse a preparar para ser uma mensageira. Era um dos seus deveres de escriba. Fui rapidamente ao meu quarto para enfiar uma camisa lavada, e depois dirigi-me aos aposentos de Kettricken. Bati à porta e Rosamaria abriu-a.

“É agora que me é conveniente,” disse-lhe, e desta vez fui recompensado com um sorriso cheio de covinhas.

“Entrai, senhor. Direi à minha ama que estais aqui,” informou-me. Indicou-me uma cadeira com um gesto e desapareceu no quarto interior. Conseguia ouvir um calmo murmurinho de vozes femininas vindo de lá. Através da porta aberta, vislumbrava as damas nos seus bordados e conversas. A Rainha Kettricken inclinou a

cabeça para Rosamaria, e então desculpou-se para vir ter comigo.

Num momento estava na minha frente. Por um instante limitei-me a olhá-la. O azul da túnica realçava o azul dos seus olhos. A luz do fim do Outono que penetrava através do vidro murano das janelas reluzia no ouro do seu cabelo. Apercebi-me de que a fitava, e baixei os olhos. Pus-me imediatamente em pé e fiz uma vénia. Ela não esperou que eu me endireitasse. “Foste visitar o rei recentemente?, perguntou-me sem preâmbulo.

“Nos últimos dias não, minha rainha.”

“Então sugiro que o faças esta noite. Estou preocupada com ele.”

“Como quiserdes, minha rainha.” Esperei. Certamente que não me chamara ali para dizer aquilo.

Após um momento, suspirou. “Fitz. Estou aqui sozinha como nunca estive na vida. Não podes chamar-me Kettricken e tratar-me como uma pessoa durante um bocadinho?”

A súbita mudança de tom desequilibrou-me. “Certamente,” respondi, mas a minha voz saiu demasiado formal. *Perigo*, sussurrou Olhos-de-Noite.

*Perigo? Em quê?*

*Essa não é a tua parceira. É a parceira do líder.*

Foi como encontrar um dente dorido com a língua. Aquela informação sacudiu-me. Havia ali perigo, um perigo contra o qual urgia estar em guarda. Aquela era a minha rainha, mas eu não era Veracidade e ela não era o meu amor, independentemente de como o meu coração batesse ao vê-la.

Mas era minha amiga. Provara-o no Reino da Montanha. Devia-lhe o conforto que os amigos devem uns aos outros.

“Fui visitar o rei,” disse-me. Indicou-me com um gesto que me sentasse e ocupou uma cadeira do outro lado da lareira. Rosamaria foi buscar o seu banquinho para se sentar aos pés de Kettricken. Apesar de estarmos sós na sala, a rainha baixou a voz e inclinou-se para mim enquanto falava. “Perguntei-lhe directamente por que motivo não tinha sido chamada quando o cavaleiro chegou. Ele pareceu confundido pela pergunta. Mas antes sequer de ter tempo de começar a responder, Majestoso entrou. Via-se que tinha vindo à pressa. Como se alguém tivesse corrido a dizer-lhe que eu estava ali e ele tivesse imediatamente largado tudo para vir.

Acenei gravemente.

“Fez com que se me tornasse impossível falar com o rei. Em

vez disso, insisti em explicar-me tudo. Disse que o cavaleiro tinha sido trazido directamente ao quarto do rei, e que ele encontrara o mensageiro ao vir visitar o pai. Mandara o rapaz descansar enquanto conversava com o rei. E disse que tinham decidido juntos que agora nada podia ser feito. Então Sagaz mandara-o anunciar isso ao rapaz e aos nobres, e explicar-lhes em que estado se encontrava o tesouro. Segundo Majestoso, estamos mesmo à beira da ruína, e há que vigiar cada tostão. Vidas terá de cuidar dos de Vidas, disse-me ele. E quando perguntei se os de Vidas não pertenciam ao povo dos Seis Ducados, ele disse-me que Vidas sempre estivera mais ou menos sozinho. Não era racional, disse ele, esperar que Cervo fosse capaz de defender uma costa tão a norte de nós, e tão longa. Fitz, sabias que as Ilhas Próximas já tinham sido cedidas aos Salteadores?”

Pus-me em pé como um relâmpago. “Sei que nada do género é verdade!” exclamei indignado.

“Majestoso afirma que é,” prosseguiu Kettricken, implacável. “Diz que Veracidade decidiu antes de partir que não havia real esperança de as manter a salvo dos Salteadores. E que foi por isso que chamou de volta o navio *Constância*. Diz que Veracidade enviou uma mensagem de Talento a Cedoura, o membro do círculo no navio, para ordenar que a embarcação regressasse para reparações.

“Esse navio foi renovado imediatamente antes das colheitas. Depois foi enviado para o mar, a fim de defender a costa entre Baía das Focas e Alcatrazes, e para estar a postos, caso as Ilhas Próximas o chamassem. É aquilo que o seu capitão pediu; mais tempo para praticar a navegação em águas invernais. Veracidade não deixaria essa extensão de costa por vigiar. Se os Salteadores estabelecem uma base nas Ilhas Próximas, nunca nos veremos livres deles. Daí, podem lançar ataques quer de Inverno, quer de Verão.”

“Majestoso afirma que já é o que eles fazem. Diz que a única esperança que temos agora é negociar com eles.” Os seus olhos azuis perscrutaram o meu rosto.

Afundi-me lentamente na cadeira, quase atordoado. Poderia algo daquilo ser verdade? Como podia ter sido mantido longe do meu conhecimento? O meu sentido de Veracidade dentro de mim era um espelho da minha confusão. Ele também nada sabia sobre isto. “Não me parece que o Rei Expectante alguma vez negociasse com os Salteadores. A menos que o fizesse com o gume da espada.”

“Então isto não é algo mantido em segredo de mim para não me perturbar? Foi o que Majestoso sugeriu, que Veracidade queria manter essas coisas em segredo de mim, como se estivessem para lá da minha compreensão.” Havia um tremor na sua voz. Ultrapassava a ira por as Ilhas Próximas poderem ter sido abandonadas aos Salteadores, e chegava a uma dor mais pessoal por o seu senhor poder tê-la achado indigna da sua confiança. Senti um tal desejo de a tomar nos braços e confortá-la que me doeu por dentro.

“Minha senhora,” disse numa voz rouca. “Aceitai esta verdade vinda dos meus lábios com a mesma certeza como se viesse dos de Veracidade. Tudo isto é tão falso como vós sois fiel. Eu hei-de encontrar o fundo desta rede de mentiras e abri-la-ei de um golpe. Veremos que tipo de peixe dela sai.”

“Posso confiar em ti para te dedicares a isto discretamente, Fitz?”

“Senhora, vós sois uma das poucas pessoas que sabem até que ponto vai o meu treino em empreendimentos discretos.”

Ela fez um aceno grave. “O rei, compreendes, nada disto negou. Mas também não pareceu seguir tudo o que Majestoso disse. Ele estava... como uma criança, a ouvir os mais velhos conversar, a acenar, mas a compreender pouco...” Deitou um relance amigável a Rosamaria, sentada a seus pés.

“Também irei visitar o rei. Prometo, terei respostas para vos dar, e em breve.”

“Antes que o Duque Vigas chegue,” acautelou-me. “Tenho de saber a verdade nessa altura. Devo-lhe pelo menos isso.”

“Teremos mais do que apenas a verdade para lhe dar, senhora minha rainha,” prometi-lhe. As esmeraldas ainda me pesavam na bolsa. Sabia que ela não se separaria delas de má vontade.

## Contratempos

*D*urante os anos dos ataques dos navios Vermelhos, os Seis Ducados sofreram significativamente com as suas atrocidades. O povo dos Seis Ducados aprendeu nessa época a nutrir um ódio maior pelos Ilhéus do que nalguma outra altura do passado.

Nos tempos dos seus pais e avôs, os Ilhéus tinham sido ao mesmo tempo mercadores e piratas. Eram desencadeados ataques por navios solitários. Não tivéramos uma “guerra” de ataques como aquela desde os dias do Rei Sabedoria. Embora ataques de piratas não fossem ocorrências raras, eram ainda assim muito menos frequentes do que os navios ilhéus que vinham às nossas costas comerciar. Os laços de sangue entre as famílias nobres e os seus familiares das Ilhas Externas eram abertamente reconhecidos, e muitas eram as famílias que reconheciam uma “prima” nas Ilhas Externas.

Mas após os ataques selvagens que precederam Forja, e as atrocidades cometidas em Forja, todas as conversas amigáveis sobre as Ilhas Externas cessaram. Sempre fora mais costume que os seus navios visitassem as nossas costas do que os nossos mercadores procurarem os seus portos flagelados pelo gelo e canais de rápidas marés. Agora, o comércio cessou por inteiro. E assim, o nosso povo nada soube sobre os seus familiares nas Ilhas Externas durante os dias em que tivemos de suportar os Navios Vermelhos. “Ilhéu” tornou-se sinónimo de “Salteador” e, nas nossas mentes, todas as embarcações das Ilhas Externas tinham cascos vermelhos.

*Mas um homem, Breu Tombastrela, conselheiro pessoal do Rei Sagaz, tomou a seu cargo viajar até às Ilhas Externas nesses dias perigosos. É pelos seus diários que sabemos o seguinte:*

*Quebal Pancru não era um nome que se conhecesse nos Seis Ducados. Era um nome que nem sequer se respirava nas Ilhas Externas. O povo independente das aldeias dispersas e isoladas das Ilhas Externas nunca havia devido fidelidade a um único rei. E não se pensava aí em Quebal Pancru como rei. Pelo contrário, era uma força malevolente, como um vento gelado que reveste de tal modo com gelo o cordame de um navio que antes de se passar uma hora ele se vira no mar.*

*As poucas pessoas que encontrei que não tinham medo de falar disseram que Quebal fundara o seu poder sujeitando os piratas e navios de corso, um a um, ao seu controlo. Com eles na mão, virou os seus esforços para “recrutar” os melhores navegadores, os capitães mais capazes e os guerreiros mais hábeis que as aldeias dispersas tinham a oferecer. Aqueles que recusavam as suas ofertas viam as famílias escaladas, ou forjadas, como nós viemos a chamar a essas pessoas. E depois eram deixados vivos para lidar com os restos despedaçados das suas vidas. A maior parte era forçada a abater membros da família com as próprias mãos; os costumes ilhéus são rígidos no que toca ao dever de um chefe de família de manter a ordem entre os seus membros. À medida que as notícias sobre esses incidentes se espalhavam, eram menos os que resistiam às ofertas de Quebal Pancru. Uns poucos fugiram: mesmo assim as suas famílias pagaram o preço de escl. Outros escolheram o suicídio mas, de novo, as famílias não foram poupadas. Tais exemplos deixaram poucos que se atrevessem a desafiar Pancru ou os seus navios.*

*Até falar contra ele convidava ao escl. Por parco que tenha sido o conhecimento que obtive naquela visita, foi obtido com grande dificuldade. Também reuni rumores, embora fossem tão raros como carneiros pretos num rebanho branco. Listo-os aqui. Fala-se de um “navio branco”, um navio que vem separar almas. Não para tomá-las ou destruí-las: para as separar. Há também murmúrios sobre uma mulher pálida que até Quebal Pancru teme e venera. Muitos relacionaram os tormentos na sua terra com avanços sem precedentes das “baleias de gelo” ou glaciares. Sempre presentes nos confins mais elevados dos seus vales estreitos, avançavam agora mais rapidamente do que na memória de qualquer vivo. Estavam a cobrir rapidamente o pouco solo arável que as Ilhas Externas possuíam e, de um modo que*



*ninguém pôde ou quis explicar-me, a trazer consigo uma “mudança de água”.*

\*\*\*

Fui visitar o rei naquela noite. Não o fiz sem trepidação da minha parte. Ele não teria esquecido a nossa última conversa acerca de Celeridade, tal como eu não esquecera. Recordei firmemente a mim próprio que aquela visita não era pelos meus motivos pessoais, mas sim por Kettricken e por Veracidade. Então bati à porta, e Coparede deixou-me entrar de má vontade. O rei estava sentado na sua cadeira junto à lareira. O Bobo encontrava-se a seus pés, fitando pensativo o fogo. O Rei Sagaz ergueu os olhos quando eu entrei. Apresentei-me e ele saudou-me calorosamente, após o que me disse para me sentar e lhe dizer como me correra o dia. Ao ouvir aquilo atirei ao Bobo um breve relance confundido. Ele respondeu-me com um sorriso amargo. Sentei-me num banco em frente do Bobo e esperei.

O Rei Sagaz baixou um olhar benigno sobre mim. “Então, rapaz? Tiveste um bom dia? Conta-me.”

“Tive um... dia preocupante, meu rei.”

“Ah tiveste? Bom, bebe uma chávena de chá. Faz maravilhas para acalmar os nervos. Bobo, serve ao meu rapaz uma chávena de chá.”

“De bom grado, meu rei. Faço-o às vossas ordens ainda de melhor grado do que o faço por vós.” Com uma surpreendente vivacidade, o Bobo pôs-se em pé de um salto. Havia uma gorda chaleira de barro a aquecer sobre as brasas nas bordas da lareira. Daí, o Bobo serviu-me uma caneca e estendeu-ma, com o desejo: “Bebe tão profundamente como o nosso rei, e partilharás a sua serenidade.”

Tirei-lhe a caneca da mão e levei-a aos lábios. Inalei os vapores, e então deixei que o líquido me batesse levemente contra a língua. Cheirava a quente e a condimentado, e formigava-me agradavelmente na língua. Não bebi, mas baixei o recipiente com um sorriso. “Uma infusão agradável, mas o rebentalegre não é viciante?” perguntei directamente ao rei.

Ele sorriu-me. “Numa quantidade tão pequena, não. Coparede assegurou-me de que é bom para os meus nervos, e também para o apetite.”

“Sim, faz maravilhas pelo apetite,” interveio o Bobo. “Pois quanto mais beberes, mais irás querer. Bebe o teu chá depressa, Fitz,

que sem dúvida terás companhia em breve. Quanto mais beberes, menos terás de partilhar.” Com um gesto que era como uma pétala a desenrolar-se, o Bobo indicou a porta no preciso instante em que ela se abriu para deixar entrar Majestoso.

“Ah, mais visitantes.” O Rei Sagaz soltou um risinho agradável. “Esta vai ser realmente uma noite alegre. Senta-te, rapaz, senta-te. O Fitz estava agora mesmo a dizer-nos que tinha tido um dia irritante. De modo que lhe ofereci uma caneca do meu chá para que se acalmasse.”

“Sem dúvida que lhe fará bem,” concordou Majestoso num tom simpático. Virou o sorriso para mim. “Um dia irritante, Fitz?”

“Perturbador. Primeiro, houve um pequeno caso lá em baixo nos estábulos. Um dos homens do Duque Áries estava lá, a afirmar que o duque tinha comprado quatro cavalos. Um deles é Penhasco, o reprodutor que usamos para as éguas de tracção. Convenci-o de que devia haver algum engano, pois os papéis não estavam assinados pelo rei.

“Oh, esses!” O rei voltou a soltar um risinho. “Majestoso teve de mos trazer; tinha-me esquecido de os assinar. Mas agora está tudo resolvido, e tenho certeza de que os cavalos estarão a caminho de Lavra amanhã. E são uns belos cavalos, o Duque Áries verá. Fez um bom negócio.”

“Nunca pensei chegar a ver-nos a vender os nossos melhores animais para longe de Torre do Cervo.” Falei calmamente, olhando para Majestoso.

“Nem eu. Mas com o tesouro tão esgotado, tivemos de tomar medidas duras.” Olhou-me friamente por um momento. “Também estão para venda ovelhas e gado bovino. Seja como for, não temos cereais para os alimentar durante o Inverno. É melhor vender agora do que vê-los passar fome este Inverno.”

Fiquei indignado. “Porque foi que eu não ouvi antes falar dessas carências? Nada ouvi acerca de uma colheita falhada. Os tempos são duros, é verdade, mas...”

“Não ouviste nada porque não tens estado à escuta. Enquanto tu e o meu irmão se submergiam nas glórias da guerra, eu tenho andado a lidar com a bolsa para a pagar. E está bem perto de vazia. Amanhã, terei de dizer aos homens que estão a trabalhar nos novos navios que terão de trabalhar por amor ao trabalho ou abandonar o que estão a fazer. Já não há moeda para lhes pagar, nem para com-

prar os materiais que seriam necessários para concluir os navios.” Terminou o discurso e recostou-se, observando-me.

Dentro de mim, Veracidade enervou-se. Eu olhei para o Rei Sagaz. “Isto é verdade, meu rei?”, perguntei.

O Rei Sagaz sobressaltou-se. Olhou-me e piscou os olhos algumas vezes. “Eu assinei esses papéis, não assinei?” Parecia confuso, e julgo que a sua mente voltara a uma conversa anterior. Nada seguira da nossa. A seus pés, o Bobo estava estranhamente silencioso. “Julguei que tinha assinado os papéis. Bem, nesse caso trá-los cá. Vamos despachar este assunto, e depois prosseguiremos com uma tarde agradável.”

“O que fazer com a situação em Vigas? É verdade que os Salteadores tomaram partes das Ilhas Próximas?”

“A situação em Vigas,” disse ele. Fez uma pausa, reflectindo. Bebeu mais um gole do seu chá.

“Nada pode ser feito a respeito da situação em Vigas,” disse Majestoso num tom entristecido. Suavemente, acrescentou: “É tempo que Vigas tome conta dos problemas de Vigas. Não podemos pedir junto de todos os Seis Ducados para proteger uma extensão desolada de costa. Então os Salteadores serviram-se duns quantos rochedos congelados? Desejo-lhes bom proveito. Temos gente da nossa de quem cuidar, aldeias nossas a reconstruir.”

Esperei em vão que Sagaz despertasse, que dissesse alguma coisa em defesa de Vigas. Quando ficou em silêncio, perguntei em voz baixa: “A vila de Barca dificilmente será um rochedo congelado. Pelo menos não era até ser visitada pelos Navios Vermelhos. E quando foi que Vigas deixou de fazer parte dos Seis Ducados?” Olhei para Sagaz, tentei fazê-lo olhar-me nos olhos. “Meu rei, suplico-vos, ordenai que Serena cá venha. Mandai-a contactar Veracidade pelo Talento, para poderdes conversar acerca disto.”

Majestoso ficou subitamente farto do nosso jogo do gato e do rato. “Quando foi que o moço dos cães ficou tão preocupado com política?” perguntou-me furiosamente. “Porque é que não és capaz de entender que o rei pode tomar decisões sem a autorização do rei expectante? Interrogas o teu rei sobre as suas decisões, *Fitz*? Já te esqueceste assim tanto do teu lugar? Eu sei que Veracidade te tinha transformado numa espécie de animalzinho de estimação, e as tuas aventuras com o machado talvez te tenham dado ideias grandiosas sobre ti. Mas o Príncipe Veracidade achou por bem ir vaguear atrás

de uma quimera, e a mim só resta manter os Seis Ducados em andamento o melhor que possa.”

“Eu estava presente quando apoiastes a proposta do Rei Expectante Veracidade de ir em busca dos Antigos,” fiz notar. O Rei Sagaz parecia ter partido para outro sonho acordado. Fitava o fogo.

“E porquê, não faço ideia,” replicou Majestoso com suavidade. “Tal como observei, arranjaste umas ideias grandiosas sobre ti próprio. Comes na mesa elevada, e és vestido pela generosidade do rei, e sem que eu saiba como acabaste por acreditar que isso te dá privilégios em vez de deveres. Deixa que te diga quem realmente és, Fitz.” Majestoso fez uma pausa. A mim, pareceu que olhou o rei, como que para avaliar quão seguro seria falar.

“Tu,” prosseguiu numa voz mais baixa, com um tom tão doce como o de um menestrel. “Tu és o mal concebido bastardo de um principelho que nem sequer teve a coragem de continuar como rei expectante. És o neto duma rainha morta, cuja educação plebeia se mostrou na mulher plebeia com quem o seu filho mais velho se deitou para te conceber. Tu, que ganhaste o hábito de chamar a ti próprio FitzCavalaria Visionário, não precisas de fazer mais do que coçar-te para encontrares Anónimo, o moço dos cães. Fica grato por eu não te mandar de volta para os estábulos e tolerar que habites na Torre.”

Não sei o que senti. Olhos-de-Noite rosnava perante o veneno nas palavras de Majestoso, enquanto Veracidade estava capaz de fratricídio naquele momento. Olhei de relance o Rei Sagaz. Segurava a caneca de chá doce nas mãos em taça e fitava sonhadamente a lareira. Pelo canto do olho, tive um vislumbre do Bobo. Havia medo nos seus olhos sem cor, medo como nunca aí vira antes. E estava a olhar, não para Majestoso, mas para mim.

Apercebi-me de súbito de que me erguera e estava em pé por cima de Majestoso. Ele olhava-me, de baixo para cima. À espera. Havia uma cintilação de medo nos seus olhos, mas também o brilho do triunfo. Bastar-me-ia bater-lhe, e ele poderia chamar os guardas. Seria traição. Ele enforcar-me-ia por isso. Senti como o tecido da camisa me apertava os ombros e peito, de tal modo me encontrava inchado de raiva. Tentei expirar, abri, com um puro esforço de vontade, os punhos cerrados das minhas mãos. Levou um momento. *Calma*, disse-lhes. *Calma, senão arranjareis maneira de eu ser morto*. Quando tive a voz sob controlo, falei.

“Muitas coisas me foram clarificadas esta noite,” disse em voz baixa. Virei-me para o Rei Sagaz. “Senhor meu rei, desejo-vos uma boa noite, e peço para ser dispensado.”

“Eh? Então tu... tiveste um dia irritante, rapaz?”

“Tive, senhor meu rei,” disse suavemente. Os seus olhos profundos olharam os meus, enquanto eu esperava, em pé, na sua frente. Examinei profundamente as suas profundezas. Ele não estava ali. Não como estivera em tempos. Olhou-me com um ar confuso, pestanejou algumas vezes.

“Bom. Nesse caso talvez seja melhor ires descansar. Tal como eu. Bobo? Bobo, a minha cama está preparada? Aquece-a com o aquecedor de cama. Nestes dias fico com tanto frio à noite. Ha! Nestes dias à noite! Aí tens um bocadinho de absurdo, Bobo. Como o dirias para ficar bem?”

O Bobo pôs-se em pé de um salto, fez uma profunda vénia perante o rei. “Diria que também há nestas noites o gelo da morte nos dias, Majestade. Um frio capaz de engelhar ossos. Um homem podia obter a morte com ele. Aquecer-me-ia mais esconder-me no breu da vossa sombra do que estar perante o calor que é do vosso sol filho.”

O Rei Sagaz soltou uma gargalhadinha. “Não fazes sentido nenhum, Bobo. Mas a verdade é que nunca fizeste. Boa noite para todos, e para a cama, rapazes, os dois. Boa noite, boa noite.”

Escapuli-me enquanto Majestoso dava umas boas noites mais formais ao pai. Foi um esforço passar pelo sorriso afectado de Coparede sem lho tirar da cara à pancada. Uma vez no corredor, lá fora, rapidamente demandei o meu quarto. Aceitaria o conselho do Bobo, pensei, e mais depressa me esconderia em Breu do que me poria na frente do filho do rei.

Passei o resto daquela noite sozinho no quarto. Sabia que quando a noite avançasse, Moli se interrogaria por eu não lhe ir bater à porta. Mas naquela noite não tinha ânimo para o fazer. Não conseguia reunir a energia necessária para me esgueirar para fora do meu quarto e ir deslizar escadas acima e escapulir-me ao longo dos corredores, sempre preocupado com a possibilidade de alguém poder aparecer de súbito e encontrar-me onde eu não tinha o direito de estar. Uma época houvera em que teria procurado o calor e afecto de Moli e encontrado aí um pouco de paz. Já não era o caso. Agora, temia a clandestinidade e ansiedade dos nossos encontros, e uma prudência que nem quando a sua porta se fechava nas minhas costas

terminava. Pois Veracidade seguia dentro de mim, e eu era permanentemente forçado a evitar que o que eu sentia e pensava com Moli se derramasse por sobre o vínculo que partilhava com Veracidade.

Desisti do pergaminho que tinha estado a tentar ler. De que servia agora aprender coisas sobre os Antigos? Veracidade encontraria o que Veracidade encontrasse. Atirei-me para a cama e pus-me a fitar o tecto. Mesmo imóvel e silencioso, não havia paz em mim. O vínculo com Veracidade era como um gancho espetado na carne; era assim que um peixe fígado se devia sentir enquanto lutava contra a linha. Os meus laços com Olhos-de-Noite ocupavam um nível mais profundo, mais subtil, mas ele também estava sempre lá, com olhos verdes brilhando suavemente num canto escuro de mim. Essas partes de mim nunca dormiam, nunca descansavam, nunca estavam em repouso. E essa tensão constante começava a mostrar-se em mim.

Horas mais tarde, as velas estavam a apagar-se e o fogo na lareira ardia baixo. Uma mudança no ar do meu quarto fez-me saber que Breu me abrira a sua porta silenciosa. Ergui-me e fui ter com ele. Mas a cada passo que dava naquela escada cheia de correntes de ar, a minha ira aumentava. Não era o tipo de ira que levava a arengas e a lutas entre os homens. Aquela era uma ira que nascera tanto do cansaço e frustração, como da dor. Era o tipo de ira que levava um homem a parar com tudo, para dizer apenas: “Já não consigo aguentar isto.”

“Não consegues aguentar o quê?”, perguntou-me Breu. Ergueu os olhos do local onde se debruçava sobre uma mistura qualquer que moía na sua mesa manchada de pedra. Havia uma preocupação genuína na sua voz. Fez-me parar e olhar realmente o homem a quem me dirigia. Um velho assassino alto e magro. Marcado pelas bexigas. Com o cabelo agora quase inteiramente branco. Vestido com a familiar túnica de lã cinzenta, sempre com manchas ou as minúsculas queimadelas que ele infligia à roupa enquanto trabalhava. Perguntei a mim próprio quantos homens matara pelo seu rei, quantos homens matara a uma simples palavra ou aceno de Sagaz. Quantos homens matara sem questionar, fiel ao seu juramento. Apesar de todas essas mortes, era um homem gentil. De súbito, tinha uma pergunta a fazer, uma pergunta mais premente do que responder à dele.

“Breu,” perguntei, “alguma vez mataste um homem por ti próprio?” Ele pareceu surpreendido. “Por mim próprio?”

“Sim.”

“Para proteger a minha vida?”

“Sim. Não falo de quando estás ao serviço do rei. Refiro-me a matares um homem para... tornares a tua vida mais simples.”

Ele soltou uma fungadela. “Claro que não.” Olhou-me de um modo estranho.

“E porque não?”, insisti.

Ele fez uma expressão de incredulidade. “Um homem não se põe simplesmente a matar gente por conveniência. Está errado. Chama-se a isso assassínio, rapaz.”

“A menos que o façamos pelo nosso rei.”

“A menos que o façamos pelo nosso rei,” concordou ele descontraidamente.

“Breu. Qual é a diferença? Se o fizeres por ti ou se o fizeres por Sagaz?”

Ele suspirou e desistiu da mistura que estava a fazer. Rodeou a extremidade da mesa, sentou-se num banco alto que aí havia. “Lembro-me de fazer essas perguntas. Mas a mim próprio, pois o meu mentor já tinha partido quando cheguei à tua idade.” Olhou-me firmemente nos olhos. “Resume-se à fé, rapaz. Acreditas no teu rei? E o teu rei tem de ser mais para ti do que o teu meio-irmão, ou o teu avô. Tem de ser mais do que o bom e velho Sagaz, ou o belo e honesto Veracidade. Tem de ser o Rei. O coração do reino, o centro da roda. Se for isso, e se tu tiveres fé em que vale a pena preservar os Seis Ducados, que o bem de todo o nosso povo é favorecido por aplicar a justiça do rei, então, bem.”

“Então podes matar por ele.”

“Exactamente.”

“Alguma vez mataste contra a avaliação que fizeste dos factos?”

“Esta noite tens muitas perguntas a fazer,” avisou-me ele em voz baixa.

“Talvez me tenhas deixado demasiado tempo sozinho a pensar em todas elas. Quando nos encontrávamos quase todas as noites, conversávamos com frequência e eu andava o tempo todo ocupado, não pensava tanto. Mas agora penso.”

Ele fez um aceno lento com a cabeça. “Pensar nem sempre é... reconfortante. É sempre bom, mas nem sempre é reconfortante. Sim. Já matei contra a minha avaliação dos factos. De novo, tudo se resumiu à fé. Tive de acreditar que as pessoas que deram a ordem sabiam mais do que eu, e eram mais sábias nos costumes do grande mundo.”

Permaneci em silêncio durante um longo momento. Breu começou a descontraír-se. “Entra. Não fiques aí na corrente de ar. Vamos beber um copo de vinho juntos, e então tenho de falar contigo sobre...”

“Alguma vez mataste apenas com base na tua avaliação dos factos? A bem do reino?”

Durante algum tempo, Breu olhou-me, perturbado. Não afastei o olhar. Ele, por fim, fê-lo, baixando os olhos para as suas velhas mãos, esfregando a sua pele branca como papel, uma contra a outra, enquanto passava os dedos pelas brilhantes cicatrizes vermelhas. “Não faço avaliações desse género.” Ergueu de súbito os olhos para mim. “Nunca aceitei esse fardo, e nem o desejei. Não nos cabe fazê-lo, rapaz. Essas decisões competem ao rei.”

“Não sou ‘rapaz,’” fiz notar, surpreendendo-me a mim próprio. “Sou FitzCavalaria.”

“Com ênfase em Fitz,” fez notar Breu num tom duro. “És o rebento ilegítimo de um homem que não avançou para se tornar rei. Abdicou. E com essa abdicação pôs de parte a sua possibilidade de fazer julgamentos. Tu não és rei, Fitz, nem mesmo filho de um verdadeiro rei. Nós somos assassinos.”

“Porque é que ficamos a ver enquanto o verdadeiro rei é envenenado?” perguntei então sem rodeios. “Eu vejo-o, tu também o vês. Ele é levado a usar ervas que lhe roubam a mente e, enquanto não consegue pensar bem, é levado a usar outras que o tornam ainda mais tonto. Nós conhecemos a fonte imediata dessas ervas, e eu suspeito que também a verdadeira. E no entanto limitamo-nos a vê-lo murchar e fragilizar-se. Porquê? Onde está aí a fé?”

As suas palavras cortaram-me como facas. “Não sei onde está a tua fé. Julguei que talvez pudesse estar em mim. Em que eu sei mais sobre isso do que tu, e que sou leal ao meu rei.”

Foi a minha vez de baixar o olhar. Após um momento, atravessei lentamente a sala, até ao armário onde Breu guardava o vinho e os copos. Peguei numa bandeja e servi dois copos cuidadosos do vinho da garrafa com rolha de vidro. Levei a bandeja para a pequena mesa junto à lareira. Como fazia há tantos anos, sentei-me nas pedras da lareira. Após um momento, o meu mestre veio ocupar o seu lugar na cadeira bem almofadada. Ergueu o seu copo de vinho da bandeja e beberricou.

“Este último ano não foi fácil para nenhum de nós.”



“Chamas-me tão raramente. E quando chamas, estás cheio de segredos.” Tentei manter a acusação afastada da voz, mas não com inteiro sucesso.

Breu soltou uma curta gargalhada. “E sendo tu um tipo tão aberto e espontâneo, isso aborrece-te?” Voltou a rir-se, ignorando a minha expressão ofendida. Quando terminou, voltou a humedecer a boca com vinho, e então olhou para mim. O divertimento ainda dançava nos seus olhos escuros.

“Não me mostres má cara, *rapaz*,” disse-me. “De ti não esperei nada que tu não me tivesses exigido em duplicado. E mais. Pois tenho na ideia que um mestre tem algum direito a esperar fé e confiança do seu aluno.”

“Tens,” disse eu passados alguns momentos. “E tens razão. Eu também tenho os meus segredos, e esperei que tivesses confiança em que fossem honrosos. Mas os meus segredos não te constroem como os teus me constroem a mim. De todas as vezes que visito os aposentos do rei, vejo o que os Fumos e poções de Coparede estão a fazer-lhe. Apetece-me matar Coparede e devolver a vivacidade de espírito ao meu rei. E depois disso, apetece-me... concluir o serviço. Apetece-me eliminar a fonte dos venenos.”

“Então queres matar-me a mim?”

Foi como apanhar um banho de água fria. “És tu a fonte dos venenos que Coparede dá ao rei?” Tinha a certeza de que compreendera mal.

Ele anuiu lentamente. “Alguns deles. Provavelmente aqueles a que tu mais objectas.”

O meu coração estava frio e imóvel dentro de mim. “Mas, Breu, porquê?”

Ele olhou-me, com os lábios bem apertados. Passado um momento, abriu a boca e falou em voz baixa. “Os segredos de um rei pertencem apenas ao rei. Não são meus para os divulgar, por mais que ache que o receptor os manteria a salvo. Mas se usasses a cabeça como te treinei a usar, saberias os meus segredos. Pois não os escondi de ti. E a partir do meu segredo, poderias deduzir muitas coisas sozinho.”

Virei-me para espevitir o fogo atrás de mim. “Breu. Estou tão cansado. Tão cansado de jogos. Não podes simplesmente contar-me?”

“Claro que podia. Mas comprometeria a promessa que fiz ao meu rei. O que faço já é suficientemente mau.”

“Estás a ser demasiado picuinhas com isto!” exclamei, zangado.

“Talvez, mas tenho esse direito,” respondeu ele com serenidade.

A própria calma que ele mostrava me enfurecia. Abanei a cabeça violentamente, afastei todo o enigma de mim por um momento. “Porque foi que me chamaste esta noite?”, perguntei sem entoação.

Havia agora uma sombra de dor atrás da calma dos seus olhos. “Talvez só para te ver. Talvez para prevenir que fizesses algo de insensato e definitivo. Sei que muito do que se está agora a passar te perturba muito. Asseguro-te, partilho os teus medos. Mas por agora temos de prosseguir os caminhos que nos foram atribuídos. Com fé. Certamente que acreditas que Veracidade regressará antes da Primavera para pôr tudo nos eixos.”

“Não sei,” admiti de má vontade. “Chocou-me quando ele partiu nesta ridícula demanda. Ele devia ter ficado aqui e prosseguido com o seu plano original. Da maneira que Majestoso está a lidar com as coisas, quando Veracidade regressar metade do seu reino estará reduzido à miséria ou cedido.”

Breu olhou-me firmemente. “O ‘seu’ reino continua a ser o reino do Rei Sagaz. Lembras-te? Ele talvez tenha fé no pai para o manter intacto.”

“Não me parece que o Rei Sagaz consiga sequer manter-se a si próprio intacto, Breu. Tem-lo visto ultimamente?”

A boca de Breu transformou-se numa linha lisa. “Sim.” Largou a palavra com uma dentada. “Vejo-o quando mais ninguém vê. E digo-te que ele não é o idiota frágil que tu pareces pensar que é.”

Abanei lentamente a cabeça. “Se o tivesses visto hoje, Breu, partilharias a minha ansiedade.”

“De onde te vem a certeza de que não o vi?” Breu estava agora picado. Não tinha qualquer desejo de enfurecer o velho. Mas parecia que tudo corria mal, falasse eu como falasse. Forcei-me agora a manter o silêncio. Em vez de falar, tomei outro gole do meu vinho. Fitei o fogo.

“Os rumores sobre as Ilhas Próximas são verdadeiros?” perguntei por fim. Era de novo dono da voz.

Breu suspirou e esfregou os olhos com as mãos nodosas. “Tal como em todos os rumores, há um embrião de verdade. Pode ser verdade que os Salteadores estabeleceram aí uma base. Não temos a certeza. Certamente que não lhes cedemos as Ilhas Próximas. Tal como tu observaste, assim que tivessem as Ilhas Próximas, assolariam a nossa costa de Verão e de Inverno.”

“O Príncipe Majestoso pareceu acreditar que eles podiam ser comprados. Que talvez essas ilhas e um pouco da costa de Vigas fossem aquilo que eles querem realmente.” Foi um esforço, mas manteve a voz respeitosa ao falar de Majestoso.

“Muitos homens têm a esperança de que ao dizerem uma coisa podem torná-la real,” disse Breu num tom neutro. “Mesmo quando deviam saber que não é assim,” acrescentou como se se tratasse de uma reflexão posterior mais sombria.

“O que te parece que os Salteadores querem?,” perguntei.

Ele olhou fixamente o fogo, atrás de mim. “Ora aí está um enigma. O que querem os Salteadores? É assim que as nossas mentes funcionam, Fitz. Achamos que nos atacam porque querem algo de nós. Mas decerto que se quisessem alguma coisa já a teriam exigido por esta altura. Eles conhecem os danos que nos fazem. Devem saber que nós iríamos pelo menos reflectir sobre as suas exigências. Mas não pedem nada. Simplesmente continuam a atacar.”

“Não fazem qualquer sentido.” Terminei o pensamento por ele.

“Não do modo como nós vemos o sentido,” corrigiu-me ele. “Mas e se a nossa suposição básica estiver errada?”

Limitei-me a fitá-lo.

“E se não querem nada, além do que já têm? Uma nação de vítimas. Vilas para atacar, aldeias para incendiar, pessoas para torturar. E se for esse todo o seu objectivo?”

“Isso é uma loucura,” disse eu lentamente.

“Talvez. Mas e se assim for?”

“Então nada os parará. Excepto destruí-los.”

Ele anuiu lentamente. “Segue esse raciocínio.”

“Nem sequer temos navios suficientes para lhes pôr travão.” Reflecti por um momento. “É melhor que todos esperemos que os mitos sobre os Antigos sejam verdade. Porque me parece que eles, ou algo como eles, são a nossa única esperança.”

Breu anuiu lentamente. “Exactamente. Portanto estás a ver porque é que eu aprovo o rumo seguido por Veracidade.”

“Porque é a nossa única esperança de sobrevivência.”

Ficámos muito tempo sentados juntos, a fitar a lareira em silêncio. Quando eu finalmente regresssei à minha cama, nessa noite, fui assolado por pesadelos nos quais Veracidade era atacado e lutava pela vida enquanto eu ficava parado a ver. Não podia matar nenhum dos seus atacantes, pois o meu rei não me dera permissão.

\*\*\*

Doze dias mais tarde, o Duque Fortes de Vigas chegou. Veio pela estrada costeira, à cabeça de homens suficientes para ser impressionante, sem se tornar uma ameaça aberta. Reunira tanta pompa e panóplia quanta o seu ducado conseguia proporcionar. As filhas cavalgavam a seu lado, à exceção da mais velha, que ficara para trás, a fim de fazer tudo o que fosse possível por Barca. Passei a maior parte do fim da tarde nos estábulos, e depois na casa da guarda, a escutar a conversa dos membros de menor estatuto da sua comitiva. Mãos saiu-se bem da tarefa de tratar de que houvesse espaço e cuidados para os animais dos visitantes e, como sempre, as nossas cozinhas e casernas mostraram-se lugares hospitaleiros. Mesmo assim, houve bastantes conversas duras entre as pessoas de Vigas. Falavam sem rodeios daquilo que tinham visto em Barca, e de como os pedidos de ajuda não tinham obtido resposta. Envergonhava os nossos soldados que houvesse pouco que pudessem dizer para defender o que o Rei Sagaz aparentemente fizera. E quando um soldado não pode defender o que o seu líder fez, tem de concordar com as críticas ou encontrar outra área em que discordar. De modo que houve trocas de socos entre homens de Vigas e tropas de Torre do Cervo, incidentes isolados na sua maior parte, e por desacordos triviais. Mas coisas daquelas não costumavam acontecer sob a disciplina de Torre do Cervo, e por isso mesmo se tornavam mais perturbadoras. Para mim, aquilo sublinhou a confusão que existia entre as nossas tropas.

Nessa noite, vesti-me cuidadosamente para o jantar, inseguro quanto a quem poderia encontrar ou o que se poderia esperar de mim. Vislumbrara Celeridade por duas vezes nesse dia, e de ambas me escapulira antes de ser visto. Contava que ela viesse a ser minha parceira para o jantar, e isso aterrorizava-me. Aquela não era altura de afrontar ninguém de Vigas, mas não desejava encorajá-la. Podia ter-me poupado à preocupação. Dei por mim sentado bem ao fundo da mesa, entre a pequena nobreza, e entre a porção mais jovem desta. Passei uma noite desconfortável como novidade menor. Várias das raparigas à mesa tentaram mostrar-se namoriscadeiras. Aquela era uma experiência nova para mim e não era algo que me desse prazer. Fez-me aperceber-me de como era grande o influxo de gente que fizera inchar a corte de Torre do Cervo naquele Inverno.

A maior parte provinha dos Ducados Interiores, e vinha em busca de migalhas caídas do prato de Majestoso mas, como aquelas jovens indicavam claramente, ficavam felizes por cortejar influência política onde quer que lograssem fazê-lo. O esforço para seguir as suas tentativas de tagarelice espirituosa e responder a um nível de, no mínimo, moderada boa educação tornou-me quase impossível prestar qualquer atenção ao que se estava a passar na Mesa Elevada. O Rei Sagaz encontrava-se lá, sentado entre a Rainha Expectante Kettricken e o Príncipe Majestoso. O Duque Fortes e as filhas Celeridade e Fé eram quem se sentava mais perto deles. O resto da mesa estava preenchida com os animais de estimação de Majestoso. O Duque Áries de Lavra, a sua Dama Plácida e os seus dois filhos eram os mais dignos de nota. O primo de Majestoso, Dom Brilhante, também lá se encontrava; o jovem herdeiro do Duque de Vara era novo na corte.

Do lugar onde eu estava, pouco conseguia ver e ouvia ainda menos. Sentia a frustração agitada de Veracidade com a situação, mas não havia nada que pudesse fazer a esse respeito. O rei parecia mais fatigado do que aturdido naquela noite, o que eu encarei como algo de positivo. Kettricken, sentada a seu lado, estava quase sem cor, salvo dois pontos de rosa nas bochechas. Não parecia estar a comer muito, e parecia mais grave e silenciosa do que era habitual. O Príncipe Majestoso, por contraste, mostrava-se tão sociável como alegre. Com o Duque Áries, a Dama Plácida e os filhos. Não chegava propriamente ao ponto de ignorar Fortes e as filhas, mas era evidente que a sua boa disposição colidia com o humor dos visitantes.

O Duque Fortes era um homem grande, e bem musculado mesmo na sua idade avançada. Madeixas de cabelo branco no seu rabo-de-cavalo negro de guerreiro eram testemunhas de antigos ferimentos de batalha, o mesmo acontecendo com uma mão a que faltavam alguns dedos. As filhas estavam sentadas logo a seu lado, mulheres de olhos índigo cujos malares elevados atestavam o sangue das Ilhas Próximas da falecida rainha de Fortes. Fé e Celeridade usavam o cabelo cortado curto e liso ao estilo nortenho. O modo rápido como viravam as cabeças para observar toda a gente sentada à mesa fazia-me lembrar falcões pousados num pulso. Aquela não era a nobreza amaciada dos Ducados Interiores com quem Majestoso estava acostumado a lidar. De todos os Seis Ducados, o povo de Vigas era o que estava mais perto de ser ainda guerreiro.

Majestoso cortejava o desastre ao tratar com ligeireza os seus

agravos. Eu sabia que não esperavam discutir Salteadores à mesa, mas o tom festivo do príncipe estava em completo desacordo com a missão que os trazia a Torre do Cervo. Perguntei a mim próprio se ele saberia o quanto os ofendia. Era evidente que Kettricken sabia. Mais de uma vez a vi apertar os maxilares, ou baixar os olhos perante um dos gracejos de Majestoso. Além disso, ele estava a beber demasiado, e isso começava a revelar-se nos seus extravagantes gestos de mão e na sonoridade das suas gargalhadas. Desejei desesperadamente conseguir ouvir o que ele estaria a achar tão humorístico nas suas próprias palavras.

O jantar pareceu interminável. Celeridade rapidamente me localizou à mesa. Depois disso, tive grande dificuldade em evitar os olhares avaliadores que ela enviava na minha direcção. Acenei-lhe afavelmente da primeira vez que os nossos olhos se encontraram; compreendi que se sentia confusa com o local onde eu fora sentado. Não me atrevi a ignorar todos os olhares que enviou na minha direcção. Majestoso já era ofensivo que chegasse sem que além disso eu aparentasse desprezar a filha de Vigas. Senti-me como se estivesse empoleirado numa vedação. Senti-me grato quando o Rei Sagaz se ergueu e a Rainha Kettricken insistiu em dar-lhe o braço para o ajudar a abandonar a sala. Majestoso franziu o sobrolho, de um modo algo ébrio, por ver a festa dispersar tão cedo, mas não fez qualquer esforço para persuadir o Duque Fortes e as filhas a ficar à mesa. Eles despediram-se de um modo algo rígido assim que Sagaz saiu. De igual modo, eu arranjei a desculpa de uma dor de cabeça e troquei os meus risonhos companheiros pela solidão do meu quarto. Assim que abri a porta e entrei no quarto, senti-me a pessoa mais impotente de Torre do Cervo. O verdadeiro Anónimo, o moço dos cães.

“Vejo que o jantar foi absolutamente fascinante para ti,” observou o Bobo. Suspirei. Não perguntei como ele tinha entrado. Não valia a pena fazer perguntas que não seriam respondidas. Estava sentado na minha lareira, com a silhueta delineada contra as chamas dançarinas do pequeno fogo que tinha aí acendido. Havia uma peculiar quietude nele, nenhum tilintar de campainhas, nenhuma avalanche de palavras trocistas.

“O jantar foi insuportável,” disse-lhe. Não me incomodei com velas. A minha dor de cabeça não fora inteiramente fictícia. Sentei-me, e depois estendi-me na cama com um suspiro. “Não sei

em que se está Torre do Cervo a tornar, nem o que eu posso fazer quanto a isso.”

“O que já fizeste talvez seja suficiente?”, aventou o Bobo.

“Nos últimos tempos não fiz nada digno de nota,” informei-o. “A menos que contes saber quando parar de responder a Majestoso.”

“Ah. Eis então uma habilidade que todos estamos a aprender,” concordou ele num tom taciturno. Ergueu os joelhos até ao queixo, repousou os braços em cima deles. Inspirou. “Então não tens novidades que queiras partilhar com um Bobo? Um Bobo muito discreto?”

“Não há nada que possa partilhar contigo que tu não saibas já, e que não tenhas mesmo, provavelmente, sabido primeiro do que eu.” A escuridão que havia no quarto era repousante. A minha dor de cabeça estava a passar.

“Ah.” Fez uma pausa delicada. “Poderei, talvez, fazer uma pergunta? Para ser respondida ou não, como achares melhor?”

“Poupa o fôlego e fá-la. Sabes que a farás, quer eu to permita ou não.”

“De facto, aí tens razão. Então muito bem. A pergunta. Ah, surpreendo-me a mim próprio, coro, coro mesmo. FitzCavalaria, terás tu feito um bastardo teu?”

Sentei-me lentamente na cama e fitei-o. Ele não se moveu nem vacilou. “O que foi que me perguntaste?”, quis saber em voz baixa.

Ele falou agora com suavidade, quase pedindo perdão. “Tenho de saber. Moli está à espera de um filho teu?”

Saltei sobre ele de cima da cama, agarrei-o pela garganta, e pu-lo em pé. Puxei o punho para trás, e então parei, chocado por aquilo que a luz da lareira revelou na sua cara.

“Bate à vontade,” sugeriu ele calmamente. “Novas nódoas negras não ficarão muito visíveis por cima das antigas. Posso esgueirar-me sem ser visto durante mais alguns dias.”

Retirei violentamente a mão de cima dele. Era estranho como o acto que estivera prestes a cometer parecia tão monstruoso depois de descobrir que alguém já o cometera. Assim que o larguei, ele virou-me as costas, como se a sua cara descorada e inchada o envergonhasse. A palidez da sua pele e a sua delicada estrutura óssea talvez fizessem com que tudo aquilo me parecesse mais horrendo. Era como se alguém tivesse feito aquilo a uma criança. Ajoelhei junto à lareira e pus-me a alimentar o fogo.

“Não viste suficientemente bem?” perguntou o Bobo com acidez. “Aviso-te: não fica melhor se lhe deres mais luz.”

“Senta-te na arca e despe a camisa,” disse-lhe bruscamente. Ele não se mexeu. Ignorei-o. Tinha uma pequena chaleira para aquecer água para o chá. Pu-la a aquecer. Acendi um castiçal e pousei-o na mesa, após o que fui buscar a minha pequena reserva de ervas. Não tinha muitas no quarto; desejei agora ter as reservas completas de Castro à disposição, mas tinha a certeza de que se saísse para ir até aos estábulos, o Bobo ter-se-ia ido embora quando regressasse. Mesmo assim, as ervas que tinha no meu quarto serviam principalmente para nódoas negras, golpes e o tipo de ferimentos a que a minha outra profissão me expunha mais frequentemente. Iriam servir.

Quando a água aqueceu, despejei um pouco na bacia para lavagens e acrescentei-lhe uma generosa mão-cheia de ervas, esmagando-as enquanto o fazia. Encontrei na arca uma camisa que já não me servia e transformei-a em trapos. “Vem até à luz.” Disse aquilo como um pedido. Após um momento de pausa ele obedeceu, mas movendo-se hesitante e timidamente. Olhei-o com brevidade, e então agarrei-lhe nos ombros e sentei-o em cima da arca. “O que te aconteceu?”, perguntei, impressionado pelos danos sofridos pela sua cara. Tinha os lábios feridos e inchados, e um olho tão inchado que quase não se abria.

“Tenho andado por Torre do Cervo, a perguntar a indivíduos de mau temperamento se foram pais de bastardos nos últimos tempos.” O seu único olho bom enfrentou o meu olhar furioso. Uma rede de vermelho cobria a sua parte branca. Descobri que não conseguia nem zangar-me com ele, nem rir.

“Devias saber o suficiente de medicina para tratar melhor de coisas como estas. Fica agora quieto.” Fiz uma compressa do trapo, encostei-a com gentileza mas firmemente ao seu rosto. Um momento mais tarde, ele descontraíu-se. Limpei algum sangue seco. Não havia muito; era óbvio que ele se tinha limpo depois do espancamento, mas alguns dos golpes tinham continuado a sangrar. Fiz correr os dedos com ligeireza ao longo das linhas do seu maxilar e em torno das órbitas. Pelo menos, nenhum osso parecia estar danificado. “Quem te fez isto?”, perguntei-lhe.

“Fui de encontro a uma série de portas. Ou da mesma várias vezes. Depende de qual a porta a que fizeres a pergunta.” Falava fluentemente, para um homem com os lábios esmagados.



“Fiz-te uma pergunta séria,” disse-lhe.

“E eu também.”

Voltei a fuzilá-lo com os olhos e ele baixou os seus. Por um momento, nenhum de nós falou enquanto eu procurava um boião de unguento que Castro me dera para golpes e arranhões. “Gostaria mesmo de saber a resposta,” fiz-lhe lembrar enquanto tirava a tampa do boião. O familiar odor penetrante subiu-me às narinas, e de súbito senti a falta de Castro com uma intensidade espantosa.

“Tal como eu.” Estremeceu ligeiramente sob o meu toque enquanto aplicava o unguento. Eu sabia que ardia. Também sabia que funcionava.

“Porque me fazes uma pergunta dessas?”, quis por fim saber.

Ele reflectiu por um momento. “Porque é mais fácil perguntar-te a ti do que perguntar a Kettricken se ela está à espera de um filho de Veracidade. Até onde eu consiga determinar, nos últimos tempos Majestoso só partilhou os seus favores consigo próprio, portanto isso põe-no de parte. Daí que o pai deve ser ou tu ou Veracidade.

Olhei-o sem expressão. Ele abanou a cabeça, triste por mim. “Não o sentes?”, perguntou quase num murmúrio. Perdeu os olhos na distância numa pose dramática. “As forças alteram-se. As sombras agitam-se. De súbito há uma ondulação nas possibilidades. Um reordenamento dos futuros, enquanto os destinos se multiplicam. Todos os caminhos divergem e voltam a divergir.” Voltou a olhar para mim. Sorri-lhe, pensando que brincava, mas a sua boca estava séria. “Há um herdeiro para a linhagem Visionário,” disse em voz baixa. “Tenho a certeza.”

Já alguma vez falharam um degrau no escuro? Há aquela súbita sensação de balançar à borda de algo e não se saber de todo quão grande poderá ser a queda. Eu disse, com demasiada firmeza: “Não gerei nenhum filho.”

O Bobo olhou-me com um olho céptico. “Ah,” disse, com falsa vivacidade. “Claro que não. Então deve ser Kettricken quem espera bebé.”

“Deve ser,” concordei, mas o coração afundou-se-me. Se Kettricken estava grávida, não teria motivos para o esconder. Ao passo que Moli teria. E eu não ia ver Moli há várias noites. Talvez tivesse notícias para me dar. Senti-me subitamente entontecido, mas forcei-me a inspirar de um modo longo e calmante. “Tira a camisa,” disse ao Bobo. “Vejamos o teu peito.”

“Eu já o vi, obrigado, e asseguro-te de que está ótimo. Quando me enfiaram o saco na cabeça, presumo que tenha sido para funcionar como alvo. Foram muito criteriosos com não bater em mais sítio nenhum.

A brutalidade do que lhe tinham feito reduziu-me a um silêncio repugnado. “Quem?”, logrei finalmente perguntar.

“Com um saco na cabeça? Vá lá, então. Consegues ver através de um saco?”

“Não. Mas deves ter suspeitas.”

Ele inclinou a cabeça para mim, incrédulo. “Se não sabes já quais são essas suspeitas, então és tu quem tem a cabeça enfiada num saco. Permite-me que faça nele um pequeno buraco. ‘Sabemos que és desonesto para com o rei, que espias para Veracidade, o pretendente. Não lhe envies mais mensagens, porque se enviases, nós saberemos.’ Virou-se para fitar a lareira, fez oscilar brevemente os calcanhares, *tunc, tunc, tunc*, de encontro à minha arca.

“Veracidade, o pretendente?”, perguntei, ultrajado.

“Não são palavras minhas. São deles,” fez ele notar.

Forcei-me a engolir a ira, tentei pensar. “Porque suspeitariam eles que espias para Veracidade? Enviaste-lhe mensagens?”

“Eu tenho um rei,” disse ele suavemente. “Embora ele nem sempre se lembre de que é meu rei. Tu é que tens de te manter alerta pelo teu. Como estou seguro de que fazes.”

“O que vais fazer?”

“O que sempre fiz. Que mais posso fazer? Não posso parar de fazer o que eles me ordenam para parar, porque nunca comecei.”

Uma arrepiante certeza subiu-me espinha acima. “E se eles voltarem a agir?”

Ele soltou uma gargalhada sem vida. “Não faz sentido preocupar-me com isso, pois não posso preveni-lo. Isso não é o mesmo que dizer que o aguarde com expectativa. Isto,” disse ele com um meio gesto na direcção da cara. “Isto acabará por sarar. O que eles fizeram ao meu quarto, não. Passarei semanas a limpar aquela confusão.”

As palavras trivializavam os factos. Uma terrível sensação de vazio ergueu-se dentro de mim. Estivera uma vez no quarto do Bobo. Fora uma longa subida por uma escada fora de uso, passando pela poeira e lixo de anos, até um aposento com vista por sobre os baluartes e que continha um jardim de maravilhas. Pensei nos peixes brilhantes que nadavam nos amplos boiões, nos jardins de

musgo nos seus recipientes, na minúscula criança de cerâmica, tão meticulosamente cuidada, no seu berço. Fechei os olhos enquanto ele alimentava as chamas, “Foram muito meticulosos. Que tolo que eu fui. Por pensar que existia no mundo algo como um lugar seguro.”

Não consegui olhá-lo. Com exceção da língua, era uma pessoa indefesa cujo único impulso era servir o seu rei. E salvar o mundo. E no entanto, alguém esmagara o seu. Pior, eu suspeitava que o espancamento que ele sofrera era uma vingança por algo que eu tinha feito.

“Eu podia ajudar-te a pô-lo nos eixos,” ofereci em voz baixa.

Ele abanou duas vezes a cabeça, tensa e rapidamente. “Acho que não,” disse. Então acrescentou, num tom de voz mais normal. “Sem ofensa.”

“Sem ofensa.”

Empacotei as ervas com o boião de unguento e o resto dos farapos da minha camisa. Ele saltou de cima da minha arca. Quando lhe ofereci o pacote, aceitou-o com uma expressão grave. Caminhou até à porta, rigidamente, apesar daquilo que afirmara sobre apenas lhe terem magoado o rosto. Junto à porta, virou-se. “Quando souberes com certeza, dizes-me?” Fez uma pausa significativa. A sua voz perdeu a força. “Afim de contas, se isto é o que fazem ao Bobo de um rei, o que poderão fazer a uma mulher à espera do herdeiro de um rei expectante?”

“Não se atreveriam,” disse eu furiosamente.

Ele fungou de desdém. “Ah não? Eu já não sei o que eles se atreveriam ou não a fazer, FitzCavalaria. E tu também não. Se fosse a ti, arranjaria uma maneira melhor de trancar a porta. A menos que queiras encontrar também a cabeça num saco.” Fez um sorriso que nem chegava a ser uma sombra do seu habitual esgar trocista, e voltou a esgueirar-se para o exterior. Fui até à porta depois de ele sair, e deixei cair a tranca no lugar. Encostei as costas à porta e suspirei.

“Está tudo muito bem para os outros, Veracidade,” disse em voz alta para o quarto silencioso. “Mas para mim, acho que devias dar meia volta agora mesmo e voltar para casa. Há mais do que Navios Vermelhos em movimento, e não sei porquê, mas desconfio que os Antigos não serão de grande ajuda contra as outras ameaças que enfrentamos.”

Esperei, na esperança de sentir algum tipo de sinal de que me

ouvira ou de acordo vindo dele. Nada houve. As minhas frustrações turbilhonaram em mim. Raramente estava certo de quando Veracidade estava consciente de mim, e nunca tinha a certeza de ele captar os pensamentos que desejava enviar-lhe. Voltei a perguntar a mim próprio por que motivo não teria ele instruído Serena quanto àquilo que desejava que fosse feito. Passara todo o Verão a enviar-lhe mensagens através do Talento sobre os Navios Vermelhos; porque estaria agora tão silencioso? Tê-la-ia contactado já e ela escondera-o? Ou talvez o tivesse revelado, apenas a Majestoso. Reflecti naquilo. As nódoas negras na cara do Bobo talvez fossem um reflexo da frustração de Majestoso por ver Veracidade consciente do que se ia passando na sua ausência. Não se entendia porque teria escolhido o Bobo como culpado. Talvez o tivesse simplesmente escolhido como escape da sua ira. O Bobo nunca evitara ofender Majestoso. Ou fosse quem fosse.

Mais tarde naquela noite, fui ter com Moli. Era uma altura perigosa para ir, visto que a Torre se encontrava muito animada com gente de fora e os criados extra para os servir. Mas as minhas suspeitas não me deixaram manter-me afastado. Quando bati na porta nessa noite, Moli respondeu através da madeira, “Quem é?”

“Sou eu,” respondi, incrédulo. Ela nunca antes perguntara.

“Oh,” respondeu, e abriu a porta. Deslizei para dentro e tranquei-a atrás de mim enquanto ela atravessava o quarto até à lareira. Ajoelhou-se na sua frente, acrescentando lenha que não fazia falta e sem olhar para mim. Envergava o seu vestido azul de criada, e ainda tinha o cabelo preso. Cada linha do seu corpo me avisava. Estava de novo metido em sarilhos.

“Lamento por não ter vindo cá muitas vezes nos últimos tempos.”

“Também eu,” disse Moli secamente.

Não me estava a dar grandes abertas. “Andam-se a passar muitas coisas, e estão-me a manter bastante ocupado.”

“Com o quê?”

Suspirei. Já sabia para onde aquela conversa se encaminhava. “Com coisas de que não te posso falar.”

“Claro.” Apesar de toda a calma e frieza na sua voz, eu sabia que a sua fúria turbilhonava logo abaixo da superfície. A menor palavra errada fá-la-ia rebentar. Não dizer nada também. Portanto a minha questão podia perfeitamente ser encarada de frente.

“Moli, a razão por que eu vim esta noite...”

“Oh, eu sabia que tinha de haver uma razão especial qualquer para tu finalmente apareceres. A única coisa que realmente me surpreende sou eu. Porque estou aqui? Porque é que venho directamente para o meu quarto depois dos deveres todos os dias e espero, para a improvável hipótese de apareceres? Há outras coisas que podia estar a fazer. Tem havido montes de menestréis e espectáculos de marionetas nos últimos tempos. O Príncipe Majestoso assegura-se disso. Podia estar junto a uma dessas lareiras menores com os outros criados, a desfrutar da sua companhia. Em vez de estar cá em cima sozinha. Ou podia adiantar algum trabalho. A cozinheira deixa-me usar a cozinha quando não há muito movimento. Tenho pavio, ervas e sebo; devia estar a usá-los enquanto as ervas ainda têm a potência completa. Mas não, estou cá em cima, para a hipótese improvável de que tu te lembres de mim e queiras passar uns momentos comigo.”

Fiquei imóvel como uma rocha sob o bater das vagas das suas palavras. Nada mais havia que pudesse fazer. Tudo o que ela disse era verdade. Olhei para os pés enquanto ela recuperava o fôlego. Quando voltou a falar, a ira atenuara-se-lhe na voz, para ser substituída por algo pior. Infelicidade e desencorajamento.

“Fitz, é tão difícil. De todas as vezes que penso que aceitei isto, viro uma esquina e apanho-me outra vez a ter esperança. Mas nunca vai haver nada para nós, pois não? Nunca vai haver um tempo que nos pertença só a nós, nunca vai haver um lugar que seja só nosso.” Fez uma pausa. Baixou os olhos, mordendo o lábio inferior. Quando falou, a voz tremia-lhe. “Eu vi Celeridade. É bela. Até arranjei uma desculpa para falar com ela... perguntei se precisavam de mais velas para os seus aposentos... Ela respondeu-me, acanhadamente, mas com cortesia. Até me agradeceu pela preocupação, como poucos aqui agradecem aos criados. Ela... ela é amável. Uma Dama. Oh, eles nunca te darão autorização para te casares comigo. Porque quererias casar com uma criada?”

“Tu para mim não és uma criada,” disse eu em voz baixa. “Nunca penso em ti dessa maneira.”

“Então o que sou? Não sou uma esposa,” fez ela notar em voz baixa.

“No meu coração, és,” disse eu num tom infeliz. Era um conforto miserável para lhe oferecer. Envergonhou-me que o aceitasse, e viesse descansar a testa no meu ombro. Abracei-a suavemente por

alguns momentos, e então puxei-a para um abraço mais quente. Enquanto ela se aninhava contra mim, disse suavemente para o seu cabelo: “Há uma coisa que tenho de te perguntar.”

“O quê?”

“Estás... à espera de bebé?”

“O quê?” Ela afastou-se de mim, para erguer os olhos para a minha cara.

“Estás à espera de um filho meu?”

“Eu... não. Não, não estou.” Uma pausa. “O que te faz perguntar uma coisa dessas de repente?”

“Ocorreu-me a dúvida. Foi só isso. Quer dizer...”

“Eu sei o que queres dizer. Se estivéssemos casados e eu ainda não estivesse grávida, os vizinhos andariam a abanar as cabeças à nossa conta.”

“Ah sim?” Uma coisa dessas nunca antes me ocorrera. Sabia que havia quem se interrogasse sobre se Kettricken seria estéril, uma vez que não concebera em mais de um ano de casamento, mas uma preocupação sobre a sua falta de filhos era assunto público. Eu nunca pensara em vizinhos a observar recém-casados com expectativa.

“Claro. Por esta altura, alguém me teria oferecido uma receita de chá, que lhe teria sido transmitida pela mãe. Ou dente de javali em pó para te despejar na cerveja à noite.”

“A sério?” Puxei-a para mais perto de mim, sorrindo tolamente.

“Hm.” Ela sorriu-me também. O sorriso desvaneceu-se lentamente. “Acontece,” disse em voz baixa, “que há outras ervas que eu tomo. Para me assegurar de que não concebo.”

Havia-me praticamente esquecido da repreensão de Paciência naquele dia. “Há ervas dessas, segundo ouvi dizer, que podem deixar uma mulher doente, se as toma durante muito tempo.”

“Eu sei o que estou a fazer,” disse ela sem expressão. “Além disso, qual é a alternativa?”, acrescentou, com menos ânimo.

“O desastre,” concedi.

Ela assentiu com a cabeça contra o meu corpo. “Fitz. Se eu tivesse dito que sim esta noite. Se estivesse grávida... o que terias feito?”

“Não sei. Não pensei nisso.”

“Pensa nisso agora,” pediu-me.

Falei lentamente. “Suponho que... arranjará um lugar para ti, de algum modo, algures.” (Iria ter com Breu, iria ter com Castro, e suplicaria ajuda. Intimamente, empalideceria ao pensar nisso.) “Um

lugar seguro. Longe de Torre do Cervo. Talvez a montante, ao longo do rio. Iria visitar-te quando pudesse. De algum modo, tomaria conta de ti.”

“O que estás a dizer é que me porias de lado. A mim, e ao nosso... ao meu filho.”

“Não! Manter-te-ia a salvo, pôr-te-ia onde ninguém pudesse envergonhar-te ou troçar de ti por teres um filho sozinha. E quando pudesse, iria ter contigo e com o *nosso* filho.”

“Alguma vez pensaste que podias vir connosco? Que podíamos abandonar Torre do Cervo, tu e eu, e ir para montante do rio agora?”

“Eu não posso abandonar Torre do Cervo. Já te expliquei isso de todas as maneiras que conheço.”

“Eu sei que explicaste. Tentei compreender. Mas não vejo porquê.”

“O trabalho que faço pelo rei é tal que...”

“Deixa de o fazer. Que outra pessoa o faça. Vem embora comigo, para uma vida que seja nossa.”

“Não posso. Não é assim tão simples. Não me seria permitido que simplesmente partisse assim.” Sem que eu soubesse como, tínhamo-nos largado. Agora, ela fechava os braços em torno do peito.

“Veracidade partiu. Quase ninguém acredita que regresse. O Rei Sagaz fica mais fraco dia após dia, e Majestoso prepara-se para herdar. Se metade dos sentimentos de Majestoso por ti são como dizes que são, porque haverias tu de desejar ficar aqui com ele como rei? Porque quereria ele manter-te aqui? Fitz, não vês que está tudo a desmoronar-se? As Ilhas Próximas e Barca são só o princípio. Os Salteadores não pararão aí.”

“O que é mais um motivo para eu ficar aqui. Para trabalhar e, se for necessário, para lutar pelo nosso povo.”

“Um homem não os pode parar,” fez Moli notar. “Nem mesmo um homem tão teimoso como tu. Porque não pegar em toda essa teimosia e lutar por nós? Porque não fugimos, pelo rio acima e para o interior, para longe dos Salteadores, para uma vida que seja nossa? Porque haveremos de dar tudo por uma causa sem esperança?”

Não conseguia acreditar no que estava a ouvi-la dizer. Se eu o tivesse dito, teria sido traição. Mas ela dizia-o como se fosse o mais comum dos sentidos. Como se ela, eu e uma criança que ainda não existia fôssemos mais importantes do que o rei e os Seis Ducados juntos. Foi o que disse.

“Bem,” respondeu-me, olhando-me sem expressão. “É verdade. Para mim. Se fosses meu marido e eu tivesse um filho nosso, é essa a importância que isso teria para mim. Mais importante do que o resto do mundo inteiro.”

E que podia eu responder àquilo? Tentei alcançar a verdade, sabendo que não a satisfaria. “Tu terias essa importância para mim. Tens essa importância para mim. Mas é também por isso que tenho de ficar aqui. Porque algo assim tão importante não é algo com que se fuja e esconda. É algo com que há que marcar posição e que há que defender.”

“Defender?” A sua voz subiu uma nota. “Quando aprenderás que não somos suficientemente fortes para nos defendermos? Eu sei. Estive entre Salteadores e crianças do meu próprio sangue, e por pouco não sobrevivia. Quando tiveres feito isso, vem falar-me de nos defendermos!”

Fiquei em silêncio. Não era só que as suas palavras me tivessem ferido. Tinham, e profundamente. Mas ela trouxera de volta a memória de pegar numa criança ao colo, estudando o sangue que pingava do seu braço que arrefecia. Não conseguia suportar a ideia de algum dia voltar a fazê-lo. Mas não podia fugir dela. “Não existe fuga, Moli. Ou marcamos aqui posição e lutamos, ou somos massacrados quando o combate nos alcançar.”

“Ah sim?”, perguntou-me ela friamente. “Isso não és só tu a pores a lealdade ao rei à frente daquilo que temos?” Não fui capaz de a olhar nos olhos. Ela soltou uma fungadela. “És tal e qual o Castro. Nem tu sabes o quanto és parecido com ele!”

“Com Castro?” Fiquei atrapalhado. Estava surpreendido por ela dizer aquilo, e mais ainda por o dizer como se fosse um defeito.

“Sim.” Estava decidida.

“Porque sou leal ao meu rei?” Continuava às apalpadelas.

“Não! Porque pões o teu rei à frente da tua mulher... ou do teu amor, ou da tua vida.”

“Não sei de que estás tu a falar!”

“Aí tens! Vês? Realmente não sabes. E andas por aí, agindo como quem sabe todas essas grandes coisas e segredos e todas as coisas importantes que alguma vez aconteceram. Então responde-me a isto. Porque é que Paciência odeia Castro?”

Agora estava completamente desconcertado. Não fazia a mínima ideia de como aquilo se encaixava no que estava de errado co-



migo. Mas sabia que Moli faria de algum modo uma ligação. Cautelosamente, tentei: “Ela culpa-o por mim. Pensa que Castro levou Cavalaria por maus caminhos... e portanto o levou a conceber-me.”

“Aí tens. Vês? A tua estupidez é tão grande como isso. Não é nada que se pareça. Renda contou-me, uma noite. Um pouco de vinho de sabugueiro a mais, e eu estava a falar de ti e ela de Castro e Paciência. Paciência começou por amar Castro, seu idiota. Mas ele não quis aceitá-la. Disse que a amava, mas que não podia casar com ela, mesmo se o pai consentisse que ela se casasse abaixo da sua posição. Porque já estava ajuramentado, de vida e espada, a um senhor seu. E não pensava que seria capaz de fazer justiça a ambos. Oh, ele disse que gostaria de ser livre para casar com ela e que gostaria de não ter prestado juramento antes de a conhecer. Mas mesmo assim disse-lhe que não era livre para casar com ela. Disse-lhe qualquer coisa estúpida sobre o cavalo só poder usar uma sela, por maior que seja a sua boa vontade. De modo que ela lhe disse, bem, então vai lá, vai seguir esse senhor que é mais importante para ti do que eu. E foi o que ele fez. Tal como tu farias, se eu te dissesse que tinhas de escolher.” Havia dois pontos de cor nas suas bochechas. Atirou a cabeça para trás quando me virou as costas.

Portanto ali estava a ligação com a minha falta. Mas a minha mente cambaleava, enquanto peças e bocados de histórias e comentários de súbito encaixavam nos seus lugares. A história de Castro sobre como conhecera Paciência. Ela estivera sentada numa macieira, e exigira que ele lhe tirasse uma pua do pé. Dificilmente seria algo que uma mulher pedisse a um homem de mão do seu senhor. Mas era algo que uma jovem donzela frontal poderia pedir a um jovem que lhe tivesse interessado. E a reacção dele na noite em que lhe falara sobre Moli e Paciência, e repetira as palavras de Paciência sobre cavalos e selas.

“Cavalaria sabia alguma coisa de tudo isto?”, perguntei.

Moli girou sobre si própria para me examinar. Era evidente que aquela não era a pergunta que esperara que eu fizesse. Mas também não podia resistir a concluir a história. “Não. A princípio não. Quando Paciência veio conhecê-lo, não fazia nenhuma ideia de que era ele o amo de Castro. Castro nunca lhe dissera a que senhor estava ajuramentado. A princípio Paciência não queria ter nada a ver com Cavalaria. Castro ainda era dono do seu coração, percebes? Mas Cavalaria era teimoso. Julgando pelo que Renda diz, ele amava-a lou-

camente. Conquistou-lhe o coração. Foi só depois de ela dizer sim e de casar com ele, que descobriu que ele era o amo de Castro. E só porque Cavalaria mandou Castro entregar-lhe um cavalo especial.

De súbito lembrei-me de Castro nos estábulos, a olhar a montada de Paciência e a dizer: “Eu treinei aquele cavalo.” Perguntei a mim próprio se teria treinado Seda, sabendo que iria ser entregue a uma mulher que amara, como presente do homem que iria desposá-la. Era capaz de apostar que sim. Sempre pensara que o desdém de Paciência por Castro era uma espécie de ciúme por Cavalaria gostar tanto dele. Agora o triângulo era ainda mais estranho. E infinitamente mais doloroso. Fechei os olhos e abanei a cabeça perante a injustiça do mundo. “Nunca nada é simples e bom,” disse de mim para mim. “Há sempre algures uma casca amarga, uma pevide azeda.”

“Sim.” A ira de Moli pareceu de súbito esgotada. Sentou-se na beira da cama, e quando me fui sentar a seu lado, não me afastou. Peguei-lhe na mão e abracei-a. Mil pensamentos aglomeravam-se-me na mente. Como Paciência odiava o facto de Castro beber. Como Castro recordara o seu cãozinho de colo e o modo como ela andava sempre com ele metido num cesto. O cuidado que ele tinha sempre com a sua aparência e comportamento. “Lá por não conseguires ver uma mulher, não quer dizer que ela não te veja a ti.” Oh, Castro. O tempo extra que ainda passava a cuidar de um cavalo que já raramente montava. Pelo menos Paciência tivera um casamento com um homem que amava, e alguns anos de felicidade, apesar de complicados como foram por intrigas políticas. Mas alguns anos de felicidade, de qualquer forma. O que teríamos nós, Moli e eu? Só o que Castro tinha agora?

Ela encostou-se a mim e eu abracei-a por muito tempo. Foi tudo. Mas de algum modo, naquele abraço melancólico naquela noite estivemos mais próximos do que estávamos há muito, muito tempo.